



**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara – SP
Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa**

TAMIRES COSTA E SILVA MIELO

**A FORMAÇÃO DE ADJETIVOS E PROCESSOS
MORFOFONOLÓGICOS NO PORTUGUÊS ARCAICO:
UMA ANÁLISE SEGUNDO A TEORIA DA OTIMALIDADE**



ARARAQUARA – S.P.

2018

TAMIRES COSTA E SILVA MIELO

**A FORMAÇÃO DE ADJETIVOS E PROCESSOS
MORFOFONOLÓGICOS NO PORTUGUÊS ARCAICO:
UMA ANÁLISE SEGUNDO A TEORIA DA OTIMALIDADE**

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Análise Fonológica, Morfosintática, Semântica e Pragmática.

Orientador: Prof. Dr. Daniel Soares da Costa.

ARARAQUARA – S.P.

2018

TAMIREZ COSTA E SILVA MIELO

**A FORMAÇÃO DE ADJETIVOS E PROCESSOS
MORFOFONOLÓGICOS NO PORTUGUÊS ARCAICO: UMA
ANÁLISE SEGUNDO A TEORIA DA OTIMALIDADE**

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Análise Fonológica, Morfossintática, Semântica e Pragmática.

Orientador: Prof. Dr. Daniel Soares da Costa.

Data da defesa: 25/01/2017

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof. Dr. Daniel Soares da Costa
UNESP/FCL-Araraquara

Membro Titular: Prof. Dr. Luiz Carlos Cagliari
UNESP/FCL-Araraquara

Membro Titular: Profa.Dra. Juliana Bertucci Barbosa
UFTM/Campus Uberaba

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

Mielo, Tamires Costa e Silva

A formação de adjetivos e processos morfofonológicos no Português Arcaico: uma análise segundo a Teoria da Otimalidade / Tamires Costa e Silva Mielo – 2018

139 f.

Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara)

Orientador: Daniel Soares da Costa

1. Morfofonologia. 2. Adjetivos. 3. Português Arcaico. 4. Cantigas de Santa Maria. 5. Teoria da Otimalidade. I. Título.

AGRADECIMENTOS

Chegando ao fim desta etapa, não posso deixar de agradecer a muitas pessoas que estiveram comigo ao longo desta caminhada.

Primeiramente, agradeço a Deus pela oportunidade de estar onde estou, fazendo o que faço, junto de pessoas especiais.

Agradeço aos meus pais, Silmara e Marcos, que, mesmo à distância, sempre me incentivaram a seguir meus estudos, até nos momentos mais difíceis, acreditando em mim quando eu mesma não acreditei. Agradeço à minha irmã, Tainá, que é minha maior confidente e conselheira e a todos os outros da minha família, que, por meio de seu incentivo, sempre me fizeram caminhar pra frente.

Agradeço ao meu orientador, Daniel Soares da Costa, pela paciência e persistência ao guiar meus passos, e por suas lições valiosas que levarei para a vida. Obrigada por dividir comigo as reflexões, preocupações e conquistas.

Agradeço ao José Gabriel, companheiro de vida, por me mostrar que as alegrias só valem a pena quando são compartilhadas, que nunca é necessário sofrer por antecedência, pois as coisas acontecem sempre como devem acontecer e por me ensinar o verdadeiro significado de companheirismo e cumplicidade.

Agradeço às minhas amigas de Araraquara, Carolina e Marina, por deixarem a vida de pós-graduanda mais leve e à Ana Carolina, por sempre me receber como uma irmã em sua casa e por ser uma grande companheira de trabalho. Obrigada também aos meus vizinhos Eduarda, Sérgio e Patrick. Vocês todos me mostraram que é possível formar uma família mesmo longe de casa.

Por fim, agradeço às professoras Rosane Berlinck e Juliana Fontes por fazerem parte da minha banca de qualificação, com observações valiosas que me ajudaram muito na conclusão deste trabalho. A elas e a todos os outros professores que já passaram pela minha vida deixo meu muito obrigada. Espero um dia fazer essa mesma diferença que vocês fizeram em minha vida na vida de outras pessoas.

Muito obrigada!

“Esse que em mim envelhece
assomou ao espelho
a tentar mostrar que sou eu.

Os outros de mim,
fingindo desconhecer a imagem,
deixaram-me, a sós, perplexo,
com meu súbito reflexo.

A idade é isto: o peso da luz
com que nos vemos.”

Mia Couto

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar, por meio da Teoria da Otimalidade, os processos morfofonológicos desencadeados pela formação de adjetivos no Português Arcaico. Para tal, foi feito o levantamento de 269 adjetivos, retirados das 100 primeiras Cantigas de Santa Maria, documento representativo do período do Português Arcaico. Depois de selecionados, os adjetivos foram divididos em primitivos e derivados, de modo que os derivados totalizaram 191 vocábulos. A partir daí, foi feita, primeiramente, uma análise morfológica, verificando quais são os tipos de formação de adjetivos existentes no Português Arcaico, sendo a sufixação o mais recorrente entre eles. Em seguida, verificamos também que o sufixo -do é o mais produtivo de adjetivos nesse período da língua, seguido do sufixo -oso, também bastante produtivo.

Em um segundo momento, foi feita a análise fonológica dos vocábulos que sofreram algum tipo de adaptação morfofonológica em seu processo de formação segundo a Teoria da Otimalidade. Essa análise mostrou que a restrição que proíbe formação de hiato é alta na hierarquia das restrições do Português Arcaico, fato que explica o grande número de supressão ou queda de vogais temáticas da base na formação de novos vocábulos.

Ademais, tentamos encontrar uma hierarquia de restrições que desse conta do maior número de vocábulos e de adaptações sofridas por eles.

Palavras-chave: Português Arcaico; Morfofonologia; Cantigas de Santa Maria; Adjetivos; Teoria da Otimalidade.

ABSTRACT

This paperwork aims to analyze, through the Optimality Theory, the morphophonological processes unleashed by the formation of adjectives in Ancient Portuguese. To do so, 269 were collected from the first 100 *Cantigas de Santa Maria*, important document from the Ancient Portuguese period. After collected, the adjectives were divided between primitive and derived. The derived adjectives totalized 191. After that, a morphological analysis was done, to verify what are the existing adjectives formation processes in Ancient Portuguese, being the suffixation the most common among them. We verified next that the suffix -do is the most productive of adjectives in this period, followed by suffix -oso, also very productive.

Thereafter, we did the phonological analysis in the words that suffered some kind of morphophonological adaptation in its formation process, through the Optimality Theory. This analysis showed that the constraint that forbids the hiatus formation is high in the ranking of constraints in Ancient Portuguese, what explains the great number of theme vowels suppression in the base form during the formation of new words.

Furthermore, we tried to find a ranking of constraints valid for the greatest number of adjectives and of adaptations suffered by them.

Keywords: Ancient Portuguese; Morphophonology, *Cantigas de Santa Maria*; Adjectives; Optimality Theory.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Retrato de Afonso X de Leão e Castela no Livro de retratos de los Reyes, 1594.	21
Figura 2. Exemplo de página de pergaminho de um dos códices que se encaixa na descrição- Cantiga 168	26
Figura 3. Judío aprendiendo a leer en compañía de cristianos.	27
Figura 4. Partitura referente à cantiga 257.	28
Figura 5. Cantiga 21	29
Figura 6. Página do glossário com vocábulos na letra G	30
Figura 7. Gráfico dos adjetivos formados em -al	75
Figura 8. Gráfico dos adjetivos formados em -ão	77
Figura 9. Gráfico dos adjetivos formados em -eiro	79
Figura 10. Gráfico dos adjetivos formados em -nte	80
Figura 11. Gráfico dos adjetivos formados em -oso	83
Figura 12. Gráfico dos adjetivos formados em -udo	86
Figura 13. Gráfico dos adjetivos formados em -or	87
Figura 14. Gráfico dos adjetivos formados em -inno	89
Figura 15. Gráfico dos adjetivos formados em -do	94
Figura 16. Gráfico dos adjetivos formados a partir de participípios irregulares	97

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Adjetivos formados por sufixação em -al	74
Quadro 2. Adjetivos formados por sufixação em -ão	76
Quadro 3. Adjetivos formados por sufixação em -eiro	78
Quadro 4. Adjetivos formados por sufixação em -nte	80
Quadro 5. Adjetivos formados por sufixação em -oso	81
Quadro 6. Adjetivos formados por sufixação em -udo	85
Quadro 7. Adjetivos formados por sufixação em -or	86
Quadro 8. Adjetivos formados por sufixação em -inno	88
Quadro 9. Adjetivos formados por sufixação em -do	90
Quadro 10. Adjetivos formados a partir de participípios irregulares	96
Quadro 11. Adjetivos formados por outros afixos	100
Quadro 12. Análise de 'infernai'	105
Quadro 13. Análise da palavra 'certão'	106
Quadro 14. Análise de 'verdadeiro'	107
Quadro 15. Análise de 'mentiroso'	107
Quadro 16. Análise de 'barvudo'	108
Quadro 17. Análise de 'pequeninno'	108
Quadro 18. Análise de 'montes'	109
Quadro 19. Análise de 'risonno'	109
Quadro 20. Possível análise de 'terreal'	110
Quadro 21. Análise de 'temudo'	112
Quadro 22. Análise de 'salvo'	114
Quadro 23. Análise de 'quedado' e 'quedo'	116
Quadro 24. Análise de 'piadoso'	116
Quadro 25. Análise de 'senlleiro'	118

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Quantidade de adjetivos formados em -al.....	75
Tabela 2. Quantidade de adjetivos formados em -ão.....	76
Tabela 3. Quantidade de adjetivos formados em -eiro	79
Tabela 4. Quantidade de adjetivos formados em -nte.....	80
Tabela 5. Quantidade de adjetivos formados em -oso.....	83
Tabela 6. Quantidade de adjetivos formados em -udo	85
Tabela 7. Quantidade de adjetivos formados em -or	87
Tabela 8. Quantidade de adjetivos formados em -inno	88
Tabela 9. Quantidade de adjetivos formados em -do	94
Tabela 10. Quantidade de adjetivos formados a partir de participios irregulares	97
Tabela 11. Combinações de processos desencadeados	102
Tabela 12. Percentual de adjetivos que não sofreram processos fonológicos	104
Tabela 13. Porcentagem dos vocábulos que sofreram supressão ou crase da VT.....	105
Tabela 14. Porcentagem dos vocábulos que sofreram alçamento de VT	109
Tabela 15. Porcentagem dos vocábulos que sofreram inserção de consoante.....	112
Tabela 16. Porcentagem dos vocábulos que sofreram supressão de consoante e da VT	113
Tabela 17. Porcentagem de vocábulos que sofreram haplologia.....	115
Tabela 18. Porcentagem de vocábulos que sofrem supressão de consoante e de vogal do radical	117
Tabela 19. Porcentagem dos vocábulos que apresentam exceções	118

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 AS CANTIGAS DE SANTA MARIA E O PORTUGUÊS ARCAICO	16
1.1 Periodização do Português arcaico	16
1.2 D. Afonso X e sua relação com as Cantigas de Santa Maria	19
<i>1.2.1 D. Afonso X, o Sábio.....</i>	<i>20</i>
<i>1.2.2 D. Afonso X e o galego-português.....</i>	<i>22</i>
1.3 As Cantigas de Santa Maria: ontem e hoje	23
<i>1.3.1 Os manuscritos</i>	<i>25</i>
<i>1.3.2 A edição de Mettmann.....</i>	<i>27</i>
1.4 Considerações finais	31
2 PRESSUPOSTOS DA MORFOLOGIA.....	32
2.1 A definição de palavra.....	32
2.2 Morfema, morfe e alomorfe	34
2.3 Base, raiz e radical.....	36
2.4 Afixos: prefixos e sufixos.....	38
<i>2.4.1 Prefixos.....</i>	<i>38</i>
<i>2.4.2 Sufixos.....</i>	<i>38</i>
2.5 Desinências	39
<i>2.5.1 Desinência de gênero</i>	<i>39</i>
<i>2.5.2 Desinências de número.....</i>	<i>40</i>
<i>2.5.3 Desinências verbais.....</i>	<i>41</i>
2.6 Vogal temática	41
2.7 A formação de palavras	42
<i>2.7.1 Derivação</i>	<i>44</i>
<i>2.7.2 Composição</i>	<i>46</i>
2.8 A classe dos adjetivos	47
<i>2.8.1 Gradiênciagramatical</i>	<i>49</i>
<i>2.8.2 Intersectivegradience</i>	<i>50</i>
2.9 Análise em constituintes imediatos	51
2.10 Considerações finais	51
3 PRESSUPOSTOS DA FONOLOGIA	53
3.1 Fonema, fone e alofone.....	53
3.2 Traços distintivos.....	55

3.3 Estrutura silábica	58
3.3.1 <i>Moldes silábicos</i>	59
3.4 Processos fonológicos.....	61
3.5 Teoria da Otimalidade	63
3.5.1 <i>Conceitos da TO.....</i>	64
3.5.2 <i>Exemplos de análises.....</i>	67
3.6 Considerações finais	69
4 METODOLOGIA.....	71
4.1 <i>Coleta do corpus</i>	71
4.2 <i>Análise morfológica</i>	72
4.3 <i>Análise fonológica</i>	72
5 ANÁLISE MORFOLÓGICA.....	74
5.1 <i>Sufixação em -al.....</i>	74
5.2 <i>Sufixação em -ão</i>	76
5.3 <i>Sufixação em -eiro</i>	78
5.4 <i>Sufixação em -nte.....</i>	80
5.5 <i>Sufixação em -oso</i>	81
5.6 <i>Sufixação em -udo.....</i>	85
5.7 <i>Sufixação em -or</i>	86
5.8 <i>Sufixação em -inno</i>	88
5.9 <i>Sufixação em -do.....</i>	89
5.10 <i>Formações irregulares.....</i>	96
5.11 <i>Outros afixos</i>	100
5.12 <i>Considerações finais</i>	101
6 ANÁLISE FONOLÓGICA.....	102
6.1 <i>Vocábulos livres de adaptações fonológicas</i>	103
6.2 <i>Supressão ou crase da vogal temática.....</i>	105
6.3 <i>Alçamento de VT</i>	109
6.4 <i>Inserção de consoante.....</i>	112
6.5 <i>Supressão de consoante e da VT</i>	113
6.6 <i>Haplologia</i>	115
6.8 <i>Supressão de consoante e de vogal do radical.....</i>	117
6.9 <i>Exceções.....</i>	118
6.10 <i>Considerações finais</i>	120
CONCLUSÃO.....	122

REFERÊNCIAS	124
APÊNDICE A	127
APÊNDICE B.....	128

INTRODUÇÃO

Diante das mudanças da língua, estamos sempre nos perguntando como ela funciona, quais mecanismos a regem e de que maneira essas mudanças são desencadeadas e se organizam. Um olhar sincrônico pode responder essas perguntas, mas olhar para o passado pode nos mostrar o quanto a língua foi diferente em outro período e podemos verificar como esse funcionamento se desenvolveu ao longo do tempo. Sendo assim, o presente estudo tem o objetivo de contribuir para os estudos linguísticos, analisando a formação de adjetivos no Português Arcaico (doravante PA) e os processos morfofonológicos desencadeados por essas formações.

Hoje em dia, é possível perceber que a formação de adjetivos por sufixação acarreta adaptações que foram motivadas fonologicamente. É o caso da supressão ou queda da vogal temática (doravante VT), em formações como ‘guloso’, por exemplo, em que a VT da base ‘gula’ foi suprimida diante da junção do sufixo -oso, formador de adjetivos em Português.

O olhar para esse aspecto no PA teve início em um trabalho anterior, de conclusão de curso, intitulado “A formação de adjetivos no Português Arcaico” (MIELO, 2015), em que foram mapeados os adjetivos das 30 primeiras Cantigas de Santa Maria e quantificados os sufixos mais produtivos, destacando-se, entre eles, os sufixos -do e -oso. Neste trabalho, verificamos que alguns processos morfofonológicos foram desencadeados pela formação de adjetivos derivados, o que nos levou a este estudo, que busca descrever não só os processos morfológicos, mas também os morfofonológicos.

As interferências fonológicas podem ser percebidas de diversas maneiras, seja diante da queda ou crase da VT, como em ‘mentireiro’ e ‘mentiral’ (mentira + eiro, mentira + al), respectivamente; alçamento da VT, como em ‘terreal’ (terra + al); inserção de segmento consonantal, como em ‘dereitureiro’ (direito + r + eiro); haplogia, como em ‘piadoso’ (piadade + oso); ou, ainda, desnasalização, como em ‘religioso’ (religion + oso). Esses foram alguns dos processos morfofonológicos encontrados em nosso *corpus* e serão analisados à luz da Teoria da Otimalidade (doravante TO).

A TO é uma teoria baseada no ranqueamento de restrições linguísticas. De acordo com a TO, toda língua possui restrições linguísticas hierarquizadas, de modo que algumas são mais facilmente violadas que outras. Por meio da TO, podemos entender

por que algumas adaptações fonológicas são desencadeadas e quais restrições regem o funcionamento do sistema analisado, o PA.

Para a coleta dos vocábulos do *corpus*, escolhemos as Cantigas de Santa Maria, importante documento do PA que marca essa época dos primeiros textos escritos em galego-português. Para a análise, foram coletados 269 adjetivos, dentre os quais 78 foram considerados primitivos e 191 foram analisados como derivados de outros vocábulos. A partir disso, fizemos a análise das formações em dois níveis diferentes: no nível morfológico, por meio da análise em constituintes imediatos, e no nível fonológico, por meio da TO.

Nosso principal objetivo é identificar os processos morfofonológicos desencadeados na formação de adjetivos no PA e quais restrições estão envolvidas nesse processo, tentando, também, encontrar uma hierarquia que explique todos, ou, pelo menos, grande parte dos processos. No entanto, percebemos que algumas alomorfas, seja na base, seja no afixo, não são fonologicamente justificáveis e se dão no nível morfológico. Ademais, mesmo não se tratando de um estudo comparativo, algumas analogias foram feitas com o Português Brasileiro atual (doravante PB) durante as análises.

Por fim, ressaltamos que este estudo pretende contribuir com o entendimento do mecanismo fonológico do PA e de que maneira este nível influencia no nível morfológico, principalmente diante de processos formadores de adjetivos. Para tal, o presente trabalho está dividido em seis seções, das quais as três primeiras estão ligadas a questões teóricas referentes ao PA, à Morfologia e à Fonologia. A quarta seção mostra a metodologia seguida desde a coleta dos dados até as análises. A quinta e sexta seções trazem, respectivamente, as análises morfológica e fonológica.

Mais especificamente, na primeira seção apresentamos um panorama geral das Cantigas de Santa Maria, seu contexto histórico, autoria, e justificativa da sua escolha para coleta do nosso *corpus*. Na segunda seção, temos a apresentação e discussão de alguns conceitos do campo da Morfologia, e o equivalente do campo da Fonologia na terceira seção, bem como uma breve introdução à Teoria da Otimalidade. Na quarta seção detalhamos a metodologia utilizada para a coleta do *corpus* e para as análises. A quinta seção é dedicada à análise morfológica dos vocábulos e está dividida em subseções que tratam de cada tipo de formação. Por fim, na Seção 6 apresentamos a análise fonológica dos vocábulos, em que os analisamos por processos desencadeados e chegamos a uma hierarquia de restrições para os diferentes contextos fonológicos.

1 AS CANTIGAS DE SANTA MARIA E O PORTUGUÊS ARCAICO

O presente estudo tem como objetivo fazer um levantamento dos processos de formação de adjetivos e suas conseqüências morfofonológicas no Português arcaico. Para representar esse período, foram escolhidas as Cantigas de Santa Maria, uma compilação de mais de 400 cantigas, feitas em homenagem à Virgem pelos trovadores da época. Foram extraídos os adjetivos das cem primeiras cantigas, com o objetivo de obter um *corpus* em que fosse mais fácil encontrar padrões e recorrências.

As CSM foram escolhidas por serem um importante documento da época. Esta seção dedica-se à justificativa dessa escolha por meio de um panorama geral sobre as cantigas, desde sua compilação, atribuída a Dom Afonso X, até sua edição mais moderna, de autoria de Mettmann (1959), usada para este trabalho. Além disso, pretendemos mostrar, cronologicamente, o que consideramos, aqui, Português Arcaico e suas possíveis delimitações temporais.

1.1 Periodização do Português arcaico

Esta subseção dedica-se a apresentar algumas questões relacionadas à periodização do PA, com o objetivo de esclarecer o porquê da escolha das CSM como texto representativo da época em questão.

A delimitação temporal do PA, ainda hoje, é pouco precisa. Como reforça Costa (2006, p.18), não há registro da oralidade da língua daquela época e não há mais falantes vivos daquele período, por isso, não podemos afirmar, com precisão, quais são as manifestações em português, na modalidade oral, do momento histórico em questão. Diante disso, as delimitações feitas em relação ao PA são baseadas em registros escritos da língua, como é o caso das CSM.

Essa questão da delimitação temporal ainda é motivo de controvérsias entre os autores. Segundo Mattos e Silva (2006, p.21), denomina-se Português Arcaico, de maneira geral, o período histórico da língua portuguesa que vai do século XIII ao XV. A autora afirma, ainda, que o Testamento de Afonso II, de 1214, e a Notícia do Torto, escrita entre 1214 e 1216 marcam o início da história da escrita em língua portuguesa. Essa afirmação é aceita por muitos. Porém, não podemos deixar de citar, por exemplo, as palavras de Maia (1999, p.22), que diz que “[...] em virtude de qualquer periodização histórica estar condicionada pelos critérios em que se apoia, os quais decorrem da

perspectiva científica em que se coloca o investigador, ela tem um caráter em parte arbitrário e artificial”, ou seja, a autora afirma que estudos referentes a delimitações periódicas das línguas nem sempre são precisos, devido aos critérios escolhidos para essas pesquisas. É por isso que temos, portanto, nomenclaturas diferentes por parte dos autores para o mesmo período da língua.

Se, por um lado, as delimitações acerca do início do Português arcaico encontram-se dentro de um consenso maior, por outro, sua subdivisão e limite final ainda são questões em aberto. Como ilustra Castro (org., 1988 *apud* MATTOS E SILVA, 2006, p. 25), há diferentes propostas para a periodização da língua portuguesa:

Quadro 1. Propostas de periodização para a história da língua portuguesa

Época	Leite de Vasconcelos	Silva Neto	Pilar V. Cuesta	Lindley Cintra
Até s. IX (882)	Pré-histórico	Pré-histórico	Pré-literário	Pré-literário
Até +/- 1200 (1214- 1216)	Proto-histórico	Proto-histórico		
Até 1385/1420	Português arcaico	Trovadoresco	Galego-português	Português antigo
Até 1536/1550		Português comum	Português pré-clássico	Português médio
Até s. XVIII	Português moderno	Português moderno	Português clássico	Português clássico
Até s. XIX/XX			Português moderno	Português moderno

FONTE: Castro (1988 *apud* Mattos e Silva, 2006, pág. 25)

A compilação¹ das CSM está datada, segundo Ferreira (2006-2007, p. 119), entre os anos de 1264 e 1284, período de grande fertilidade literária, que marca o início do que chamamos, neste trabalho, de Português Arcaico. Além desse autor, Massini-Cagliari (2005, p.36) também afirma que as cantigas religiosas, como é o caso das CSM, datam do final do século XIII, quando então reinava D. Afonso X, rei de Leão e Castela. A língua aqui estudada é, portanto, a correspondente ao período de reinado de D. Afonso X, indo até 1284, ano de sua morte.

Favaro (2012, p. 27), cujo objeto de pesquisa é também as CSM, diz que:

¹ A questão da autoria e criação das cantigas será discutida mais à frente, mas é importante lembrar que elas não foram todas compostas de uma só vez e nem por um só artista.

[...] podemos considerar o texto das CSM como um testemunho legítimo do PA, pois Afonso X, um de seus compiladores, passou maior parte de sua infância na Galiza, o que torna [...] essa obra de grande valor para qualquer estudo que tenha como foco o galego-português do período trovadoresco como objeto de trabalho.

Maia (1999, p. 28) reafirma que o século XIII seria “o ‘início’ da história da língua portuguesa” por ser o começo da tradição escrita em galego-português e adiciona que esse pensamento é unânime entre os filólogos e historiadores. De tal maneira, partimos dessas palavras para afirmar nosso estudo da formação de adjetivos e processos fonológicos no período chamado Português Arcaico.

Maia (1999, p. 30) coloca, ainda, que muitas das delimitações temporais feitas acerca das línguas são pautadas em critérios extralinguísticos, como acontecimentos históricos, e ressalta que, para haver rigor nas delimitações linguísticas, é preciso que haja, principalmente, um estudo baseado na história interna da língua². Messner (2002, p. 103) também critica o fato de alguns autores utilizarem critérios não-linguísticos para delimitarem períodos da língua portuguesa, como é o caso de Pilar Vásquez Cuesta & M. A. Mendes da Luz (1980 *apud* MESSNER, 2002, p. 103), que, segundo o autor, delimitam o período “pré-clássico” da Língua Portuguesa por meio do critério literário, baseando-se no que os historiadores literários definem como “etapa brilhante da escola lírica galaico-portuguesa”.

Vale ressaltar que nosso estudo não quer partir de uma taxonomia pré-existente e abordá-la sem questioná-la, porém queremos contribuir para o mapeamento das características linguísticas do passado da língua com nosso estudo a respeito das adaptações fonológicas mais comuns da época, na tentativa de entender um pouco mais, junto a outros trabalhos, o funcionamento da língua portuguesa em seus primórdios. Esperamos que este estudo seja mais um, entre outros, a acrescentar informações para uma classificação cronológica cada vez mais precisa da nossa língua.

Após sucintamente discutir a escolha das CSM como texto representativo do PA, passemos, agora, à questão da elaboração das cantigas, bem como à de sua autoria.

² A autora opõe a história externa à história interna da língua: esta diz respeito a fenômenos estruturais e essenciais do núcleo da língua; aquela está relacionada ao contexto sociocultural que envolve a língua, levando em conta transformações sociais, acontecimentos políticos etc.

1.2 D. Afonso X e sua relação com as Cantigas de Santa Maria

A problemática a respeito da autoria das CSM começa com o fato de que o rei D. Afonso X, também conhecido como o Sábio, foi uma figura de extrema importância cultural na sua época. São atribuídos ao monarca inúmeros textos artísticos, bem como a responsabilidade pelo período de grande efervescência cultural da corte.

Autores como Ferreira (2006-2007, p. 117) afirmam ser óbvia a constatação de que D. Afonso tenha sido o responsável pelo patrocínio e direção da compilação dessas mais de 400 cantigas dedicadas à Virgem, mas acrescenta que:

Afonso X é autor de mais de quarenta cantigas trovadorescas de temática profana. Tendo a criação trovadoresca obrigatoriamente uma componente musical, segue-se que era suposto o rei castelhano dominar, não só as regras da composição poética, mas igualmente a linguagem da composição melódica. É pois possível que ele tenha sido não apenas orientador literário da coleção e árbitro de propostas musicais alheias, mas também o autor do texto e da música de um número indeterminado de cantigas marianas (FERREIRA, 2006-2007, p. 118).

O autor segue elencando argumentos musicais e poéticos que levam a acreditar em D. Afonso X como compositor e autor de, pelo menos, 26 das cantigas, de modo que algumas relatam acontecimentos milagrosos dele e de sua família, além das representações iconográficas do monarca como mediador entre a Virgem e seu povo. Além disso, por meio de paralelos feitos entre as melodias, é possível identificar a atuação do rei na composição de mais algumas delas (FERREIRA, 2006-2007, p. 129).

Embora haja esse tipo de estudo, por parte de outros autores, relacionando as cantigas a outros poetas da época³, Ferreira (2006-2007, p. 119) é categórico, quando afirma que “o projecto das Cantigas de Santa Maria é, no seu conjunto, um projecto pessoal, em que as contribuições dos colaboradores se diluem na assinatura real”. Entendemos, aqui, que, apesar de ser, de fato, autor de muitos textos importantes deste período histórico, D. Afonso X foi, também, um dos compositores das cantigas, porém, ele é identificado como o grande autor justamente por ser uma figura intelectual e de prestígio da época. Portanto, apesar de ser poeta, o monarca não escreveu as 420 CSM, mas a autoria do cancionero, de qualquer forma, é atribuída a ele, por ter sido ele o idealizador do projeto.

³ Mettmann (1972), por exemplo, em sua edição crítica, afirma acreditar que algumas das cantigas podem ser de autoria do poeta e trovador Aires Nunes.

Ademais, há também o fato de que a palavra “autor”, na Idade Média, não possuía apenas a mesma acepção com que a usamos hoje (SCARBOUROUGH, 1999, p. 331) e, por isso, todos aqueles que participaram da composição de uma obra poderiam ser considerados autores dela.

Para entender um pouco mais sobre a importância do Rei Sábio e porque se concentra, em sua figura, a ideia de autor das cantigas marianas, passemos, agora, a uma breve subseção sobre sua vida.

1.2.1 D. Afonso X, o Sábio

Como dito anteriormente, D Afonso X foi uma figura monárquica importante em sua época. Durante o seu reinado, Afonso expandiu vários setores sociais e foi um rei de grande prestígio entre o seu povo. Ele impulsionou a economia, criando a instituição de representação dos pastores e criadores de gado, atividade que era, na época, mais importante que a agricultura. Foi também um importante legislador (LEÃO, 2007): compôs obras legislativas como o código das *Siete Partidas*, além de algumas obras históricas.

O rei também fomentou a atividade cultural em diversos níveis, e foi um grande “incentivador de poetas e artistas em geral” (GONZÁLES JIMENEZ, 1999, p. 2). Ele realizou a primeira reforma ortográfica do castelhano, incentivou importantes trabalhos de tradução de obras da antiguidade clássica na escola de tradutores de Toledo, e foi um grande mecenas da época, sempre patrocinando as atividades dos trovadores.

Apesar de seu reinado ter sido marcado por tensões políticas, foi também um momento de grande prosperidade para a arte e outros aspectos culturais do reino de Leão e Castela.

Figura 1. Retrato de Afonso X de Leão e Castela no Livro de retratos de los Reyes, 1594.



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Afonso_X_de_Le%C3%A3o_e_Castela (acesso em 30/09/2017)

Filho de D. Fernando III, rei de Leão e Castela, e Beatriz de Suábia, D. Afonso X nasceu em Toledo, em 1221, e passou sua infância na Galiza. Após assumir o trono, permaneceu por 32 anos no poder (de 1252 a 1284). Casou-se em 1249 com Violante do Aragão, mas teve, no entanto, vários filhos ilegítimos.

Segundo Snow (1987, p. 475), os pais de Afonso X e sua bisavó, Berenguela, haviam presenciado milagres da Virgem de Santa Maria, os quais aparecem em narrativa em muitas das cantigas.

Filgueira Valverde (1985, p. 24-27) aponta algumas obras importantes do monarca em áreas que não a da poesia, como *Estória de España e Grande e General Estória*, na área da historiografia medieval; *Partidas ou Fuero de Las Leyes*, na área jurídica; e textos científicos, voltados para a área de astronomia, como *Libros del saber de Astronomía*, *El libro de las cruces*, *Lapidario*, e *Setenario*. Além, é claro, de sua contribuição massiva à obra lírica galego-portuguesa, com as CSM, de caráter religioso, e 44 cantigas profanas.

D. Afonso faleceu em 1284, aos 62 anos, em Sevilha, onde também foi enterrado.

1.2.2 D. Afonso X e o galego-português

Esta subseção dedica-se à relação do rei Afonso X com o galego-português, língua em que estão escritas as cantigas e, portanto, alvo deste estudo, bem como à observação de alguns castelhanismos⁴ presentes nesse texto.

Como é sabido, D. Afonso X nasceu em Toledo, e, apesar de ter possivelmente passado a infância na Galiza, teve, como língua materna, o castelhano. No entanto, do fim do séc. XII ao começo do séc. XIV, nos reinos português e castelhano-leonês, o galego-português dominava o cenário da lírica (RODRÍGUEZ, 1983, p. 7). Isso significa que, por muito tempo, a produção massiva de poesia nos reinos de Leão e Castela foi feita em galego-português, visto que a tradição literária dessa língua foi a grande responsável por sua difusão, mesmo entre os poetas não nativos.

O mesmo pode se dizer de D. Afonso X que, segundo Rodríguez (1983, p. 3), “é incontestavelmente, pela sua hierarquia e a sua qualidade poética, o primeiro autor não-galego português significativo que utiliza literariamente este idioma”, o que pode ser percebido principalmente em suas cantigas profanas e em sua atuação já comentada nas CSM. Contudo, não se pode deixar de lado que o rei, por ter sido autor de grande produção artística, é também conhecido, entre outras coisas, como o “pai” da prosa castelhana, o que faz dele “o primeiro poeta bilíngue em galego-português e castelhano⁵, de que temos conhecimento” (RODRÍGUEZ, 1983, p. 9). Além disso, é evidente que o castelhano era sua língua veicular, do dia-a-dia, portanto é natural encontrar em seus textos em galego-português alguns castelhanismos, principalmente lexicais.

Rodríguez (1983, p. 15) cita alguns exemplos, como *simple*, em face de *simples* ou *simplez* do galego-português; *dulta* e derivados, diante de *dúvida* (gal.-port.); e *mecer* no lugar de *mexer* (gal.-port.). O autor não deixa de reconhecer que muitas destas divergências devem-se aos copistas e não ao autor em si, e muitas já foram corrigidas na edição moderna, porém não se pode negar a existência de castelhanismos nas CSM.

Esta discussão é necessária neste trabalho, uma vez que se pretende fazer, primeiramente, uma análise morfológica dos vocábulos. No entanto, no *corpus*

⁴ Segundo o dicionário Michaelis online, *castelhanismo* é “O emprego de palavras ou construções da língua espanhola em outros idiomas; espanholismo, hispanismo”. À época, isso pode ser interpretado como o uso de vocábulos em castelhano dentro do texto majoritariamente em galego-português. MICHAELIS Online. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?id=YjQb> (acesso em 30/09/2017)

⁵ Para esta afirmação, o autor está considerando uma cantiga de amor incompleta (nº 471) em castelhano, que se encontra no Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa e é atribuída ao rei.

recolhido para análise, ou seja, nos adjetivos, as variações que predominam são apenas de caráter ortográfico⁶, como a variação entre ‘verdadeiro’ e ‘verdadeyro’, o que não traz problemas para a análise fonológica e demanda apenas observações durante as análises morfológicas.

Depois de uma discussão sobre a relação do rei D. Afonso X com as cantigas marianas e suas circunstâncias, passemos agora a uma apresentação mais sistemática das cantigas em si, por meio da análise dos manuscritos e de sua edição moderna.

1.3 As Cantigas de Santa Maria: ontem e hoje

O objetivo desta subseção é apresentar as características mais importantes dos manuscritos das cantigas, bem como da edição moderna, de Mettmann (1959), utilizada neste trabalho.

As Cantigas de Santa Maria são uma grande referência que temos da época do que consideramos Português arcaico, que vai do século XIII ao XV. O conjunto consta de 420 cantigas, escritas sob as ordens de D. Afonso X, com o intuito de homenagear e dar graças à Virgem Maria, louvando-a e dando graças por seus feitos.

Além de microcosmo da língua galego-portuguesa do período em questão, as cantigas são também a representação cultural da época. Por meio delas, é possível fazer também uma leitura de costumes da sociedade do reino de Leão e Castela. Dentre as cantigas, temos dois tipos: as de *mirages* (milagres), que cantam os milagres da Virgem; e as cantigas de *loores* (louvores) que têm a função de louvar a virgem.

As cantigas de milagres têm um caráter predominantemente narrativo, pois contam os milagres praticados pela Virgem Maria, sejam com relação a enfermidades que foram curadas, socorros prestados etc. Segundo Leão (2007), o caráter narrativo das cantigas de milagres não apaga os traços de lirismo característicos desse conjunto de textos. Acredita-se que as cantigas de milagre tenham grande valor didático e objetivo de moralização, pois seus conteúdos sempre trazem um ensinamento explícito. Elas são as mais numerosas dentro do conjunto, totalizando 356 das 420 que compõem as CSM. São, também, geralmente mais longas, pois contam uma pequena história, um fato, e

⁶ Àquela altura da história, a língua galego-portuguesa ainda não se submetia a nenhum tipo de norma ou padrão estabelecido por gramáticos e também não havia um sistema ortográfico regido por lei. Isso explica porque muitas vezes encontramos grafias diferentes para uma mesma palavra. O português arcaico escrito era ainda uma tentativa de representação da modalidade falada, por conseguinte, a variação é uma característica da modalidade escrito daquele momento histórico (MATTOS E SILVA, 2006, pág. 17).

seus títulos sintetizam o tema de que vai tratar o texto. Observemos a seguir o trecho da cantiga de número 8, uma cantiga de milagre, cujo título é “Esta é como Santa Maria fez em Rocamador decender hũa candea na viola do jograr que cantava ant’ela”:

(1) “[...]Poy-la Virgen groriosa fez este miragr’ atal
 que deu ao jograr dõa e converteu o negral
 monge, dali adeante cad’ an’ um grand’ estadal
 lle trouxe a ssa eigreja o jograr que dit’ avemos.
 A Virgen Santa Maria
 todos a loar devemos,
 cantand’ e con alegria,
 quantos seu ben atendemos.”
 (METTMANN, 1959, p. 27 – CSM 8)

A cantiga 8 é considerada de milagre, pois narra o momento em que a Virgem enviou uma vela para iluminar o jogral que cantava em sua homenagem.

As cantigas de louvor, por sua vez, têm a intenção de louvar a Virgem Maria e possuem um caráter bastante lírico. Nelas, é frequente a figura do “rei-trovador”, que se coloca humildemente diante da Virgem para exaltá-la, oferecendo a ela sua eterna devoção. Além disso, elas são uma grande prova da devoção desse povo. A cantiga 10 é um exemplo de cantiga de louvor:

(2) “Esta é de loor de Santa Maria,
 com’ é fremosa e bõa e á gran poder.

 Rosadas rosas e Fror das frores,
 Dona das donas, Sennor das sennores.
 Rosa de beldad’ e de parecer
 e Fror d’alegria e de prazer,
 Dona en mui piadosa seer,
 Sennor en toller coitas e doores.
 Rosa das rosas e Fror das frores,
 Dona das donas, Sennor das sennores.”
 (METTMANN, 1959, p. 33 – CSM 10)

Como é mostrado na própria introdução da cantiga (“Esta é de loor de Santa Maria, com’ é fremosa e bõa e á gran poder.”), esta é uma cantiga de louvor, que exalta as qualidades da Virgem, como ‘piadosa’, ‘fremosa’ e ‘bõa’. Vale ressaltar que nos

dois tipos de cantigas são encontrados adjetivos, pois as características da Virgem são sempre mencionadas.

E, tanto nas cantigas de milagre, como nas cantigas de louvor, encontramos repetições de estruturas, refrãos, rimas, métrica, todos elementos típicos da poesia. Ainda aqui é importante dizer que as cantigas foram escritas para serem cantadas. Elas fazem parte de uma tradição oral, em que qualquer indivíduo, alfabetizado ou não, teria condições de passar adiante os ensinamentos por trás das cantigas por meio de palavras. Daí a importância das melodias que acompanham os textos.

Vejamos, agora, como estão dispostos esses elementos nos manuscritos.

1.3.1 Os manuscritos

Os manuscritos das CSM apresentam não só os textos das cantigas, mas também inúmeras iluminuras e partituras musicais que as acompanham. Essa riqueza e diversidade de elementos artísticos revelam os propósitos a que as cantigas serviam: com fins religiosos, elas eram criadas principalmente para serem cantadas, além de registrarem passagens importantes vivas na oralidade do povo da época.

Os manuscritos sobreviventes estão divididos em quatro códices: o Códice de Toledo (To), o Códice dos músicos de El Escorial (E), o Códice Rico de El Escorial (T) e o Códice de Florença (F). Estes códices levam os nomes dos locais onde foram encontrados.

Segundo Mettmann (1959), o códice de Toledo foi encontrado na Catedral de Toledo, porém, encontra-se hoje na Biblioteca Nacional de Madrid. Ele contém 128 cantigas seguidas de suas partituras musicais.

Em Mettmann (1959, p. XII), encontra-se uma descrição detalhada do suporte de inscrição das cantigas do Códice To: é composto por 160 folhas de pergaminho avitelado, com 315 milímetros de altura por 217 de largura. As cantigas estão dispostas de duas em duas colunas, com 27 linhas cada. E a primeira letra de cada cantiga está em azul e vermelho, como pode ser observado na Figura 2:

Figura 2. Exemplo de página de pergaminho de um dos códices que se encaixa na descrição- Cantiga 168

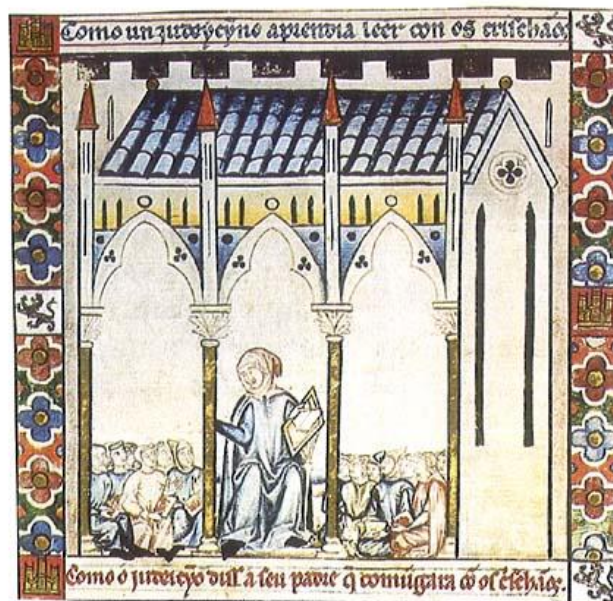


Fonte: http://bib.cervantesvirtual.com/bib_autor/alfonsoelsabio/pcuartonivel.jsp (acesso em 02/10/2017)

A escrita, em letra gótica, começa sempre abaixo da pauta musical correspondente à cantiga. Temos, aqui, um indício da importância da música no contexto de proliferação e continuidade das cantigas.

O códice de El Escorial conta com 198 cantigas com notação musical e 1257 iluminuras, o que confere ao códice um grande valor iconográfico. Um exemplo de iluminura pode ser visto na Figura 3:

Figura 3. Judío aprendendo a leer en compañía de cristianos.



Fonte:

http://www.cervantesvirtual.com/portales/alfonso_x_el_sabio/imagenes_cantigas/imagen/imagenes_cantigas_06-alfonso_decimo_el_sabio_cantigas_de_santa_maria_judio_aprendiendo_a_leer/ (acesso em 02/10/2017)

O códice de Florença é o menor de todos e encontra-se incompleto, contando com apenas 104 cantigas, das quais duas são exclusivas e não aparecem nos outros códices. O documento está conservado na Biblioteca Nacional de Florença, no entanto, muitas das cantigas têm estrofes faltando, as iluminuras não estão terminadas e existem linhas em branco nas partituras musicais.

Já o códice Rico de El Escorial é considerado o mais completo de todos, totalizando 417 cantigas, onde apenas 3 do total de 420 cantigas estão faltando. Este é o códice que serve de base para a edição de Mettmann (1959), sobre a qual falaremos a seguir.

1.3.2 A edição de Mettmann

Vimos anteriormente como se configuram os manuscritos das CSM. Porém, as CSM hoje servem a outras funções além da artística e da religiosa: elas não são mais cantadas ou usadas para louvar a Virgem, pelo menos não com a mesma frequência que eram, ou seja, podem até fazer parte deste tipo de prática, mas, atualmente, são vistas, majoritariamente, como uma rica fonte para os estudos linguísticos e literários, “como

também para a história da cultura, não falando já da música nem do valor artístico das iluminuras que ilustram os códices” (METTMANN, 1959, p. V).

Hoje encontramos, separadamente, em sites, blogs, enciclopédias e compilações, as iluminuras, as partituras musicais e as cantigas. Abaixo temos um exemplo de partitura encontrada na internet, referente à cantiga 257, chamada *Bem guarda Santa Maria*.

Figura 4. Partitura referente à cantiga 257.

Bem guarda Santa Maria
Cantiga de Santa Maria 257

Como Santa Maria guardou as crias que se nos danaram
sunt' outras, muitas que se danaram.

Partitura realizada por Antonio M. Romero Dorado
Publicado bajo licencia cc-by-sa 2.5.

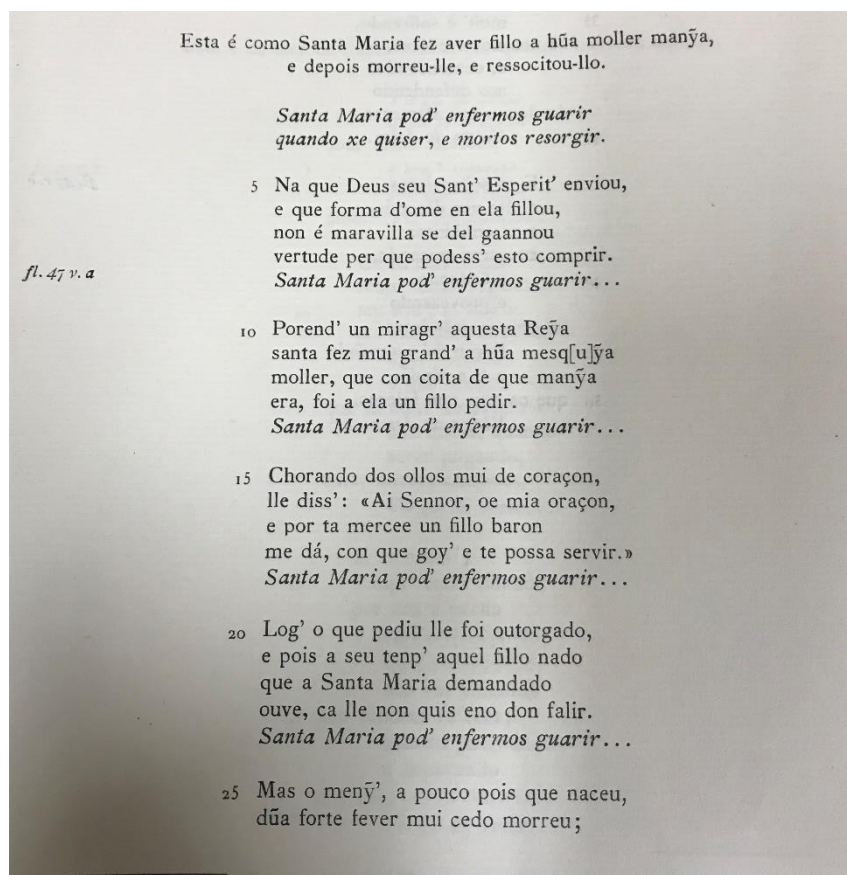
Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Cantigas_de_Santa_Maria#/media/File:CSM_257.jpg (acesso em 02/12/2017)

Passemos, agora, a falar mais especificamente da compilação das cantigas feita por Walter Mettmann, grande estudioso das línguas latinas, que publicou sua primeira edição em 1959, dando origem a um dos documentos de maior referência das CSM.

Nela, é possível perceber a ausência de figuras ou partituras acompanhando as cantigas. Podemos dizer que as CSM perdem um pouco seu valor visual para dar lugar à prioridade do conteúdo, sem perder, no entanto, seu valor artístico.

Na Figura 5, a seguir, temos a imagem de uma página da edição de Mettmann, correspondente a uma parte da cantiga 21, cujo nome é “Esta é como Santa Maria fez aver fillo a hũa moller manÿa, e depois morreu-lle, e ressuscitou-llo”.

Figura 5. Cantiga 21



Fonte: METTMANN (1959, p. 68)

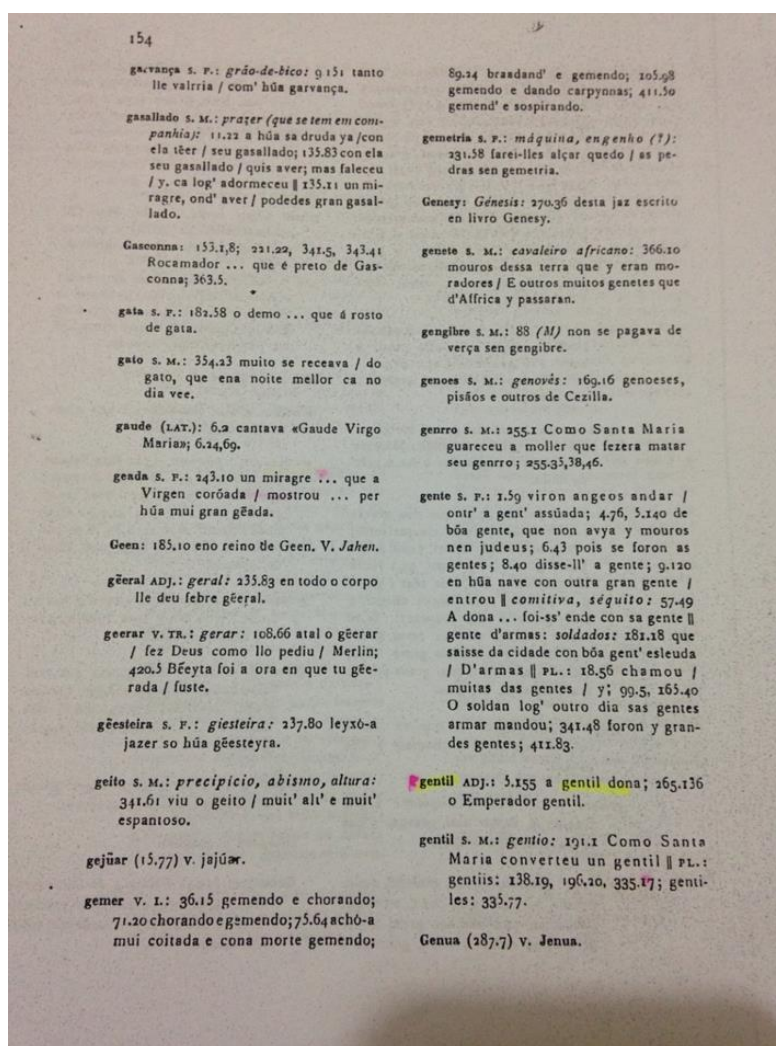
É possível observar que as cantigas são numeradas e acompanhadas de inúmeras informações não encontradas nos manuscritos. Há, logo abaixo da numeração, referências a outros códices ([E21 T21 To26]), indicando que esta cantiga está presente em outros documentos e a qual numeração ela corresponde nesse outro conjunto. Essas referências vão ser retomadas no rodapé, onde o autor traz observações em relação às diferenças de vocabulário que ocorrem de um códice para outro. Nesta cantiga, em particular, tem-se o caso da alternância entre os vocábulos 'ressuscitou o', que aparece na linha 2 da cantiga, no Códice T, em lugar de 'ressocitou-llo'; o vocábulo 'resorgir', que aparece na linha 4 da cantiga, presente no Códice To, em lugar de 'resorgir', e assim por diante. Estas referências são auxiliadas pela numeração das linhas, que acontece de 5 em 5 versos.

Percebemos que há um trabalho que visa a facilitar o estudo sistematizado da língua, como é o caso deste, com preocupações de marcação que favorecem nossa análise linguística.

Outros itens presentes na compilação configuram essa prática de análise e estudo desses textos, ou seja, reafirmam a inserção desses textos na prática acadêmica ou escolar. É o caso da introdução escrita por Mettmann, com intenção de contextualizar e justificar seu trabalho, bem como a descrição paleográfica fornecida pelo autor, com objetivo de detalhar informações sobre os manuscritos de origem, onde se encontram, inclusive, as informações sobre os códices expostas anteriormente.

Por fim, é importante ressaltarmos a presença de um glossário, cuja elaboração, em 1972, seguiu a compilação das cantigas. Este glossário, também de Mettmann, fez-se uma ferramenta de auxílio à leitura das cantigas e à procura por adjetivos que, por estarem em português arcaico, algumas vezes nos deixaram em dúvida sobre seu real significado e função. Na Figura 6, temos a página 154 do glossário:

Figura 6. Página do glossário com vocábulos na letra G



Fonte: METTMANN (1972, p. 154)

Na figura acima, vemos uma página do glossário elaborado por Mettmann (1972), em constam vocábulos com a letra ‘g’. Na consulta ao glossário, contamos com informações como a classe à qual a palavra pertence, as cantigas e os versos em que se pode encontrar o vocábulo, e a transcrição de um verso como exemplo de contexto para a ocorrência do vocábulo. Todos esses elementos auxiliam o linguista no estudo deste documento.

1.4 Considerações finais

Nesta seção, dedicamo-nos a expor algumas das principais características acerca da historicidade, autoria, materialidade e organização do texto do qual foram colhidos os vocábulos para análise, as Cantigas de Santa Maria.

Vimos que as CSM são uma ótima escolha para estudar o que consideramos, aqui, português arcaico, primeiro pela sua riqueza lexical, devido a seu caráter artístico, e segundo pela sua atual organização na edição de Mettmann (1959), que facilita o trabalho do linguista.

Além disso, foi possível perceber a grandiosidade da obra, a começar pela questão da autoria: apesar de a obra ter sido idealizada e organizada por D. Afonso X, é possível observar a presença de outros poetas ao longo dos textos. E também pela sua riqueza artística, uma vez que os manuscritos contam, além das cantigas, com partituras e iluminuras, o que evidencia o caráter artístico em torno da organização das cantigas.

Após um panorama geral sobre o material utilizado para a seleção do *corpus*, passemos à seção referente ao embasamento teórico, em que veremos questões de morfologia e fonologia importantes para este trabalho.

2 PRESSUPOSTOS DA MORFOLOGIA

O termo Morfologia foi empregado na área da linguística em 1860 (LAROCA, 2005, p. 12), emprestado da biologia, em que foi inserido por Goethe para se referir ao estudo das formas dos organismos. Antes disso, os estudiosos da linguagem baseavam seus estudos na oposição entre flexão e sintaxe, ao passo que a derivação não era ainda muito estudada. Porém, crescia cada vez mais nos gramáticos e filósofos o interesse em se chegar à língua que deu origem a todas as outras línguas e, para tanto, cresceu também o número de estudos sistemáticos dos processos de formação de palavras numa perspectiva diacrônica. A partir deste momento, Morfologia passa, então, a designar o estudo das formas das palavras, em que são considerados os mecanismos de flexão e derivação.

Além disso, foram cunhados termos para a classificação das partes que constituem a palavra e de seus processos de formação. A Morfologia é, portanto, uma área da linguística que estuda e classifica as unidades mínimas de significado – os morfemas – seu funcionamento, variantes, distribuição, contextos de ocorrência, sentido, bem como os processos de formação de palavras e suas classes.

Esta seção tem como objetivo apresentar os principais conceitos teóricos da Morfologia que permeiam as reflexões e análises deste trabalho, tais como o conceito de morfema, morfe, alomorfe, os tipos de morfema, as distinções (e aproximações) entre os mecanismos de flexão e derivação, uma enumeração dos tipos de formação de palavras, bem como uma breve discussão sobre a classe dos adjetivos, classe de palavras central deste trabalho.

É importante dar início às definições com o conceito de ‘palavra’, no qual baseia-se a própria definição de Morfologia.

2.1 A definição de palavra

Segundo Basílio (1991, p.11), “a palavra é uma dessas unidades linguísticas que são muito fáceis de reconhecer, mas bastante difíceis de definir”. Já é consenso entre os estudiosos da Morfologia que definir o que é palavra não é uma tarefa fácil ou mesmo precisa, uma vez que depende do ponto de vista adotado e do objetivo da análise. No entanto, “em todo falante existe uma consciência intuitiva da palavra, mesmo que sua língua não tenha escrita” (LAROCA, 2005, p. 19), ou seja, todos nós sabemos reconhecer uma palavra quando utilizamos uma, mas, dependendo da análise que se

pretende fazer, outros critérios têm de ser mobilizados, não contando somente com a intuição do falante.

Quando nos guiamos pelo critério fonológico, temos que a palavra é definida como unidade acentual. Ao tomarmos um vocábulo isolado, esse critério corresponde também ao que comumente consideramos uma palavra, como em ‘casa’, ‘roupa’, ‘remédio’, em que só há uma sílaba tônica, como pode ser observado nas transcrições fonéticas, respectivamente: [‘ka.za], [‘hoʊ.pa] e [he.’mɛ.diʊ]. Porém, ao pensarmos em construções tais quais ‘a casa’, ‘com prazer’, ‘comunicá-lo’, temos também apenas uma unidade acentual, ou seja, uma sílaba tônica ([a.’ka.zə], [kõ.pra.’ze:], [ko.mu.ni.’ka.lʊ]) mas mais de uma palavra em cada construção.

Já o critério semântico nos propõe a delimitação de uma palavra pelo seu significado, mas, quando nos deparamos com a palavra ‘manga’, por exemplo, fica difícil afirmar se estamos diante de uma única palavra com significados diferentes (‘manga da blusa’ ou a ‘fruta’), ou seja, um caso de polissemia, ou palavras homônimas. O critério semântico é bastante importante, mas precisa ser combinado com outros na hora de delimitar uma palavra (KEHDI, 2004, p. 11).

Por fim, temos o ponto de vista lexical, que propõe a ideia de lexema. O lexema é uma unidade abstrata básica do léxico, memorizada na consciência do falante; além disso, os lexemas representam paradigmas. A partir deles, temos as palavras propriamente ditas, que fazem parte desse paradigma. Para o lexema LIVRO⁷, por exemplo, temos, dentro de seu paradigma, as palavras ‘livro’ e ‘livros’. O lexema é a palavra dicionarizada e representa todas as outras de seu paradigma. Existem lexemas simples (LIVRO), compostos (GUARDA-CHUVA) e derivados (LIVRARIA). Existem ainda algumas composições como ‘pão de forma’, ‘mãe solteira’ e ‘cartão de crédito’ que não são formalmente consideradas lexemas compostos, porém recebem o nome de lexias complexas, segundo Biderman (1978, p. 133).

Além dos critérios colocados em questão, temos também algumas considerações de Bloomfield (1933), que classifica as formas como livres e presas. As formas livres seriam as que funcionam independentemente, e até isoladas enunciam uma ideia. Como exemplo de formas livres, podemos citar ‘mesa’, ‘braço’, ‘sol’, entre outros. Já as formas presas são aquelas que só aparecem juntas de uma forma livre e, dessa maneira,

⁷ Segundo Laroca (2005, p. 21), os lexemas são representados em letras maiúsculas ou caixa alta.

demonstram seu significado. É o caso do -s de plural em palavras como ‘mesas’, ‘braços’, etc., que só junto de uma forma livre é que tem um valor semântico.

Câmara Jr. (1989 [1970], p.70) completa as considerações de Bloomfield, quando acrescenta a forma dependente, que não é livre, pois não funciona isoladamente, mas também não é presa, já que pode mudar de posição em relação à forma livre com que se relaciona. É o caso de pronomes como ‘me’, que podem vir antes ou depois do verbo: ‘Ele sempre me leva mais cedo’, ou ‘leve-me mais cedo’. Os artigos, por sua vez, não estão ortograficamente ligados à palavra a que se relacionam e também não mudam de posição em relação a ela, mas, ainda assim, são considerados dependentes pelo seu valor semântico, que é incompleto, quando não está acompanhado de nenhum outro lexema. Além disso, também é possível que, entre o artigo e o substantivo a que ele se refere, apareça alguma outra palavra, que pode ser um adjetivo, como em ‘A linda namorada’, ou um pronome, ‘A minha namorada’, por exemplo. O mesmo acontece com as preposições da Língua Portuguesa.

Como já citado anteriormente, o conceito de ‘palavra’ pode variar de acordo com o objetivo da análise e, muitas vezes, é necessário combinar mais de um critério de delimitação de palavra para se definir o objeto. Para o presente trabalho, utilizaremos o termo ‘vocábulo’, nas definições de Câmara Jr. (1989 [1970], p. 69):

O vocábulo formal é a unidade a que se chega, quando não é possível nova divisão em duas ou mais formas livres. Constará, portanto, de uma forma livre indivisível (ex.: *luz*), de duas ou mais formas presas (ex.: *im+pre+vis+ível*) ou de uma forma livre e uma ou mais formas presas (ex.: *in+feliz*).

Além dessa definição, será levado em consideração o ponto de vista lexical, que considera também as lexias compostas, bastante presentes neste trabalho. Mais será exposto sobre esse tópico na subseção sobre composição.

Passemos à apresentação dos conceitos-base da Morfologia: morfema, morfe e alomorfe.

2.2 Morfema, morfe e alomorfe

O termo morfema designa uma unidade abstrata mínima de significado: abstrata pois ainda não é a representação concreta do significado correspondente; e mínima pois não pode ser dividida e analisada em mais partes sem perder o seu significado. Além

disso, o morfema é uma forma recorrente, que pode ser encontrada em vários vocábulos por meio de oposições. Quando comparamos os vocábulos ‘pedras’ e ‘pedreiro’, por exemplo, podemos reconhecer três morfemas diferentes: o morfema lexical *pedr(a)*, o morfema de {plural}, representado pelo morfe-s, e o morfema de {agente}, realizado pelo morfe-eiro.

Já o morfe, elemento citado acima, “é o segmento mínimo significativo recorrente que representa um dado morfema” (LAROCA 2005, p. 27). O morfe é, portanto, a representação concreta de um morfema, que se dá na superfície linguística. Para exemplificar, pensemos no caso do morfema de {plural} no português: a realização concreta desse morfema nas palavras ‘casas’, ‘carros’, ‘chinelos’, por exemplo, é o morfe -s. Ainda para o mesmo morfema de {plural}, em português, temos o morfe -es, que se realiza diante de radicais terminados em consoante, o que é o caso dos vocábulos ‘mares’, ‘luzes’, ‘colheres’. Segundo Costa (2016, pág. 50), “podemos dizer que existe um *morfema de plural*, que carrega o significado de “mais de um(a)”, o qual poderá ser realizado, na superfície linguística, por meio das terminações “-es”, “-s”, além de outras que, por ventura, possam aparecer”.

Essa observação leva-nos ao conceito de alomorfia. A alomorfia é a possibilidade de representação de um morfema por dois ou mais morfes diferentes. Aos morfes que são representações de um mesmo morfema dá-se o nome de alomorfes. Em alguns casos, essas diferentes representações são condicionadas por contextos morfológicos e fonológicos diferentes, em outros não, como veremos a seguir.

Sobre o fenômeno da alomorfia, pode-se dizer que existem dois tipos: a alomorfia pura e a alomorfia condicionada. A alomorfia dita condicionada é acarretada por um processo fonológico, ou seja, um traço fonológico do vocábulo é que desencadeia a ocorrência de um alomorfe menos recorrente. É o caso dos vocábulos ‘cantarei’ ou ‘cantareis’, por exemplo. Nesses vocábulos, temos a ocorrência do alomorfe menos comum -re- (em concorrência com -ra-) da desinência modo-temporal do futuro do presente do indicativo. Essa ocorrência se dá pelo fato de que a desinência número-pessoal, em ambos os casos (-i e -is, respectivamente) conta com a vogal alta /i/ e, por assimilação de traços, temos um alçamento da vogal /a/ da desinência mais recorrente -ra-. Já no vocábulo ‘cantaremos’, também há a presença do alomorfe menos recorrente -re-, porém essa presença não é justificada por nenhum traço fonológico, ou seja, sua ocorrência não pode ser explicada por um condicionamento fonológico. Nesse caso, estamos diante de uma alomorfia pura.

Para o morfema de {plural} no português, temos ainda o que se chama de alomorfe Ø (zero). Em vocábulos como ‘óculos’ e ‘lápiz’, por exemplo, não temos marcação de plural no próprio vocábulo, mas nos determinantes que possam vir antes ou depois (ex.: *os*lápiz pretos). No entanto, em construções como estas, sabemos, pelo contexto, que o vocábulo se encontra no plural; a questão é que seu morfe de plural não aparece de maneira concreta, é apenas semântico. A esse alomorfe de plural dá-se o nome de alomorfe Ø.

Existe também o que chamamos de morfema Ø. Este se dá, segundo Kehdi (2004, p.24), diante de três condições: “1) é preciso que morfema Ø corresponda a um espaço vazio; 2) esse espaço vazio deve opor-se a um ou mais segmentos [...]; 3) a noção expressa pelo morfema Ø deve ser inerente à classe gramatical do vocábulo examinado”. O exemplo sugerido pelo autor é a oposição entre as formas ‘falava’ e ‘falávamos’. Podemos depreender o morfema indicativo de primeira pessoa do plural, representado pelo morfe -mos, enquanto na forma ‘falava’ (o que existe é apenas uma desinência modo-temporal -va), não temos nenhum morfema que indique as noções de primeira ou terceira pessoa do singular, a que ela se refere. Segundo o autor, é a ausência de marca que sugere a noção de pessoa nesse caso, ou seja, a ausência de um morfema é significativa. Temos, portanto, um morfema Ø, e não um alomorfe Ø, visto que não está em concorrência com outros morfemas que representem as mesmas propriedades (1ª ou 3ª pessoa do singular). Lembramos, ainda, que o morfema Ø só é observado em processos flexionais, e não encontrado em casos de derivação.

2.3 Base, raiz e radical

Passemos a outras classificações de morfemas, começando pela base. A base, segundo Rocha (1999, p.100), “é uma sequência fônica recorrente, a partir da qual se forma uma nova palavra, ou através da qual se constata que uma palavra é morfologicamente complexa”. A partir do vocábulo ‘florista’, por exemplo, em oposição a outros vocábulos próximos, como ‘floreira’, podemos perceber que a base ‘flor’ foi a que deu origem às novas formações. Rocha afirma ainda que a base, não necessariamente, é uma palavra da língua, podendo ser uma forma presa, como no vocábulo “agricultura”, em que a base corresponde à forma presa agr-. O autor diz que, apesar de não ser uma palavra da língua, “apresenta um conjunto de traços semânticos bem definidos” (ROCHA, 1999, p. 100).

Além disso, vale citar as palavras de Basílio (1991, p.13) dentro desta discussão: “As palavras não são formadas apenas por uma simples sequência de elementos constitutivos; elas são também estruturadas em camadas que podem atingir vários níveis”. Diante disso, o vocábulo ‘dramatização’, por exemplo, tem como base ‘dramatizar’, que, por sua vez, tem como base ‘drama’.

Nesse último ponto, a base se difere da raiz, visto que “a raiz é um morfema comum a várias palavras de um mesmo grupo lexical, portador da significação básica desse grupo de palavras” (ROCHA, 1999, p.112). Sendo assim, no grupo lexical ‘livro’, ‘livraria’, ‘livrinho’, temos que a raiz é *livr-*. Sendo assim, em ‘livraria’ e ‘livrinho’, a base é ‘livro’ ([[livro]_s + [aria]_{suf}]_s e [[livro]_s + [inho]_{suf}]_s, ocorrendo supressão da vogal temática nominal em ambos os casos), porém a raiz continua a ser *livr-*.

Outro conceito importante é o de radical. Para Rocha (1999) e Kehdi (2004), por exemplo, o radical do item lexical ‘menino’ é *menin-*, e o elemento *-o* seria desinência masculina de gênero. Câmara Jr. (1989 [1970]) vai no sentido oposto: para ele, o radical que depreendemos do grupo ‘menino’, ‘menina’, ‘meninos’, ‘meninas’, é *menino-*, já que ele considera o elemento *-o* como vogal temática da palavra ‘menino’, e não como desinência de gênero masculino. Para o linguista, o radical conta, portanto, com a vogal temática também.

No presente trabalho, adotaremos a visão de Câmara Jr. (1989 [1970]), pois acreditamos que o falante conta, em seu léxico (repertório), com formas como ‘menino’, ‘garoto’, e não *menin-* e *garot-*, por exemplo. Costa (2016, p.56) explica que, nesse tipo de vocábulo “ocorre a supressão da vogal temática nominal quando do acréscimo do sufixo ‘-a’, de gênero feminino”. Neste caso, temos, então ‘menino’ como radical da própria palavra e como base do vocábulo derivado ‘meninice’, por exemplo.

Diante dessa definição, para este trabalho, tomamos radical nas definições de Câmara Jr., como o item lexical sem qualquer desinência flexional, seja de número ou de gênero, apenas com a vogal temática, quando houver. Já o termo raiz não será usado aqui com frequência, pois enxergamos esse termo como ligado à ideia de etimologia da palavra, o que se faz mais útil em um estudo diacrônico, que não é o caso.

É importante ressaltar que, no presente trabalho, nas análises morfológicas, usaremos, majoritariamente, a nomenclatura ‘base’, que está relacionada aos processos de formação de novas palavras. Já o termo ‘radical’ está mais ligado aos processos de flexão e será pouco recorrente nas análises.

2.4 Afixos: prefixos e sufixos

Os afixos são morfemas que podem ser considerados formas presas, de acordo com a nomenclatura de Bloomfield (1933) comentada anteriormente. Isso pelo fato de que os afixos só produzem sentido quando anexados a bases, ou seja, formas livres. Eles estão relacionados aos processos de derivação e podem mudar o significado da palavra (ex.: feliz > in-feliz) ou mesmo mudar a classe da palavra (ex.: leal > leal-dade, em que se passou de um adjetivo para um substantivo).

Os afixos, em português, são morfemas aditivos e são de dois tipos: os prefixos, que são morfemas anexados no início dos vocábulos (ex.: des-fazer, in-fiel, re-por); e os sufixos, que são pospostos ao radical (ex.: leal-dade, fiel-mente, sabor-oso).

2.4.1 Prefixos

Os prefixos são geralmente antepostos a verbos e adjetivos, como ‘refazer’ e ‘destemido’. Kehdi (2004, p. 28) afirma que os exemplos de prefixos anexados a substantivos são poucos e se verificam, mais frequentemente, em deverbais. O autor cita como exemplos os vocábulos ‘desrespeito’, ‘retorno’. É válido dizer que, nesses casos, temos mesmo prefixos junto de substantivos, no entanto, não temos, neste ponto, casos de derivações prefixais. Isso porque acreditamos que o que aconteceu foi, na verdade, uma derivação regressiva: os vocábulos ‘desrespeito’ e ‘retorno’ são derivados, respectivamente, de ‘desrespeitar’ e ‘retornar’, por regressão. Estes últimos é que foram, de fato, formados pela adjunção de um prefixo a verbos, o que é bastante recorrente na língua portuguesa, ou seja, a derivação prefixal ocorreu num momento anterior, com os verbos. Mais sobre a derivação regressiva será visto na subseção específica (2.7.1). Além disso, ressaltamos que a adjunção de um prefixo não altera a classe gramatical da palavra. Também retomaremos esse tópico na subseção sobre derivação prefixal (2.7.1).

2.4.2 Sufixos

Já os sufixos podem ser verbais (ex.: ‘ágil’ + -izar > agilizar), ou nominais, anexando-se a substantivos (ex.: mort[e]-al) ou a adjetivos (ex.: mortal-idade). Eles, ao contrário dos prefixos, podem alterar a classe da palavra a que se anexam. São considerados um mecanismo de adaptação dos vocábulos de uma língua, isso porque modificam um vocábulo para que ele atenda a novas exigências do contexto linguístico,

seja ele sintático ou semântico, como retomaremos na subseção sobre derivação sufixal (2.7.1).

2.5 Desinências

As desinências são morfemas terminais e estão ligadas ao processo de flexão, seja de gênero e número (nos nomes) ou modo-tempo e número-pessoa (nos verbos). Alguns autores, como Laroca (2005), tratam as desinências como ‘sufixos flexionais’, fazendo referência direta ao emprego desse tipo de morfema que se dá nos processos de flexão. Já Kehdi (2004) faz uso das nomenclaturas ‘desinência de gênero’ e ‘desinência de número’ para as desinências nominais, termo que usaremos neste trabalho.

2.5.1 Desinência de gênero

É preciso ressaltar que grande parte dos substantivos possuem gênero inerente, ou seja, não são passíveis de flexão, pois apresentam gênero único, a citar ‘computador’, ‘árvore’, ‘sala’, etc. No entanto, alguns deles são suscetíveis a esse processo: ‘menino-menina’, ‘camponês-camponesa’, ‘peru-perua’. Nos três casos apresentados, podemos identificar o morfema de {feminino} representado pelo morfe -a.

No entanto, temos, na língua, casos em que a realização da flexão de gênero pode apresentar dificuldades de descrição, como em ‘valentão-valentona’, ‘mandão-mandona’, ‘leão-leoa’.

Em relação aos pares ‘valentão-valentona’, ‘mandão-mandona’, Laroca (2005) defende o fenômeno da alomorfia do sufixo aumentativo -ão, variando com -on. E quando se trata de leão-leoa, ou outros que não sejam nomes no aumentativo, a autora se refere à alomorfia entre -ão e -õ-, seguida da desnasalação de -o diante da desinência -a.

Já Câmara Jr. (1989 [1970]) não faz uso da explicação por meio de alomorfes para esses casos. Ele propõe a análise desse tipo de ocorrência por meio da consideração de formas teóricas, segundo as quais as formas de algumas palavras não aparecem na superfície, mas estão na estrutura profunda da língua. Um exemplo seria a explicação da formação do feminino de ‘leão’ (‘leoa’), que o autor afirma estar na forma teórica *leon. A partir dessa forma de base, que está presente em derivações como ‘leonino’, por exemplo, ocorre a supressão da nasal ‘n’ ao ser anexado o morfe de feminino -a. No

entanto, por acreditarmos que, na Morfologia, existem formas em concorrência, consideraremos, neste trabalho, a alomorfia como mecanismo natural das línguas e, portanto, ela estará presente em nossas análises.

Além disso, alguns casos de feminino no português se dão por derivação e não por flexão, como pode ser observado em ‘conde-condessa’, ‘profeta-profetisa’. Não estamos aqui diante de um caso de alomorfe para o sufixo feminino -a, mas diante de um caso de derivação, em que cada uma das palavras tem gênero inerente (‘conde’ é masculino, ‘condessa’ é feminino). Nesses casos, o próprio sufixo derivacional traz consigo a noção gramatical do gênero. Tratam-se de sufixos que só formarão palavras do gênero feminino.

Existem ainda outros casos de alomorfia para a flexão de gênero em português: (1) alternância vocálica (avô-avó), também chamada de morfema alternativo por Kehdi (2004, p.43); (2) os radicais em /aN/ com tema em -o suprimem a semivogal quando na forma feminina (irmão- irmã); (3) o sufixo derivacional -eu, junto à desinência de gênero ‘a’, tem a vogal ‘u’ do tema suprimida e, em virtude do hiato gerado -ea, desenvolve uma ditongação /ei/ antes do /a/, gerando ‘europeia’. Há, inclusive, uma alternância entre timbre fechado e timbre aberto para a vogal tônica, no masculino e feminino ([eʊ.ro.'peʊ] – [eʊ.ro.'pe.ia]) (CÂMARA JR., 1989, p. 90); (4) alternância vocálica submorfêmica⁸ (gostoso- gostosa, grosso - grossa); (5) e alomorfe Ø para os vocábulos chamados comuns-de-dois-gêneros pela gramática tradicional, nos quais o gênero da palavra é indicado pelo determinante (‘o artista- a artista’).

2.5.2 Desinência de número

Da mesma forma que temos o morfema Ø para masculino e -a para feminino, no português, temos o morfema Ø para singular e, para o morfema de {plural}, os alomorfes -s, Ø e -es (em palavras terminadas em consoante). Na oposição ‘bolsa-bolsas’, podemos identificar o morfema Ø para o singular e o alomorfe -s para o plural; já na oposição ‘dor- dores’, temos mais uma vez o morfema Ø para o singular e o alomorfe -es para o plural, que se concretiza ortograficamente como -es e foneticamente como [ɪs]; em ‘o lápis- os lápis’, temos o morfema Ø para o singular e o alomorfe Ø para o plural, enquanto o número é indicado pelo determinante; por fim, em ‘lençol-

⁸ Neste caso, estamos falando da alternância submorfêmica na primeira vogal da dupla ‘grosso – grossa’, pois, no masculino, ela é uma vogal média fechada [o] e no feminino é uma vogal média aberta [ɔ]. O mesmo acontece na segunda vogal da dupla ‘gotoso – gostosa’.

lençóis’, temos o morfema \emptyset de singular e o alomorfe -es (foneticamente [Is]) de plural (aqui realizado ortograficamente como -is), diante da queda do /l/, desencadeando uma ditongação, como explica Laroca (2005 p. 39).

2.5.3 *Desinências verbais*

As desinências verbais estão divididas em dois grupos: modo-temporais (ou sufixos modo-temporais) e número-pessoais (ou sufixos número-pessoais). Elas exprimem, respectivamente, as informações de tempo e modo e número e pessoa, nos verbos, e estão ligadas ao processo de flexão verbal. A exemplo de outras línguas, como o francês, no português também encontramos a ordem modo-temporal e número-pessoal nas formas flexionadas. Kehdi (2004, p.33) apresenta uma lista das desinências modo-temporais do português, entre as quais a que mais nos interessa é a -do, por ser recorrente em nosso *corpus*, indicada como desinência modo-temporal da forma verbo-nominal particípio passado. Retomaremos essa discussão na subseção 2.9.1, em que trataremos da gradiência gramatical.

2.6 Vogal temática

As vogais temáticas são vogais que marcam as classes dos nomes e verbos e se encontram junto ao radical para formar uma base, à qual será adicionada uma desinência. Em relação às vogais temáticas nominais, Kehdi (2004, p.35) estabelece uma diferença entre as vogais temáticas -o, -a e -e e as desinências de gênero -o e -a no português. Para a identificação das desinências de gênero, seria preciso identificar a comutação para indicar a mudança de gênero. No exemplo ‘menin-o – menin-a’ temos, segundo o autor, desinências de gênero, pois a comutação de um pelo outro muda o gênero da palavra. Enquanto no caso ‘livr-o – livr-a’, a comutação entre as duas vogais não está indicando mudança de gênero e seriam, portanto, vogais temáticas, a primeira nominal e a segunda verbal, pertencendo a palavras diferentes, o que descaracteriza o processo de flexão.

Porém, como já explicitado anteriormente, neste trabalho, não será adotado o ponto de vista de Kehdi (2004) para a questão das vogais temáticas, visto que acreditamos que, mesmo em vocábulos passíveis de flexão de gênero, a forma presente na consciência lexical do falante é aquela do masculino, e não apenas um radical sem vogal temática (menin-). Acreditamos que o que está no léxico é ‘menino’, forma não

marcada para gênero, ou seja, o morfema Ø indica masculino. Outro argumento a favor disso é o fato de que, quando precisamos generalizar o substantivo, usamos a forma do masculino. Por exemplo, um professor tem ‘alunos’ e ‘alunas’, mas, quando se refere a eles de maneira geral, diz ‘meus alunos’, usando a forma do masculino. Isso prova que a forma ‘aluno’ é responsável, também, pela transmissão do conceito “aluno”, sem a definição do gênero especificamente. Vale ainda afirmar que vocábulos terminados em vogal tônica ou em consoante são considerados atemáticos.

Já em relação às vogais temáticas verbais, não parece haver grandes divergências entre os autores. Elas são três (-a, -e, -i) e indicam as conjugações dos verbos (primeira, segunda e terceira, respectivamente). Dentre elas, a mais produtiva é a da primeira conjugação, visto que novas formações verbais, se ocorrerem, pertencerão a ela (KEHDI, 2004 p. 36). Ademais, as vogais temáticas possuem variações e sofrem processos fonológicos quando diante das desinências. É o caso, por exemplo, da vogal temática -e do verbo *vender* que, diante da desinência modo-temporal -ia, sofre alçamento e crase (vende + ia > vendi + ia > vendia). Dessa forma, podemos afirmar que a vogal temática nunca será Ø, pois, quando ela não aparece na realização da palavra, isso se deve ou ao processo morfofonológico de supressão ou ao processo de crase.

Tendo explicitado os tipos de morfema existentes no português, passemos à discussão sobre os processos de formação de palavras.

2.7 A formação de palavras

Segundo Biderman (1978, p. 139), o léxico é “a somatória de toda experiência acumulada de uma sociedade e do acervo de sua cultura através das idades”, ou seja, é a identidade de um povo, sua cultura, sua história, documentada em palavras criadas e adaptadas pelos próprios falantes para suprir suas necessidades sociais e comunicativas de acordo com o tempo e espaço em que vivem.

O léxico é um patrimônio linguístico do homem, e que está em constante movimento, sendo renovado pelos próprios falantes por meio da formação de novas palavras, que expandem o léxico e suprem as necessidades lingüísticas, que mudam de acordo com o tempo, contexto histórico e social.

Mais especificamente, a formação de palavras vem cumprir algumas funções. Uma delas é a mudança categorial (BASÍLIO, 1991, p. 9): muitas vezes, é preciso

mudar a categoria da palavra por conta de uma exigência sintática, e é muito mais prático adaptar um vocábulo do que criar um totalmente novo a cada nova ideia que se precise expressar. Se tomarmos o adjetivo ‘feliz’ em ‘Ela é tão feliz que contagia!’ e reformularmos essa frase, poderá haver a necessidade de usarmos um vocábulo de classe gramatical diferente, mas que mantenha o sentido parecido: ‘A felicidade dela contagia’.

Há também a função discursiva, que está ligada à necessidade do falante de expressar sua subjetividade (BASÍLIO, 1991, p. 8). É o que ocorre, por exemplo, com a construção de vocábulos no diminutivo ou aumentativo, em frases como ‘Mãezinha, posso sair hoje?’, numa situação em que o vocativo ‘mãezinha’, no diminutivo, demonstra carinho por parte do locutor, ou mesmo a intenção de agradar seu interlocutor ao fazer um pedido.

Além disso, estamos constantemente nos readaptando e precisando de nomes para ações, lugares, características, sentimentos. A formação de palavras também é útil na rotulação dessas novas realidades (BASÍLIO, 2006, p. 31). É o caso de ‘para-brisa’, por exemplo, que surgiu com a invenção do carro, ou mesmo ‘orelhão’, que surgiu quando inventado o telefone público.

Por fim, formar novos vocábulos também cumpre uma função de economia: às vezes uma única palavra possui o mesmo significado que um sintagma de três ou mais palavras, como por exemplo ‘louvável’, que significa ‘algo digno de louvor’.

Depois da análise do *corpus* deste trabalho, acrescento, ainda, a função estilística: como veremos na Seção 5, muitos vocábulos foram derivados para atender à rima das cantigas.

Em Basílio (1980, p. 49), deparamo-nos com os conceitos de regras de formação de palavras (RFPs) e regras de análise estrutural (RAEs), que, segundo a autora, são mecanismos inerentes aos falantes que lhes possibilitam formar novas palavras (RFP) e reconhecer novas palavras (RAE) até então não presentes em seu léxico. Além disso, a autora ressalta que ambos os mecanismos formam um ciclo e se complementam. Isso quer dizer que a cada nova palavra reconhecida pelo falante, foram acionadas RAEs para compreendê-la, ao passo que para criar novos vocábulos, o falante aciona as RFPs que já conhece e que são produtivas dentro de sua língua. Esses conceitos estão diretamente ligados à competência lexical do falante, questão que fez parte do processo de reconhecimento e separação de palavras no *corpus* deste trabalho.

Passemos, então, à caracterização dos dois processos mais produtivos na formação de palavras em português: a derivação e a composição.

2.7.1 Derivação

O processo de derivação se caracteriza, principalmente, pela adição de um afixo, seja ele um prefixo ou um sufixo, a uma base, com exceção da derivação regressiva, como veremos mais à frente, nesta mesma subseção. A derivação difere-se da composição pelo fato de formar uma palavra nova a partir de uma única base. Neste processo, o novo vocábulo formado conserva ainda uma relação de significado com essa base. No português, podemos destacar quatro tipos de derivação morfológica: prefixal, sufixal, parassintética e regressiva.

Além deles, há um caso de derivação morfossintática, chamado de derivação imprópria, ou conversão. Neste processo, não ocorrem alterações estruturais no vocábulo, mas apenas semânticas e sintáticas, de acordo com sua função na sentença. A derivação imprópria ocorre quando um vocábulo de uma determinada classe de palavras é utilizado com funções diferentes da sua, ou seja, apresentando funções de outra classe de palavras. Existem vários casos, como de adjetivos que assumem a função de substantivo (“Temos os melhores ouvintes nessa rádio”), substantivos que assumem a função de adjetivo (“Pedro é muito burro, vendeu sua casa na praia por uma mixaria”), verbos que se comportam como substantivos (“O sonhar está cada dia mais raro”), entre outros (KEHDI, 1992, p. 29). Alguns casos de derivação imprópria foram identificados no *corpus* deste trabalho e serão discutidos mais à frente.

A derivação prefixal ou prefixação ocorre mais comumente com verbos e adjetivos (des- + ‘fazer’ > ‘desfazer’; i- + ‘legal’ > ‘ilegal’), embora tenhamos construções como ‘descaso’, por exemplo. Sua principal característica é a manutenção da classe da palavra-base à qual o prefixo foi adicionado, isso quer dizer que o prefixo nunca muda a classe de um vocábulo no português.

O mesmo não ocorre na derivação sufixal ou sufixação: na maioria das vezes, a anexação de um sufixo muda a classe da palavra-base. O sufixo -mento, por exemplo, regularmente se junta a verbos para formar substantivos (lançar > lançamento, julgar > julgamento); contudo, em ‘boiada’, temos o sufixo -ada, que formou outro substantivo ao se juntar à base ‘boi’, também substantivo. Ou seja, a derivação sufixal pode ou não mudar a classe da palavra.

Não podemos ignorar o fato de que a formação de novos vocábulos não se dá apenas a partir de bases livres já existentes (palavras de conhecimento do falante), mas também de formas presas (ROCHA, 1999, p. 117). Pensemos nos paradigmas ‘pastel-pastelaria-pasteleiro’ e ‘carpintaria-carpinteiro’. Em ambos, por meio das RAEs, podemos destacar os sufixos -aria e -eiro, que significam, respectivamente, ‘lugar onde se faz/fabrica X’ e ‘pessoa que faz/fabrica X’, em que X é a base da qual se derivaram as novas palavras. No caso do primeiro paradigma, X é uma base livre (‘pastel’), dotada de significado, ao passo que, no segundo paradigma, a base carpint- não existe livremente na língua. No entanto, não podemos dizer que ela não possui “um conjunto de traços semânticos bem definidos” (ROCHA, 1999, p. 117), tornando possível a sua combinação com outras formas presas. Outros exemplos de derivação a partir de bases presas foram encontrados no *corpus* deste trabalho e serão discutidos na Seção 5 correspondente à análise dos vocábulos.

Existe ainda, em português, a derivação parassintética, em que um prefixo e um sufixo se anexam a uma base simultaneamente, ou seja, não há um nível de análise anterior em que esse vocábulo não possua o prefixo ou o sufixo, a adjunção de ambos é obrigatoriamente simultânea. Existe grande produtividade nesse tipo de derivação com a regra lexical ‘en- + substantivo + -ar’: são os casos de ‘encadernar’, ‘ensaboar’, ‘envenenar’. Observe-se que, nesses casos, a ausência, seja do prefixo, seja do sufixo, não forma vocábulos da língua (cadernar*, saboar*, venenar*).

Por último, temos os casos de derivação regressiva, em que um vocábulo é formado a partir da eliminação de um determinado sufixo. Um dos melhores exemplos de derivação regressiva são os substantivos deverbais, cuja delimitação se dá pelo seguinte critério: se o substantivo denota ação, então ele é derivado do verbo, como é o caso de ‘luta’, substantivo deverbal derivado de ‘lutar’; porém, se ele denota algum objeto ou substância, então é o verbo que é derivado dele, como no caso de ‘remédio’, que não pode ser considerado um deverbal, pois é ele que origina o verbo ‘remediar’, e não o contrário.

Depois da explicação e exemplificação dos processos derivacionais, passemos agora à caracterização da composição.

2.7.2 Composição

Esse processo de formação lexical consiste na combinação de duas ou mais bases livres, ou seja, de vocábulos já existentes (KEHDI, 1992, p. 35). Em alguns casos, podemos encontrar a combinação com alguma forma dependente, seguindo a nomenclatura de Câmara Jr. (1989 [1970]), como em ‘pé-de-moleque’, em que ocorre a preposição ‘de’ (forma dependente), entre as bases do composto. A diferença básica entre a derivação e a composição é que, na derivação, tem-se uma base à qual será afixada uma forma presa, enquanto na composição são necessárias, pelo menos, duas bases combinadas.

Na maioria das vezes, as bases que compõem um novo vocábulo perdem seu sentido original para, junto de outra base, formar um sentido completamente novo, não necessariamente ligado ao anterior. É o caso de ‘pé-de-moleque’, que dá nome a um doce a partir dos substantivos ‘pé’ e ‘moleque’, que nada têm a ver com esse campo semântico; ‘amor-perfeito’, que dá nome a um flor; ‘pé-de-meia’, que se refere à economia de dinheiro; e outros.

As composições são classificadas de acordo com o grau de fusão de seus elementos: podem ser de justaposição ou aglutinação. Na aglutinação, “os vocábulos ligados se fundem num todo fonético” (KEHDI, 1992, p. 37) e um dos elementos, ou todos, perde(m) traços fonéticos, ou sofre(m) alterações fonéticas, como podemos ver em ‘vinagre’ (vinho + acre), ‘planalto’ (plano + alto), ‘vinicultura’ (vinho + cultura) etc. Já na justaposição, não há perda de traços fonéticos, nem alterações, e cada vocábulo conserva sua individualidade. Casos de justaposição podem ser observados em ‘copo-de-leite’, ‘vale-transporte’, ‘bate-boca’.

Laroca (2005, p. 76) discute ainda um terceiro tipo de composição. Segundo a autora, a justaposição e a aglutinação são tipos da composição dita vocabular, ao passo que existe também a composição sintagmática (ALVES, 1990, p. 133 *apud* LAROCA, 2005, p. 77), que se dá quando os integrantes de determinado sintagma estão sintaticamente muito ligados, não tendo uma ligação formal entre si, apenas semântica. É o que se observa em ‘cesta básica’, ‘condomínio fechado’ e outros. Nestes casos, podemos observar que existe uma perda da relação “determinante X determinado”. Em ‘cesta básica’, ‘básica’ não está mais adjetivando ‘cesta’, as duas bases juntas têm um significado próprio, ou seja, o sintagma passa a ser entendido como um bloco.

Ao final desta subseção, é preciso citar que, em muitos vocábulos, a identificação do processo de derivação ou composição é uma questão de pontos de vista: dependendo da adoção do ponto de vista sincrônico ou diacrônico, uma mesma forma pode ser considerada sufixo, em um caso, e radical, no outro. É o caso da forma ‘super’, diacronicamente considerada um prefixo que significa ‘posição acima de, abundância, excesso’, e presente em palavras como ‘supermercado’. No entanto, hoje em dia, ela já é empregada como forma livre (‘super legal’), principalmente na modalidade oral, com a função de advérbio. Portanto, é importante deixar clara a perspectiva utilizada para analisar os vocábulos, para evitar confusões na descrição. Neste trabalho, adotamos uma perspectiva sincrônica à época de criação do *corpus*.

2.8 A classe dos adjetivos

Ainda nesta seção sobre Morfologia, cabe discutirmos a questão das classes de palavras e, sendo a classe de palavras em foco neste trabalho, é indispensável que se façam algumas considerações acerca dos adjetivos.

A princípio, os gramáticos latinos sequer diferenciavam os adjetivos dos substantivos. Na Gramática latina, ambos eram considerados “nome” (CASTILHO, 2010, p. 511). A partir do século XVIII, as duas categorias passaram a ser tratadas separadamente por questões morfológicas e sintáticas.

Sintaticamente, os adjetivos são “as expressões que ocorrem na função atributiva, como constituintes de um sintagma nominal [...]” ou “na função predicativa, como constituintes de um sintagma verbal” (QUIRK et al *apud* CASTILHO, 2010, p. 512). Eles são, portanto, a classe gramatical responsável por atribuir características, delimitar e determinar os substantivos.

Morfologicamente, os substantivos e adjetivos apresentam as mesmas características em relação às flexões de gênero e número. Além disso, o adjetivo é passível, também, de receber características de grau, seja por meio de intensificadores, como ‘muito’, ‘menos’, ‘mais’, ou por meio da adjunção do sufixo de superlativo -íssimo.

Em nosso *corpus*, foram encontrados alguns exemplos difíceis de serem classificados. É o caso dos vocábulos classificados como substantivo no glossário de Mettmann (1972), mas que cumprem função de adjetivo em determinada cantiga (como ‘santo’ no trecho “O sant' abade”, da cantiga 16); e vocábulos considerados participío

passado dos verbos (de agora em diante PP), mas que também cumprem a função de adjetivos, predicando ou estando ligados diretamente ao núcleo do sintagma nominal. Vejamos um exemplo a seguir (METTMANN, 1959):

(3) “Omildade com pobreza
quer a Virgen corõada,
mais d’orgullo com raqueza
é ela mui despagrada”

(METTMANN, 1959, pág. 218 – CSM 75)

(4) “[...] E, par Deus, non é de calar
Como foy corõada,
Quando seu Fillo a levar
Quis, des que foy passada [...]”

(METTMANN, 1959, pág. 6 – CSM 1)

Sabemos que o vocábulo ‘corõada’ é, a princípio, particípio passado do verbo ‘corõar’ (no português arcaico), o que faria dele uma forma verbal, não fazendo, portanto, parte do *corpus* selecionado. No entanto, na sua primeira ocorrência (1), o vocábulo cumpre uma função caracterizadora, típica da classe dos adjetivos, seguindo o núcleo do sintagma nominal ([...] Virgen corõada,), sem a intervenção de um verbo. Além disso, esse vocábulo, apesar de ser considerado formalmente uma forma verbal, é passível de flexão de número e gênero, o que não é uma característica da categoria dos verbos, mas dos adjetivos e nomes. Ele possui, portanto, características sintáticas e morfológicas típicas da categoria dos adjetivos, localizando-se no contínuo entre verbos e adjetivos. Em (2), é um pouco mais difícil caracterizar o vocábulo como adjetivo, pois, mesmo fazendo parte de um predicado diante de um verbo de ligação (foy) e de estar passível de flexão, temos um caso de voz passiva e uma construção típica de uso do particípio passado: “Como foy corõada” (verbo auxiliar + PP).

Este trabalho baseia-se na crença dos contínuos linguísticos, sendo um deles o contínuo entre classes gramaticais, e o outro o contínuo entre os mecanismos de flexão e derivação, como será melhor elaborado na subseção a seguir. Considerando-se uma gradiência entre as classes de palavras, as formas de particípio passado dos verbos, que foram encontradas no mesmo tipo de ocorrência que vemos em (1), em que o vocábulo ‘corõada’, seguindo diretamente o substantivo, cumpre a função de um adjetivo prototípico, foram consideradas em nosso *corpus*.

2.8.1 Gradiência gramatical

O conceito de gradiência não é exatamente uma novidade dentro dos estudos linguísticos. Mesmo Aristóteles, com seu rígido sistema de categorização, já parecia admitir a possibilidade de uma gradiência entre elementos de uma mesma categoria (AARTS, 2007, pág. 35). Outros linguistas como Bloomfield e Sapir, expoentes do Estruturalismo, consideravam, por sua vez, a fluidez e a indeterminância dos limites entre as categorias gramaticais.

Não só no campo da categorização gramatical como também no da filosofia, a admissão da existência de um gradiente de classificação parece se adequar mais a análises dentro das ciências humanas. O filósofo Wittgenstein considerava a linguagem inerentemente vaga e pode ser reconhecido como o precursor da Teoria do Protótipo (*Prototype Theory*) (AARTS, 2007, pág. 36).

Com o passar do tempo, a noção de gradiência dentro dos estudos linguísticos foi se tornando mais e mais sistematizada. Michael Halliday, nos anos 60, apresentou o que chamou de *cline*, que seria um contínuo de gradação infinita. Esse mecanismo seria uma maneira mais precisa de descrição dos diferentes graus de similaridade entre os elementos de análise (AARTS, 2007, pág.42).

Temos, ainda, a gramática descritiva, que não chega a utilizar o termo ‘gradiência’, mas descreve o fenômeno da sobreposição entre categorias. Um bom exemplo seria a sobreposição entre as categorias de adjetivo e substantivo no seguinte contínuo (AARTS, 2007, pág.63.):

(5) *happy (man) > John's (book) > stone (bridge)*

Adjetivo >>>>>>>>>>>>>>>>>> Nome

No primeiro sintagma, temos o adjetivo *happy*, que não apresenta dúvidas quanto a sua classificação neste uso. No último sintagma, temos o termo *stone*, formalmente classificado como substantivo, na posição e na função de um adjetivo, o que dificultaria sua classificação, se não estivéssemos considerando, aqui, um contínuo entre as categorias de adjetivo e nome.

O mesmo acontece com alguns dos vocábulo que fazem parte do *corpus* deste trabalho. Além de ‘corçada’, citado anteriormente, temos também ‘ousado’, ‘perlongada’, ‘onrrada’, entre outros, que seriam formalmente considerados como

particípio passado dos verbos de que se originam. No entanto, em sua realização nas cantigas, cumprem a função de adjetivo, ou seja, caracterizam algum outro nome e, por isso, foram considerados no *corpus*. Isso é o que Aarts (2007, pág. 125) chama de *Intersective gradience*.

2.8.2 *Intersective gradience*

A *Intersective gradience* é uma gradiência que se dá entre duas categorias, em que existiria um terceiro grupo de elementos que possuiriam propriedades da primeira e da segunda categorias em questão. Ambas seriam então convergentes pelo fato de existirem elementos que apresentam características tanto de uma quanto de outra. Seria, portanto, uma gradiência intracategorial.

Acreditamos que, ao considerar a gradiência gramatical e a localização dos elementos em um contínuo, as análises linguísticas se realizam de maneira mais completa, sendo feita de fato uma descrição do elemento que se pretende estudar, sem ser necessário “forçá-lo” formalmente em uma categoria cujas características não representam bem o elemento em questão. É, portanto, necessário reconhecer a fluidez natural da linguagem, pois, dessa forma, é possível entender com mais clareza a transformação inevitável das línguas.

Paralela à ideia de gradiência gramatical, temos a ideia de um contínuo entre flexão e derivação, cada vez mais comum entre os pesquisadores. Apesar de existirem critérios que separam a flexão da derivação, alguns autores como Gonçalves (2007, pág. 163) adicionam que:

os critérios não atuam de modo coerente e preciso: o mapeamento dos traços que diferenciam flexão de derivação deve ser encarado como tentativa de diagnosticar os afixos de uma língua e não como um veredicto sobre sua verdadeira localização no componente morfológico.

Portanto, consideramos, além da gradiência gramatical, também uma gradação entre os critérios que diferenciam a flexão e a derivação. Por fim, vale ressaltar que nos valemos dessa teoria para a separação dos vocábulos a serem analisados, visto que tivemos que lidar com uma classe gramatical específica: a dos adjetivos.

2.9 Análise em constituintes imediatos

Para encerrar esta seção, passemos à explicação da análise morfológica em Constituintes Imediatos (doravante CI), que será utilizada para analisar a formação dos vocábulos do *corpus*.

Nas palavras de Kehdi (1992, pág. 12) o vocábulo “não é uma sequência de morfemas, mas uma superposição de blocos binários”. Para exemplificar, peguemos o substantivo ‘realização’. Primeiramente, podemos depreender o sufixo -ção, que exprime ação ou resultado da ação, e se liga, comumente, a verbos (‘realizar’, no caso). No próximo nível, vemos o sufixo -izar, formador de verbos a partir de adjetivos (‘real’, no caso). Isso nos mostra que o vocábulo se constitui pela sobreposição de camadas, e cada uma dessas camadas possui um elemento central (a base) e um periférico (o afixo).

Kehdi (1992, pág. 13) ressalta as vantagens da análise em CI: (1) não é atribuído aos morfemas antecedentes e consequentes o mesmo grau de aderência, evitando uma descrição longa e não correspondente à verdadeira formação do vocábulo; (2) cada camada depreendida pode ser analisada considerando as características de sua classe gramatical. Isso quer dizer que o vocábulo ‘realização’ não é diretamente derivado do vocábulo ‘real’, mas sim do vocábulo ‘realizar’, que, por sua vez, é derivado do vocábulo ‘real’. Sendo assim, a análise em CI nos permite verificar o verdadeiro funcionamento dos afixos. Abaixo podemos observar o diagrama de análise dessas palavras.

$$(6) \begin{array}{l} [[\text{realiza}]_{\text{verbo}} + [\text{ção}]_{\text{sufixo}}]_{\text{substantivo}} \\ \quad \quad \quad [[\text{real}]_{\text{adjetivo}} + [\text{izar}]_{\text{sufixo}}]_{\text{verbo}} \end{array}$$

É importante ressaltar que, na formação de ‘realização’, o que entra na base é o tema do verbo, e não o infinitivo, e que isso acontece com praticamente todas as palavras formadas por derivação sufixal a partir de verbos.

2.10 Considerações finais

Nesta seção, dedicamo-nos à exposição de conceitos do campo da Morfologia que serão mobilizados ao longo das análises e de pontos de vista teóricos que embasam esta pesquisa. Destacamos, aqui, algumas divergências entre autores na nomenclatura de

conceitos e mostramos quais delas serão usadas neste trabalho. Além disso, apresentamos a questão da gradência gramatical, que nos foi de extrema importância na hora de selecionar o *corpus* e também a análise em CI, que será utilizada para a primeira etapa de análise dos vocábulos.

Tendo em vista esses conceitos do campo da Morfologia, passemos à reflexão sobre alguns conceitos da área da Fonologia, para, em seguida, atermo-nos à proposta de análise de alguns vocábulos encontrados no *corpus*.

3 PRESSUPOSTOS DA FONOLOGIA

Visto que um dos objetivos deste trabalho é analisar os processos morfofonológicos desencadeados pela formação dos adjetivos no Português Arcaico, faz-se necessária uma breve explicação teórica também de alguns conceitos da área da Fonologia, que poderão ser mobilizados no momento de análise.

Começemos pela diferenciação entre as áreas da Fonologia e da Fonética: embora ambas estejam relacionadas ao estudo dos sons da língua, seus objetos e objetivos são diferentes. A Fonética se dedica à descrição e à classificação dos sons da fala. Ela é subdividida em Fonética Auditiva, Fonética Acústica, Fonética Instrumental e Fonética Articulatória (CRISTÓFARO-SILVA, 2015, pág. 110). Nesta última, é levada em consideração cada variante de um mesmo som e suas características específicas, como ponto e modo de articulação, vozeamento, entre outras.

A Fonologia tem como objetivo a interpretação dos sons e a análise organizacional do sistema sonoro das línguas. Nas transcrições fonológicas, as variantes de um mesmo som são levadas em consideração não por conta de um objetivo descritivo, mas daquele ambiente fonológico e sua configuração dentro do sistema sonoro de determinada língua. Para fins didáticos, diz-se que a Fonética é descritiva e a Fonologia, interpretativa (CAGLIARI, 2002, p.18).

Posto isso, podemos afirmar que, neste trabalho, estaremos diante de uma análise fonológica dos dados, visto que a nossa preocupação é a interpretação do ambiente fonológico em que ocorrem mudanças e adaptações. Além disso, para se fazer uma análise fonética dos dados, seria preciso ter um registro oral dos vocábulos dessa época, ou desenvolver um trabalho mais aprofundado com o ritmo e as rimas das cantigas para se chegar à pronúncia de algumas palavras. No entanto, este não é nosso intuito aqui, portanto, ater-nos-emos às análises morfológicas e fonológicas dos dados.

Passaremos agora a alguns conceitos utilizados em análises na Fonética e na Fonologia.

3.1 Fonema, fone e alofone

Os conceitos de fonema, fone e alofone surgiram nos estudos fonéticos e fonológicos e são análogos aos conceitos do domínio da Morfologia, morfema, morfe e alomorfe (CRISTÓFARO-SILVA, 2015, p. 53), como visto na seção anterior. Portanto,

podemos dizer que as relações entre eles se dão na mesma proporção em que as de morfemas, morfes e alomorfes. O fonema é a unidade mínima da língua, que se refere a um som com um determinado conjunto de traços distintivos. Nas palavras de Cristófarosilva (2015, p. 109), é uma “unidade sonora vocálica ou consonantal que se distingue funcionalmente de outras unidades sonoras da língua”. A representação concreta desse som se dá pelos fones.

Segundo Cagliari (2002, p. 34), para identificar um fonema em uma língua, utiliza-se a técnica dos pares mínimos, que consiste na comparação de dois ambientes fonológicos idênticos, com apenas um segmento diferente entre eles, como, por exemplo, nas palavras ‘chuta’ [ˈʃu.ta] e ‘chata’[ˈʃa.ta]. Diante da transcrição fonética dessas duas palavras, podemos observar que os fones [u] e [a] são também fonemas diferentes, pois a troca de um pelo outro muda o significado do signo que compõem. Dizemos que estes sons estão em oposição e, portanto, representam fonemas da Língua Portuguesa, ou seja, em português, temos os fonemas /u/ e /a/.

O mesmo não acontece ao compararmos a dupla [tʃia] e [tia]. Ao aplicarmos a técnica dos pares mínimos nesse caso, vemos que os fones [tʃ] e [t] não estão em oposição, pois a troca de um pelo outro não altera o significado. Dizemos, então, que estes fones estão em variação e são, portanto, alofones de um mesmo fonema, o /t/. Em português, esses fones apresentam alguns traços distintivos diferentes ([t] é [+anterior], [+coronal] e [metástase instantânea] e [tʃ] é [-anterior], [-coronal] e [metástase retardada]), mas não a ponto de serem classificados como fonemas independentes, e a realização de um ou de outro está ligada à variedade linguística do falante. O alofone é, portanto, o “som que apresenta equivalência funcional com um ou mais sons, constituindo um conjunto de realizações de um mesmo fonema” (CRISTÓFAROSILVA, 2015, p. 52).

Em relação aos alofones, podemos classificá-los em dois tipos: alofones livres e posicionais. Essa classificação está em paralelo com a de alomorfia livre (ou pura, como citado na seção anterior) e alomorfia condicionada, que vimos na seção anterior. Os chamados alofones livres são aqueles ligados exclusivamente a variações sociais e geográficas da língua, como é o caso do ‘r’em posição de coda no português brasileiro, que apresenta as seguintes realizações: [r], [h], [ɾ], [ʁ] (CRISTÓFAROSILVA, 2015, p. 53) ou ainda [ɣ] e [x]. Dizemos então que estes fones, no contexto fonológico de coda silábica, são alofones e estão em relação de variação livre.

Pensemos, agora, no caso das realizações [tia] e [tʃia], ou [dia] e [dzia]: como mostrado anteriormente, levando em consideração o contexto fonológico (diante da vogal alta anterior [i]). A realização de uma ou de outra está ligada às variedades linguísticas dos falantes, que, nesse caso, são diferentes. Porém, se formos analisar, dentro de uma mesma variedade linguística, a palatalização das oclusivas /t/ e /d/ (gerando as africadas [tʃ] e [dʒ]), veremos que elas só acontecem em contexto fonológico específico, diante da vogal alta anterior [i]. Nesse caso, temos os alofones [d] e [dʒ] e [t] e [tʃ] para os fonemas /d/ e /t/, respectivamente. Dentro de uma mesma variedade linguística, eles são alofones posicionais e estão em relação de distribuição complementar, o que quer dizer que, no contexto em que um deles ocorre, o outro não pode ocorrer, ou seja, cada um dos alofones só vai ocorrer em contexto fonológico específico. Mas, ao tomarmos variedades linguísticas diferentes e o mesmo ambiente fonológico (diante de [i]), os pares [d]/[dʒ] e [t]/[tʃ] são alofones de um mesmo fonema (/d/ e /t/, respectivamente).

Depois de esclarecer mais sobre os elementos de estudo das áreas da Fonética e da Fonologia, passemos à classificação dos fonemas do português de acordo com suas características.

3.2 Traços distintivos

Os traços distintivos são propriedades de caráter acústico ou articulatório, que dizem respeito ao modo e local de articulação dos sons, que ocorrem simultaneamente em um mesmo fonema e o caracterizam (HERNANDORENA, 1999, p. 17). No modelo de Chomsky e Halle (1991 [1968]), os traços são binários, isso pelo fato de serem distintivos e classificatórios. Isso quer dizer que a classificação e descrição dos fonemas se dá pela presença ou ausência de determinado traço. Para classificar os fonemas e compreender os processos fonológicos que os modificam, é preciso conhecer os traços distintivos que os compõem e as relações entre eles.

Ao se compararem sons foneticamente semelhantes, pode-se perceber que eles possuem uma base em comum, de traços que são comuns em ambos, e se diferem em apenas um traço. É o caso, por exemplo, das consoantes /s/ e /z/, que possuem traços idênticos, exceto pelo da [sonoridade], em relação ao qual /s/ é [-sonoro] e /z/ é [+sonoro]. Por possuírem vários traços em comum, essas duas consoantes fazem parte de uma classificação mais geral, chamada de ‘classe natural’ (CAGLIARI, 2002, p. 87).

Aos traços em comum, dá-se o nome de traços redundantes. As classes naturais podem agrupar os fonemas de diferentes maneiras, como a das fricativas surdas, que abarca os fonemas /s/ e /ʃ/, por exemplo.

Na obra de Chomsky e Halle (1991 [1968]), é apresentado um conjunto de traços distintivos bem como seus aspectos articulatórios e acústicos. Para o estudo da Fonologia do português, de acordo com Hernandorena (1999) e Cagliari (2002), os seguintes traços são utilizados.

- (1) Soante e não-soante: refere-se à sonorização espontânea na produção do som. São consideradas soantes as vogais, líquidas, glides e nasais;
- (2) Silábico e não-silábico: refere-se à constituição de picos de sílaba. Vogais possuem esse traço e elementos que ocupam as margens são considerados não-silábicos;
- (3) Consonantal e não-consonantal: refere-se a segmentos produzidos com obstrução total ou quase total da corrente de ar na cavidade oral. Plosivas, fricativas, africadas, nasais e líquidas possuem o traço [+consonantal];
- (4) Coronal e não-coronal: refere-se à elevação da lâmina da língua na produção do som. São considerados coronais os sons dentais, alveolares, palato-alveolares e palatais;
- (5) Anterior e não-anterior: refere-se à obstrução localizada à frente da região palato-alveolar da boca na produção do som. Labiais, dentais e alveolares têm o traço [+anterior];
- (6) Alto e não-alto: refere-se à produção de sons com elevação do corpo da língua. Isso corresponde às consoantes palato-alveolares, palatais, velares e vogais altas;
- (7) Baixo ou não-baixo: refere-se aos sons produzidos com o abaixamento do corpo da língua aquém de seu nível de repouso. Faringais, glotais e vogais baixas possuem o traço [+baixo];
- (8) Posterior e não-posterior: refere-se ao recuo da língua na produção do som. Alguns autores chamam também de [+recuado]/[-recuado] (CAGLIARI, 2002, p. 95). As velares, uvulares, faringais, glotais e vogais posteriores têm esse traço;
- (9) Arredondado e não-arredondado: refere-se ao arredondamento dos lábios na produção do som. É o caso das vogais arredondadas, como [u], [o] e [ɔ];
- (10) Nasal e não-nasal: refere-se aos sons produzidos com escape de ar pela cavidade nasal. As consoantes e vogais nasais possuem esse traço.

- (11) Lateral e não-lateral: refere-se à passagem lateral de ar por ambos os lados ou por um lado da boca. Essa característica corresponde às consoantes laterais;
- (12) Contínuo e não-contínuo: refere-se aos sons produzidos sem bloqueio total da passagem da corrente de ar. As vogais, semivogais, líquidas e fricativas possuem o traço [+contínuo];
- (13) Tenso e não-tenso: refere-se ao esforço muscular envolvido na produção do som. Sons que necessitam de considerável esforço muscular para serem produzidos são considerados [+tenso], o que é o caso de todas as vogais, exceto /ɛ/ e /ɔ/.
- (14) Metástase instantânea e retardada: refere-se à distinção entre as consoantes plosivas e africadas, sendo que estas possuem o traço [+metástase retardada], o que significa que há bloqueio inicial da passagem de ar seguido de liberação com turbulência; já aquelas se caracterizam pelo traço [+metástase instantânea], pelo fato de a liberação de ar após o bloqueio não ser turbulenta;
- (15) Sonoro e não-sonoro ou vozeado e não-vozeado: refere-se à vibração das cordas vocais na produção do som. Oclusivas como /b/, /d/ e /g/ possuem esse traço;
- (16) Estridente e não-estridente: [+estridente] “são os sons marcados acusticamente por um ruído estridente, em virtude de uma obstrução na cavidade oral que permite a passagem do ar através de uma constrição estreita” (HERNANDORENA, 1999, p. 25). As fricativas possuem o traço [+estridente].

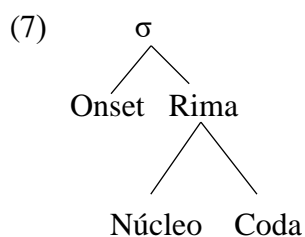
No apêndice A desta dissertação, encontra-se uma matriz de traços fonéticos dos fonemas do Português Brasileiro, tirada de http://www.fonologia.org/arquivos/tb_matriz_fonetico_fonologica_pt.pdf, acesso em 16 de dezembro de 2017.

A próxima subseção dedica-se ao estudo das estruturas silábicas do português, visto que algumas restrições apresentadas pela TO – teoria utilizada para as análises neste trabalho – baseiam-se nas características silábicas.

3.3 Estrutura silábica

A unidade silábica se caracteriza por um fonema ou uma combinação de fonemas realizados em uma só emissão de ar. O modelo da Teoria da Otimalidade, utilizado neste trabalho, se vale de um *tableau* para as representações fonológicas e, conseqüentemente, silábicas. É preciso conhecer a estrutura silábica para poder entender a que se referem algumas restrições da TO, como a *COMPLEXNUCLEUS, por exemplo, que aparece nas análises apresentadas nesta dissertação e se refere à proibição de núcleos silábicos com mais de um elemento (CAGLIARI, 2002, p. 145).

Para deixar claros os elementos a serem referidos nas análises, mostraremos aqui o modelo da teoria métrica da sílaba que, de acordo com Collischonn (1999, p. 93), é de Selkirk (1982), e que divide a sílaba em *onset* (ou ataque) e rima. A rima, por sua vez, é dividida em núcleo e coda, como podemos observar no esquema a seguir:



Dentre as categorias que compõem a sílaba, o núcleo é a única que nunca pode ser vazia (COLLISCHONN, 1999, p. 92) e sempre será ocupada por uma vogal, no português, sendo o segmento de maior proeminência da sílaba, enquanto o *onset* e a coda serão constituídos por consoante, quando estiverem presentes. Sílabas que possuem a coda preenchida são chamadas de sílabas travadas e, no português, são apenas as róticas, as sibilantes, as nasais e as laterais que podem ocupar essa posição (CRISTÓFARO-SILVA, 2015, p. 76).

Dentro dos estudos silábicos, ainda é importante destacar a escala de sonoridade dos fonemas, visto que o grau de sonoridade deles determina suas possíveis posições e combinações internas na formação da sílaba. De acordo com Selkirk, (1982), a organização interna da sílaba obedece a uma ordem crescente de sonoridade em direção ao núcleo, que chega a um pico (geralmente correspondente a uma vogal) e depois decresce. Essa escala é estipulada, levando em consideração alguns traços distintivos e,

segundo ela, tem-se como fonemas mais sonoros as vogais, seguidas das líquidas, nasais e obstruintes, nessa ordem, em que cada uma possui um grau de sonoridade, como pode ser visto a seguir:

$$(8) \text{Vogal} > \text{Líquida} > \text{Nasal} > \text{Obstruinte}$$

$$3 \qquad 2 \qquad 1 \qquad 0$$

Mesmo dentro dessa classificação, algumas categorias são mais sonoras que outras: no caso das obstruintes, as oclusivas ([p], [b], [t], [d], [k], [g]) são as menos sonoras; em seguida vêm as africadas ([ts], [tʃ], [dz], [dʒ]) e depois as fricativas ([f], [v], [s], [z], [ʃ], [ʒ], [x], [ç], [h], [ɦ]); já entre as vogais, as altas são as menos sonoras, e as baixas, as de maior sonoridade (IGNÁCIO DE MENDONÇA, 2003, p. 29). Essa escala estipula que, dentro de uma sílaba do português, não será possível, por exemplo, uma sequência formada por uma líquida, seguida de uma obstruinte e depois de uma vogal. (como uma sílaba com a seguinte formação: [lto]), devido ao fato de que a sonoridade deve ser crescente até chegar ao núcleo.

Vejamos agora um pouco sobre os moldes silábicos do português. Essa é outra característica fonológica de extrema importância para a análise e hierarquização das restrições propostas pela TO.

3.3.1 Moldes silábicos

O molde silábico na Fonologia é o que determina os números máximo e mínimo de elementos em uma sílaba, bem como as possíveis combinações entre consoantes e vogais. O conjunto de moldes silábicos é específico de cada língua, sendo o do português bastante variado, como mostrado a seguir:

Quadro 2. Moldes silábicos do português.

Molde silábico	Palavra
V	<u>É</u>
VC	<u>Ar</u>
VCC	<u>Instante</u>
CV	<u>Cá</u>

CVC	<u>Lar</u>
CVCC	<u>Monstro</u>
CCV	<u>Tri</u>
CCVC	<u>Três</u>
CCVCC	<u>Transporte</u>
VV	<u>Aula</u>
CVV	<u>Lei</u>
CCVV	<u>Grau</u>
CCVVC	<u>Claustro</u>

FONTE: Collischonn (1999, p. 107).

Ainda nesta subseção, é importante ressaltar a questão dos ditongos e hiatos no português, pois está relacionada à constituição interna da sílaba. Cristófar-Silva (2015, p. 34) sistematiza os ditongos em português da seguinte maneira:

Quadro 3. Ditongos orais decrescentes e crescentes.

Orais			
Crescentes		Decrescentes	
ɪ̃	ʊ̃	ɪ̃	ʊ̃
ɪ̃ə ɪ̃a	ʊ̃ə ʊ̃a	aɪ̃	aʊ̃
ɪ̃i ɪ̃í	ʊ̃i ʊ̃í	eɪ̃	eʊ̃
ɪ̃e	ʊ̃e	ɛɪ̃	ɛʊ̃
ɪ̃o ɪ̃u	ʊ̃o ʊ̃u	oɪ̃	oʊ̃
ɪ̃o	ʊ̃o	ɔɪ̃	
		uɪ̃	iʊ̃

FONTE: Cristófar-Silva (2015, p. 34)

Quadro 4. Ditongos nasais decrescentes.

Nasais decrescentes
ã̃ ĩ õ̃

FONTE: Cristófaros-Silva (2015, p. 37)

Já Câmara Jr. (1989, p. 55) diz que, na língua portuguesa, só há, realmente, ditongos decrescentes, pois os considerados crescentes variam com o hiato ([su.ar]/[suar]).

Outros autores como Bisol (1989) reafirmam a posição de Câmara Jr. (1989 [1970]) e defendem que a sequência VV no português, constituída de glide + vogal, é resultado da fusão de rimas de duas sílabas diferentes. Com exceção das sequências /kw/ e /gw/ seguidos de ‘a’ ou ‘o’ (como em ‘qual’ /‘kwaw/, ‘quando’ /‘kwãndo/, ‘igual’ /‘igwaw/, ‘quociente’ /kwosi’ēti/), que representam uma reminiscência do latim. Segundo a autora, o português parece estar se libertando dessa reminiscência do latim, visto que algumas palavras como ‘quociente’, ‘quatorze’ já aparecem dicionarizadas de forma alternativa (cociente, catorze). No entanto, as construções ‘igual’, ‘qual’ ou ‘quando’ não estão entre essas que já aparecem dicionarizadas de forma alternativa, o que limita essa explicação de Bisol a poucas palavras.

Segundo Cristófaros-Silva (2015, p. 199), /kw/ e /gw/ devem ser consideradas consoantes complexas, ou seja, uma consoante composta por dois segmentos, mas que se comporta como um segmento fonológico simples. Um argumento a favor dessa explicação é o de que os falantes, ao trocarem segmentos silábicos em palavras como ‘Jaraguá’, por exemplo, o fazem como ‘Jaguará’, ou seja, ocorre a comutação do grupo /gwa/, e não de apenas um dos segmentos. Outras considerações a respeito da estrutura silábica do português serão mencionadas no decorrer das análises, conforme for necessário.

A seguir, faremos uma breve exposição dos principais processos fonológicos existentes no português.

3.4 Processos fonológicos

Os processos fonológicos, chamados também de metaplasmos, são alterações que ocorrem nas formas básicas e, muitas vezes, têm consequência para a morfologia do item lexical. Eles podem ser observados tanto sincrônica como diacronicamente.

Vejamos alguns deles, retirados de Silva (2017), Barbosa e Costa (2016) e Prado (2010):

- (1) **Assimilação:** ocorre quando um segmento assimila traços diferentes dos seus por estar diante de outro segmento que possui esses traços. Foi o que aconteceu, por exemplo, com o termo ‘vostra’, que, ao longo do tempo, passou a ‘vossa’, pois o [t] assimilou traços do [s] anterior a ele. Dentro dos processos de assimilação, podemos citar a harmonia vocálica, que consiste na assimilação dos traços de uma vogal por outra vogal que se encontra próxima a ela, para que fiquem mais semelhantes. A harmonia vocálica ocorre em casos como ‘querido >quirido’, ou ‘pesquisa >pisquisa’. Em ambos os casos, as vogais das primeiras sílabas assimilaram o traço [+alto] para estarem mais próximas da altura da vogal seguinte ([i]).
- (2) **Alçamento:** ao adquirir o traço [+alto], como nos exemplos demonstrados acima, dizemos que a vogal passou por um processo de alçamento, que, no caso anterior, foi motivado por um processo de assimilação.
- (3) **Abaixamento:** processo oposto ao alçamento, em que a vogal perde o traço [+alto], tornando-se mais baixa. Também pode fazer parte de um processo de assimilação, como a realização [kədɔrna], em que a primeira vogal [o] perde o traço [+alto] por assimilação à segunda vogal [ɔ];
- (4) **Desassimilação:** ocorre o contrário do processo de assimilação, ou seja, dois segmentos iguais se diferenciam por meio da mudança de traços de um deles. Acontece em algumas variantes do português em que a palavra ‘pílula’ se realiza como ‘pírula’. Neste caso, o primeiro [l] sofre desassimilação do traço [+lateral];
- (5) **Inserção:** é o acréscimo de um segmento à forma básica de um morfema. Pode ocorrer no início da palavra (prótese), como ‘soar > assoar’; no meio da palavra (epêntese), como ‘advogado >adevogado’; ou ainda no final da palavra (paragoge), como ‘variz >varize’. A epêntese é, mais especificamente, um processo de inserção de vogal para corrigir uma estrutura silábica malformada.
- (6) **Apagamento:** consiste na supressão de um segmento da forma básica de um morfema. Assim como a inserção, pode se dar no início (aférese: ‘você >cê’), meio (síncope: ‘cócegas >coscas’) e no fim do vocábulo (apócope: ‘bobagem >bobage’). Existe ainda um tipo específico de apagamento, chamado de haplologia, que suprime uma de duas sílabas consecutivas por elas serem

foneticamente semelhantes. Um caso de haplologia é a realização ‘paralelepípedo’ no lugar de ‘paralelepípedo’;

- (7) Comutação ou metátese: caracteriza a troca de um segmento por outro dentro do vocábulo, como em ‘pirulito > pilurito’;
- (8) Rotacismo: ocorre quando a consoante [l] perde seu traço [+lateral] e se realiza como [r]. É caso de ‘flecha > frecha’;
- (9) Lambdacismo: é o processo contrário ao rotacismo. Nele a consoante [r] recebe o traço [+lateral]. Diacronicamente, pode-se citar o caso de ‘craro > claro’. Sincronicamente, temos ‘cabeleireiro > cabelelero’, por exemplo;
- (10) Ditongação: é a inserção de uma semivogal diante de uma vogal, formando um ditongo. É o que pode ser observado em ‘caranguejo > carangueijo’;
- (11) Monotongação: é o processo contrário à ditongação, ou seja, a semivogal de um ditongo sofre supressão. Isso ocorre frequentemente com o ditongo [ou] no português: ‘outro > otro’, ‘louco > loco’;
- (12) Nasalação: é a transformação de um fonema oral em um fonema nasal, como ocorre em ‘idiota > indiota’;
- (13) Palatalização: quando um ou mais fonemas se transforma em uma palatal. São os casos de ‘demônio > demonho’, ‘salsicha > salchicha’;
- (14) Sonorização: é o nome dado ao processo de sonorização de uma consoante desvozeada, ou seja, ela se transforma na sua homorgânica⁹ vozeada. Em uma perspectiva diacrônica, podemos citar a sonorização da consonante ‘p’ do latim, como no par ‘lupum > lobo’.

Foram apresentados aqui alguns dos processos fonológicos mais comuns no português, tanto na perspectiva sincrônica quanto na diacrônica, em alguns casos. Veremos, agora, como funciona a Teoria da Otimalidade (TO), escolhida para as análises fonológicas deste trabalho.

3.5 Teoria da Otimalidade

A Teoria da Otimalidade (TO) – também conhecida como Teoria da Otimidade – ou *Optimality Theory* foi proposta nos trabalhos seminais de Alan Prince e Paul Smolensky, em 1993. Apesar de ser mais conhecida nos trabalhos relacionados à

⁹ Homorgânicos são os segmentos que apresentam ponto de articulação igual (CRISTÓFARO-SILVA, 2015, p. 134).

Fonética e à Fonologia, essa teoria tem aplicação em todos os níveis da gramática (CAGLIARI, 2002, p. 132). A ideia de restrições – base para a TO – não era nova nos estudos da linguagem, mas, segundo Cagliari (2002, p. 132), a TO trouxe uma novidade para esses estudos ao considerar a violação dessas restrições como centro da articulação das línguas. A TO não desconsidera as restrições linguísticas, ela, pelo contrário, baseia sua descrição de uma língua na hierarquia que suas restrições formam ao serem reconhecidas como mais ou menos violáveis.

Uma análise segundo essa teoria propõe um ranqueamento de restrições, que são, a princípio, universais, ou seja, essas restrições estão presentes em todas as línguas naturais, no entanto, em cada um desses sistemas, as restrições encontram-se em uma hierarquia diferente. O que quer dizer que as restrições presentes no sistema do português também se encontram no sistema do inglês, mas, em cada uma dessas línguas, essas restrições são consideradas mais ou menos violáveis, o que faz do ranqueamento algo diferente e único em cada sistema.

Antes de mostrar alguns exemplos de como funciona a análise por meio da TO, devemos explicitar os conceitos usados nessa análise.

3.5.1 Conceitos da TO

Esta subseção dedica-se à explicação de alguns conceitos que fazem parte do funcionamento da TO, que serão utilizados nos exemplos na subseção 3.5.2, nas análises dos vocábulos.

Começemos pelas noções de *input* e *output*. Ao realizarmos uma análise segundo a TO, partimos de um *input*, que é uma forma de base. Neste trabalho, o *input* corresponde aos elementos formadores do novo vocábulo. No exemplo a ser mostrado na próxima subseção, em que temos a análise do vocábulo ‘mentireiro’, o *input* contou com a base ‘mentira’ e o sufixo -eiro em suas transcrições fonológicas. Essa combinação foi o que deu origem ao vocábulo, por isso é de onde parte a análise.

A partir dessa forma de base, de acordo com “as possibilidades articulatórias do homem” (CAGLIARI, 2002, p. 132), são gerados *outputs* possíveis, ou seja, formas de superfície, que se realizam na língua falada. Nas palavras de Prince e Smolensky (2004, p. 4):

[...] we generate (or admit) a set of candidate outputs, perhaps by very general conditions indeed, and then we assess the candidates, seeking the one that best satisfies the relevant constraints. Many possibilities are open to contemplation, but some well-defined measure of value excludes all but the best.¹⁰

Para a geração desses candidatos, a TO conta com o mecanismo GEN, que gera os *outputs* a partir de um *input*. A geração de candidatos baseia-se num conjunto de realizações possíveis dentro do sistema da língua. Depois de gerados, os candidatos serão avaliados, o que é o objetivo do mecanismo EVAL. Esse mecanismo confronta os candidatos com as restrições e verifica quais delas são violadas. A partir daí, sabe-se qual candidato é o melhor e quais não são admissíveis na língua por violarem uma ou mais restrições de maneira fatal.

Conforme as restrições vão sendo violadas pelos candidatos, cria-se uma hierarquia de acordo com a gravidade ou não das violações. Isso quer dizer que uma restrição que é violada por um candidato ótimo não é tão grave e, por isso, encontra-se nas posições mais baixas do *ranking* do que as restrições violadas pelos candidatos inadequados, pois isso mostra que violá-las é mais grave, dentro de determinado sistema. Ainda sobre o *ranking* ou ranqueamento, Cagliari (2002, p. 135) diz que “a violação de uma restrição pode ser tolerada, se isto servir para não violar uma outra restrição que ocupa um lugar alto na hierarquia”, ou seja, mesmo o candidato ótimo viola restrições, mas ele é ótimo pois a restrição violada não ocupa um lugar alto na hierarquia.

Prince e Smolensky (2004, p. 5) afirmam que a análise dentro da TO cria um movimento circular entre GEN e EVAL, em que, conforme os candidatos vão sendo gerados e analisados, cria-se a hierarquia de restrições, que, por sua vez, será utilizada para avaliar outros candidatos e assim por diante. Em suas palavras “the Gen/H-eval loop would iterate until there was nothing left to be done or, better, until nothing that could be done would result in increased Harmony”¹¹.

Como dito anteriormente, cada língua responde a um certo grupo de restrições e esse grupo varia de uma língua para outra. Essas restrições são divididas por tipos, dos quais elencaremos 4: a) Restrições de fidelidade, que dizem respeito à preservação da

¹⁰ [...] nós geramos (ou admitimos) um grupo de candidatos, talvez por múltiplas condições gerais, depois avaliamos os candidatos, procurando pelo que melhor satisfaz as restrições relevantes. Muitas possibilidades estão abertas à contemplação, mas medidas de valor bem definidas excluem todas, exceto a melhor (tradução nossa).

¹¹ O ciclo Gen/H-eval se itera até não haver mais nada a ser feito, ou melhor, até nada mais poder ser feito para aumentar a Harmonia (tradução nossa).

quantidade de elementos do *input* no *output*; b) Restrições de alinhamento, que se referem à preservação da ordem dos elementos do *input* no *output*; c) Restrições fonotáticas referem-se à boa formação da sílaba; d) Restrições segmentais englobam os traços distintivos dos elementos do *input* e sua preservação no *output*. No decorrer das análises, pudemos elencar algumas restrições que compõem o funcionamento do Português Arcaico, e tentamos encontrar sua hierarquia. Em sua representação, as restrições são escritas em caixa alta e as especificidades costumam vir entre colchetes ou separadas por hífen (CAGLIARI, 2002, p. 143). A seguir, mostraremos algumas das restrições mais recorrentes nas análises:

- (1) MAX-IO: restrição de fidelidade que diz que todo elemento presente no *input* precisa estar presente no *output*;
- (2) DEP-IO¹²: restrição de fidelidade que diz que no *output* não deve haver nenhum elemento a mais do que os que estão no *input*;
- (3) *HIATUS: restrição fonotática que proíbe a formação de hiatos no *output*;
- (4) COMPLEXNUCLEUS: restrição fonotática que proíbe a formação de ditongos, ou seja, ramificações do núcleo no *output*.

Outras restrições serão mostradas conforme aparecem nas análises. Por fim, é necessário apresentar como funciona o *tableau*, ferramenta utilizada para análise na TO.

O *tableau* é um quadro organizado para mostrar como os *outputs* interagem com as restrições. Primeiramente temos, no canto superior esquerdo, o *input*, ou forma de base, com as transcrições fonológicas dos elementos formadores do novo vocábulo, sejam eles uma base e um afixo ou duas bases. Abaixo do *input*, seguem os possíveis candidatos, *outputs*, representados por sua transcrição fonética. À direita do *input*, são elencadas as restrições e, abaixo delas, são indicadas as violações cometidas pelos *outputs*.

Dentro do *tableau* existem, ainda, alguns símbolos, como ‘*’, para indicar quando uma restrição foi violada; ‘!’, para indicar que a violação de certa restrição é fatal e ‘^{opt}’, para mostrar qual é o candidato ótimo. Utilizaremos também o símbolo >> que é colocado entre restrições para indicar que a anterior domina a seguinte.

Vale ressaltar que, na TO, é possível que duas restrições ocupem o mesmo nível na hierarquia, ou seja, as duas são igualmente violáveis e são independentes entre si.

¹² A notação DEP-IO é bastante generalizada e refere-se à inserção de qualquer tipo de segmento no *output*. No entanto, ela pode ser mais específica, como DEP[tepe], que representa a inserção de um tepe no *output*.

Quando isso acontecer, as restrições estarão separadas por linhas tracejadas no *tableau* (CAGLIARI, 2002, p. 150) e por ‘;’ no texto.

No modelo a seguir, podemos observar como essa organização acontece:

Quadro 5. Modelo de tableau

/input/	Restrição 1	Restrição 2	Restrição 3
[Output 1]	*!		
☞ [Output 2]		*	*

Neste modelo, dois *outputs* foram gerados a partir do *input*, sendo o segundo o candidato ótimo. O primeiro candidato viola a restrição 1 que, como pode ser visto, é fatal no sistema em questão, já que o símbolo ‘*’ está seguido de ‘!’. Já o candidato 2 viola as restrições 2 e 3, que são mais baixas na hierarquia, por isso ele é o candidato ótimo (☞). As restrições 2 e 3, por sua vez, encontram-se no mesmo nível hierárquico, o que explica sua separação por linha pontilhada. Há, ainda, a possibilidade de um segundo candidato, entre os possíveis gerados, estar em variação com o candidato ótimo. Neste caso, é utilizado o símbolo ☺ e este candidato é intitulado ‘simpático’.

Vejamos, a seguir, alguns exemplos de análises de vocábulos dentro de *tableaux* da TO.

3.5.2 Exemplos de análises

Para explicar melhor os conceitos relacionados à TO, mostraremos, primeiramente, um exemplo retirado de Matzenauer e Miranda (2010, p. 26). As autoras comparam os sistemas do inglês e do alemão diante de duas restrições: a restrição segmental IDENT[VOICE], segundo a qual um segmento do *input*, que possui o traço [+vozeado], não pode perdê-lo no *output*; e a restrição]ω/*VOICE, que impede obstruintes vozeadas em final de palavra.

Diante dessas restrições, temos os seguintes *tableaux* para as línguas Alemão e Inglês respectivamente:

Quadro 6. Análise da palavra 'Rad' do alemão segundo a TO

/rad/]ω/*VOICE	IDENT[VOICE]
[rad]	*!	
ɾ [rat]		*

Fonte: MATZENAUER; MIRANDA, 2010, p. 26

Em alemão, a palavra 'Rad', que significa 'roda', é pronunciada com a consoante [t] no final, devido ao fato de que, nesta língua, a restrição IDENT[VOICE] encontra-se mais baixa na hierarquia do que a restrição]ω/*VOICE, ou seja, em alemão, é preferível a alteração de traço de um segmento [+vozeado] para [-vozeado] do que a realização de uma obstruente vozeada em final de palavra.

O mesmo não acontece em inglês, como podemos ver a seguir:

Quadro 7. Análise da palavra 'sad' do inglês segundo a TO

/sad/	IDENT[VOICE]]ω/*VOICE
ɾ [sad]		*
[sat]	*!	

Fonte: MATZENAUER; MIRANDA, 2010, p. 26

Já no inglês, é menos grave a realização de uma obstruente vozeada em final de palavra do que a alteração do traço [+vozeado] de um segmento. Portanto, mesmo diante das mesmas restrições, temos hierarquias diferentes para essas duas línguas, sendo a do Inglês IDENT[VOICE]>>]ω/*VOICE, e a do alemão]ω/*VOICE>>IDENT[VOICE] (MATZENAUER; MIRANDA, 2010, p. 25).

Cagliari (2002, p. 134) ressalta que, utilizando a TO, é possível fazer comparações bastante precisas entre as línguas, visto que a diferença entre elas é que uma língua vai violar determinado conjunto de restrições, enquanto outra língua vai violar outro conjunto.

Neste trabalho, optamos pela TO por acreditarmos que esse tipo de análise por restrições nos dá detalhes do funcionamento da língua, além de mostrar, por meio da hierarquia, por que certos processos morfofonológicos são desencadeados. Como é o caso do apagamento ou queda da vogal temática, processo bastante recorrente em nosso

corpus. Em vocábulos como ‘mentireiro’, por exemplo, vimos que há a queda da vogal temática ‘a’ da base ‘mentira’, que se junta ao sufixo -eiro para formar o adjetivo em questão. Tal processo se dá pelo fato de que a restrição *HIATUS – que proíbe a formação de hiatos (V.V) no *output* – está bastante alta na hierarquia do Português Arcaico, como podemos observar no *tableau* abaixo:

Quadro 8. Análise da palavra 'mentireiro' do Português Arcaico segundo a TO

/meN.ti.rɐ/ + /ei.rɔ/	*HIATUS	DEP	MAX
[mẽ.ti.ra.ei.rɔ]	*!		
[mẽ.ti.ra.e.rɔ]	*!		*
[mẽ.tei.rɔ]			***
☞ [mẽ.ti.rei.rɔ]			*
[mẽ.ti.re.rɔ]			**
[mẽ.ti.ra.rei.rɔ]		*	

O candidato ótimo [mẽ.ti.rei.rɔ] viola a restrição MAX – segundo a qual todos os elementos do *input* precisam estar no *output* – já que sofre apagamento da vogal temática ‘a’, mas, nesse sistema, essa violação é menos grave que a formação de hiatos, por isso temos a hierarquia *HIATUS >> MAX no Português Arcaico, o que pode não ser válido para outras línguas. Isso explica porque esse apagamento ocorre em tantas formações: justamente porque a formação de hiatos é uma restrição alta na hierarquia desse sistema.

Mais sobre a TO será mostrado conforme seguirem-se as análises fonológicas, na seção 6.

3.6 Considerações finais

Esta seção foi dedicada a alguns conceitos da Fonologia, que farão parte das análises dos vocábulos. Vimos de que maneira conceitos como traços distintivos, formação silábica, e processos morfofonológicos se encaixam na TO, teoria escolhida para as análises fonológicas. Além disso, vimos também como funciona a TO, em exemplos de outras línguas e em um exemplo do próprio *corpus* deste trabalho. Mais reflexões acerca desta teoria serão feitas no decorrer das análises, em que verificaremos, na prática, a aplicação da TO.

A seção seguinte dedica-se à metodologia desenvolvida neste trabalho, desde a separação do *corpus* até a análise morfológica e fonológica dos vocábulos.

4 METODOLOGIA

Esta seção dedica-se à explicação da metodologia utilizada para a coleta e análise do *corpus* deste trabalho e pretende esclarecer de que maneira os adjetivos das 100 primeiras cantigas foram coletados, totalizando 269 vocábulos, dos quais 78 foram considerados primitivos e 191 foram considerados derivados. Em seguida, os adjetivos considerados derivados de outros vocábulos foram divididos por processos de formação e analisados morfológicamente. Durante essa análise, identificamos quais processos morfofonológicos haviam sido desencadeados e, na seção seguinte, eles foram analisados segundo a TO.

4.1 Coleta do *corpus*

Começamos pela coleta dos vocábulos, que foi feita a partir das 100 primeiras cantigas. Para esta etapa, contamos com um documento de *Word* com as 100 primeiras cantigas digitalizadas, com a edição de Mettmann (1959) e com o glossário, do mesmo autor (1972).

A partir da leitura das cantigas digitalizadas, os adjetivos foram sendo identificados e listados. Para conferir o significado dos vocábulos, usamos o glossário de Mettmann (1972) e, para conferir a ortografia, recorreremos à edição de Mettmann (1959). Os adjetivos, bem como seus significados e as cantigas em que se encontram foram listados em uma planilha do *Excel*, em que temos acesso a ferramentas, como classificação em ordem alfabética, por exemplo, que auxiliam na organização. Essa lista encontra-se no apêndice B dessa dissertação.

Depois de listados, identificando-se o significado e a(s) cantiga(s) em que se encontra cada adjetivo, eles foram divididos em primitivos e derivados, em que 191 vocábulos (73%) foram considerados derivados e 78 (27%) foram considerados primitivos. Para tal divisão, valemo-nos das RAEs, que nos permitem identificar processos de formação de palavras por analogia àquelas que já conhecemos. Portanto, mesmo sem conhecer um determinado vocábulo, foi possível identificar que ele é derivado de outro por meio da análise de sua estrutura. Foi o caso do adjetivo ‘tortiçeiro’, por exemplo, que não é mais recorrente no PB atual, mas é possível identificar sua derivação a partir do sufixo -eiro por meio da analogia com outros vocábulos, como ‘sorrteiro’, por exemplo.

A lista com todos os vocábulos, seus respectivos significados no PB atual e as cantigas em que aparecem encontra-se no apêndice B desta dissertação.

4.2 Análise morfológica

Depois de separados em primitivos e derivados, identificamos nos adjetivos os processos de formação responsáveis pela criação de cada um e constatamos que a sufixação é o processo mais produtivo, ocorrendo em 99% dos casos, visto que, mesmo em casos em que houve composição, como ‘malcreente’, houve, antes, a sufixação (‘creer’ > ‘creente’). Na verdade, apenas um dos vocábulos listados não passou pelo processo de sufixação: ‘desleal’ foi formado a partir da junção do prefixo des- ao adjetivo ‘leal’. É possível notar que o prefixo não foi o responsável pela formação do adjetivo em si, visto que já tínhamos um adjetivo antes da prefixação. Ele apenas mudou o sentido do vocábulo.

Em seguida, verificamos quais são os afixos mais comuns na formação de adjetivos. Dentro dos processos de composição, falamos em bases e não afixos, já que temos a junção de duas ou mais bases. Sendo assim, as bases mais recorrentes nos vocábulos compostos foram os advérbios ‘ben’ e ‘mal’, juntos de participios passados de verbos, na função de adjetivos, como ‘ben ordinado’ e ‘mal crente’, por exemplo.

Vendo que a sufixação era o processo mais produtivo, dividimos, então, os adjetivos por sufixos formadores, e vimos que os mais recorrentes foram -oso (18%) e -do (53%). Além desses, encontramos também os sufixos -al, -ão, -eiro, -nte, -or, -udo, -ido, -ado, -inno, -onno, -es e -az.

As análises de cada vocábulo por meio dos constituintes imediatos são apresentadas na Seção 5, que conta com uma subseção dedicada a cada tipo de formação. Durante essa seção, descrevemos cada tipo de formação e já apontamos quais foram os processos morfofonológicos desencadeados a serem analisados na seção seguinte, Seção 6, que traz a análise por meio da Teoria da Otimalidade. Constatamos que a queda da vogal temática foi o processo mais desencadeado pela formação por sufixação.

4.3 Análise fonológica

Começamos a análise fonológica separando os vocábulos por processos desencadeados e vimos que alguns deles apresentavam dois ou mais processos. Esses

dados geraram uma tabela com a porcentagem referente à quantidade de vocábulos por processos desencadeados.

A partir disso, começamos a análise pelos processos mais comuns, que foram supressão ou crase da VT e alçamento da VT. Estes processos foram desencadeados em contextos fonológicos diferentes, por isso, foram geradas duas hierarquias diferentes, uma para cada contexto.

A seguir, passamos para a análise dos processos menos comuns e vimos que alguns desses vocábulos estavam em variação com outros, como é o caso de ‘quedo’, por exemplo, que está em variação com ‘quedado’, e vimos que alguns apresentavam exceções, pois fugiam à hierarquia válida para a maioria dos vocábulos.

Ainda dentro das exceções, notamos que algumas delas foram estilisticamente justificadas, ou seja, a escolha do candidato não se deu somente de acordo com as restrições mais baixas sendo violadas, mas sim para atender às exigências poéticas do texto.

Por fim, verificamos que algumas exceções não podiam ser explicadas nem pela hierarquia e nem por motivos estilísticos, ou seja, a justificativa pra sua forma irregular não está no nível fonológico, e sim no nível morfológico.

5 ANÁLISE MORFOLÓGICA

Esta seção dedica-se à análise da formação dos vocábulos em seu nível morfológico. Para tal, os vocábulos foram divididos em tipos de formação e serão apresentados em subseções específicas para cada tipo. É importante ressaltar que tivemos um total de 191 vocábulos considerados derivados, ou seja, 73%¹³ dos adjetivos coletados têm origem em outras palavras. Ao longo da seção, pretendemos, também, mostrar em gráficos a recorrência dos tipos de formação dos adjetivos.

5.1 Sufixação em -al

Começamos pelo processo de sufixação – ou derivação sufixal – em -al, que representa 5% dos adjetivos derivados, com 9 ocorrências. Abaixo podemos observar a lista de adjetivos formados por sufixação em -al e, em seguida, o gráfico com a porcentagem de vocábulos em -al diante do total de adjetivos derivados:

Quadro 1. Adjetivos formados por sufixação em -al

Adjetivo	Significado	Processo de formação
Celestial	Celestial	[[celeste] _{adj} + [-al] _{suf}] _{adj}
Descomunal	Descomunal	[[des] _{pref} + [comunal] _{adj}] _{adj} [[comum] _{adj} + [al] _{suf}] _{adj}
Espirital	Espiritual	[[espírito] _{subs} + [al] _{suf}] _{adj}
Infernal	Infernal	[[inferno] _{subs} + [al] _{suf}] _{adj}
Mentiral	Mentiroso	[[mentira] _{subs} + [al] _{suf}] _{adj}
Mortal	Mortal	[[morte] _{subs} + [al] _{suf}] _{adj}
Natural	Natural	[[natura] _{subs} + [al] _{suf}] _{adj}
Matinal	Matinal	[[matina] _{subs} + [al] _{suf}] _{adj}
Terreal	Terrestre	[[terra] _{subs} + [al] _{suf}] _{adj}

¹³ Como mostrado na seção anterior, tivemos um total de 263 vocábulos coletados.

Tabela 1. Quantidade de adjetivos formados em -al

Sufixo -al		
-al	9	5%
Outros	182	95%

Figura 7. Gráfico dos adjetivos formados em -al

A maioria dos adjetivos formados por sufixação em -al tem origem em um substantivo, como é o caso de todos os vocábulos da lista acima, com exceção de 'celestial' e 'descomunal'. Esses dois, por sua vez, derivam de um adjetivo: 'celeste' e 'comum', respectivamente.

No caso de 'celestial' e 'celeste', temos, segundo o dicionário Aurélio Online (disponível em: <https://dicionariodoaurelio.com/>), sinônimos e, no glossário de Mettmann (1972), também constam os dois vocábulos. No entanto, hoje em dia, no PB, essas duas palavras são usadas com sentido um pouco diferente: ambos estão relacionados a 'céu', mas 'celestial' possui uma conotação religiosa, ou seja, refere-se àquilo que é divino, aquilo que é do céu, mas não do céu físico, do céu religioso. Acreditamos que a formação desse vocábulo seja, a princípio, para atender uma exigência estilística do texto, visto que ele aparece em cantigas cujas rimas são formadas por palavras terminadas em -al, e também pelo fato de a formação de adjetivos em -al ser mais comum a partir de substantivos e não de outros adjetivos.

No caso de 'descomunal' também temos a formação do adjetivo 'comunal' a partir de outro adjetivo, 'comum', além de uma derivação prefixal com o prefixo des-, que indica oposto, inverso. Neste caso, sabemos que, primeiramente, ocorreu a sufixação e, depois, a prefixação pelo fato de não encontrarmos a ocorrência da forma

‘descomum’. É possível observar, inclusive, que a prefixação não muda a classe da palavra, enquanto a sufixação pode mudar.

Em ‘mentiral’ temos também um caso de adequação estilística em sua formação: outros vocábulos com o mesmo sentido (mentiroso, aquele que mente) estão presentes na obra, tais como ‘mentiroso’ e ‘mentireiro’, mas a formação em -al acontece por conta da rima em -al.

Nestes vocábulos, é possível observar processos morfofonológicos como o apagamento da vogal temática – em ‘infernai’, ‘espiritai’ – e, também, o alçamento da vogal temática – em ‘terreal’, ‘celestai’, além de crase, tal como em ‘mentirai’, ‘naturai’. A ocorrência desses processos será analisada de maneira mais detalhada na seção seguinte, referente às análises fonológicas.

5.2 Sufixação em -ão

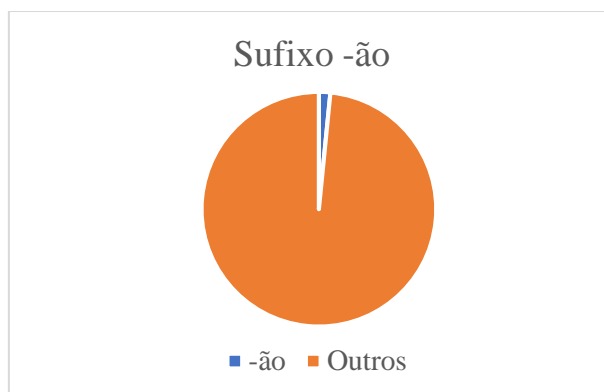
Formados pelo sufixo -ão, encontramos apenas 3 vocábulos, que apresentam comportamento bastante diverso. Abaixo, temos a lista dos adjetivos formados em -ão e, em seguida, a tabela e o gráfico com a porcentagem de vocábulos em -ão diante do total de adjetivos derivados:

Quadro 2. Adjetivos formados por sufixação em -ão

Adjetivo	Significado	Processo de formação
Certão, certãa	Certo, seguro	[[certo] _{adj} + [ão] _{suf}] _{adj}
Jusão, jusãa	De baixo, inferior	[[juso] _{adv} + [ão] _{suf}] _{adj}
Romão, romãa	Romano, romana	[[Roma] _{subs} + [ão] _{suf}] _{adj}

Tabela 2. Quantidade de adjetivos formados em -ão

Sufixo -ão		
-ão	3	2%
Outros	188	98%

Figura 8. Gráfico dos adjetivos formados em -ão

No PB atual, o sufixo -ão está geralmente ligado à formação de aumentativos, como ‘paredão’, por exemplo, em que esse sufixo é adjungido ao substantivo ‘parede’. Esse sufixo comumente ligado à ideia de aumentativo não é observado no PA. Em cada uma das formações, temos um adjetivo formado a partir de um vocábulo de classe gramatical diferente e nenhum deles carrega o sentido de aumentativo.

Em ‘certão’, temos um adjetivo formado a partir de outro adjetivo: ‘certo’, que também se encontra no glossário (METTMANN, 1972, p. 58), ou seja, já era ocorrente no PA. ‘Jusão’, que tem o sentido de ‘inferior’, é derivado do advérbio ‘juso’, encontrado no glossário (METTMANN, 1972, p. 168), e significa ‘debaixo’, ‘em baixo’, ‘para baixo’. Esse tipo de derivação (partindo de um advérbio para um adjetivo) é pouco comum no PB atual, visto que a maioria dos advérbios é que são, na verdade, vocábulos derivados de adjetivos (como é o caso de ‘rapidamente’, que é derivado do adjetivo ‘rápido’).

Por fim, temos o vocábulo ‘romão’, um adjetivo pátrio, formado a partir do substantivo próprio ‘Roma’. Esse processo de formação de adjetivos pátrios parece ser recorrente no PA, visto que, analisando o glossário, encontramos também a construção ‘africão’, derivado de ‘África’. No PB atual, temos um vestígio desse ditongo nasal [ãõ], porém com o espalhamento da nasalidade para o *onset*, formando uma nova sílaba ‘no’, em alguns adjetivos pátrios, como ‘romano’, ‘africano’, entre outros.

Em todas essas formações em -ão, ocorre a queda da vogal temática da palavra primitiva, processo morfofonológico que vem se mostrando bastante recorrente nas derivações sufixais no PA.

5.3 Sufixação em -eiro

Mostraremos, agora, os vocábulos formados pelo sufixo -eiro, que correspondem a 6% do total, com 12 exemplos, sendo o 3º sufixo mais recorrente entre os vocábulos (atrás apenas de -do e -oso). A seguir, temos a lista dos adjetivos formados em -eiro e, abaixo, a tabela e o gráfico com a percentagem de vocábulos em -eiro diante do total de adjetivos derivados:

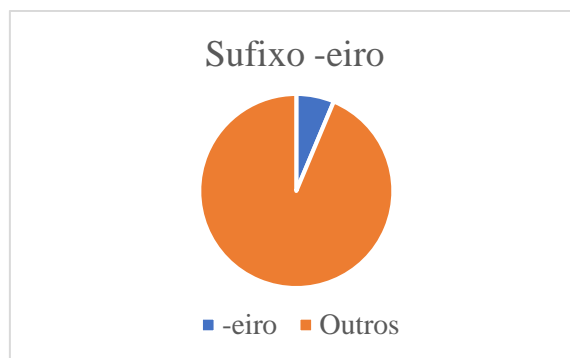
Quadro 3. Adjetivos formados por sufixação em -eiro

Adjetivo	Significado	Processo de formação
Arteira	Esperta, sagaz	[[arte] _{subs} + [eiro] _{suf}] _{adj}
Certeira	Certa	[[certo] _{adj} + [eiro] _{suf}] _{adj}
Companneyra	Companheira	[[companna] _{subs} + [eiro] _{suf}] _{adj}
Dereitureira	Justa, justiceira	[[dereito] _{subs} + [eiro] _{suf}] _{adj}
Justiceiro	Justiceiro	[[justiça] _{subs} + [eiro] _{suf}] _{adj}
Mentireira	Mentirosa	[[mentira] _{subs} + [eiro] _{suf}] _{adj}
Parleira	Faladora	[[parla] ¹⁴ _{verbo} + [eiro] _{suf}] _{adj}
Senlleira	Sozinha, única	[[senllos] _{pron} + [eiro] _{suf}] _{adj}
Terreiro	Que inspira terror, feroz	[[terror] _{subs} + [eiro] _{suf}] _{adj}
Tesoureiro	Tesoureiro	[[tesouro] _{subs} + [eiro] _{suf}] _{adj}
Tortiçeiro	Que comete injustiça	[[torto] _{subs} + [ç] + [eiro] _{suf}] _{adj}
Verdadeyro	Verdadeiro	[[verdade] _{subs} + [eiro] _{suf}] _{adj}

¹⁴ Nos processos de sufixação a partir de verbos, a base é formada pelo tema do verbo, que engloba o radical e a VT.

Tabela 3. Quantidade de adjetivos formados em -eiro

Sufixo -eiro		
-eiro	13	6%
Outros	178	94%

Figura 9. Gráfico dos adjetivos formados em -eiro

A formação por sufixação em -eiro, no PA, mostra-se bastante variada pelo fato de diferentes classes de palavras darem origem a adjetivos quando adjungidas desse sufixo. Na maioria dos casos, o sufixo encontra-se junto de um substantivo, como 'tesoureiro' ('tesouro' + -eiro), 'justiceiro' ('justiça' + -eiro) e outros. Nesses casos, temos sempre queda ou crase da vogal temática. O vocábulo 'torticeiro', derivado do substantivo 'torto', que significa 'erro', 'pecado' (METTMANN, 1972, p. 305), não apresenta queda da vogal temática 'o' (foneticamente [o]), mas esta perde seu traço [+recuado] e passa a ser [i]. Além disso, há a inserção de uma consoante [s]. Na seção dedicada à análise fonológica, veremos como se justifica esse processo.

Já o vocábulo 'senlleira', que significa 'sozinha', 'única', pelas RAEs, é derivado do pronome indefinido 'senllos', que significa 'cada um' (METTMANN, 1972, p. 283). Sendo assim, não teríamos a queda apenas da vogal temática na formação do vocábulo, mas a queda dos dois últimos fonemas. O mesmo acontece no vocábulo 'terreiro', derivado do substantivo 'terror'. Na seção dedicada à análise fonológica, veremos como se dá esse processo.

5.4 Sufixação em -nte

Passemos aos vocábulos formados por sufixação em -nte, que também representam uma pequena parcela do total, 2%, contando com apenas 3 exemplos. Vejamos, a seguir, a lista dos adjetivos formados em -nte e, abaixo, a tabela e o gráfico com a percentagem de vocábulos em -ente diante do total de adjetivos derivados:

Quadro 4. Adjetivos formados por sufixação em -nte

Adjetivo	Significado	Processo de formação
Doente	Doente	[[doe] _{verbo} + [nte] _{suf}] _{adj}
Obediente	Obediente	[[obedece] _{verbo} + [nte] _{suf}] _{adj}
Malcreente	Descrente	[[mal] _{adv} + [crente] _{adj}] _{adj} [[cree] _{verbo} + [nte] _{suf}] _{adj}

Tabela 4. Quantidade de adjetivos formados em -nte

Sufixo -ente		
-ente	3	2%
Outros	188	98%

Figura 10. Gráfico dos adjetivos formados em -nte



O sufixo -nte se liga, geralmente, a um verbo (X) para formar um adjetivo, e dá a ideia de 'aquele que faz X'. No vocábulo 'doente', temos a derivação sufixal a partir do verbo 'doer'. Em palavras formadas a partir de verbos, temos sempre a adunção de um

sufixo ao tema do verbo, que seria o radical seguindo da vogal temática, sem a desinência verbal de infinitivo ‘r’. No caso de ‘doer’, o tema é ‘doe’. Temos, portanto, a justaposição do tema do verbo e do sufixo, o que não acarreta processos morfofonológicos.

Já no vocábulo ‘obediente’, sabemos que a origem está no tema do verbo ‘obedecer’, que é ‘obedece’, o que implica algumas mudanças. Primeiro ocorre a justaposição do tema e do sufixo -nte: [obedece]+[nte] > [obedecente]; depois o apagamento do ‘c’ [s]: [obedecente] > [obedeente], com consequente alteamento do primeiro ‘e’ no encontro vocálico [obedeente] > [obediente].

Por fim, o vocábulo ‘malcreente’, que significa ‘descrente’ ou ‘aquele que não crê’, apresenta dois processos de formação: o primeiro sendo a sufixação em -nte a partir do verbo ‘creer’; e o segundo a composição entre o adjetivo já derivado ‘creente’ e a base ‘mal’. Tanto na derivação quanto na composição, não é desencadeado nenhum processo morfofonológico,

5.5 Sufixação em -oso

Passemos agora à descrição dos vocábulos formados pelo segundo sufixo mais recorrente no *corpus*: -oso. Ele representa 18% das formações, com um total de 35 vocábulos. Abaixo podemos observar a lista de adjetivos formados por sufixação em -oso e, em seguida, a tabela e o gráfico com a porcentagem de vocábulos em -oso diante do total de adjetivos derivados:

Quadro 5. Adjetivos formados por sufixação em -oso

Adjetivo	Significado	Processo de formação
Aguçoso	Apressado, diligente	[[aguça] _{verbo} + [OSO] _{suf}] _{adj}
Astroso	Desgraçado, infeliz	[[astro] _{subs} + [OSO] _{suf}] _{adj}
Avondoso	Que tem abundância	[[avondo] _{subs} + [OSO] _{suf}] _{adj}
Ceoso	Cioso	[[ceo] _{raiz} + [OSO] _{suf}] _{adj}
Choroso	Chorosos	[[choro] _{subs} + [OSO] _{suf}] _{adj}
Coitoso	Aflito, desgraçado	[[coita] _{subs} + [OSO] _{suf}] _{adj}

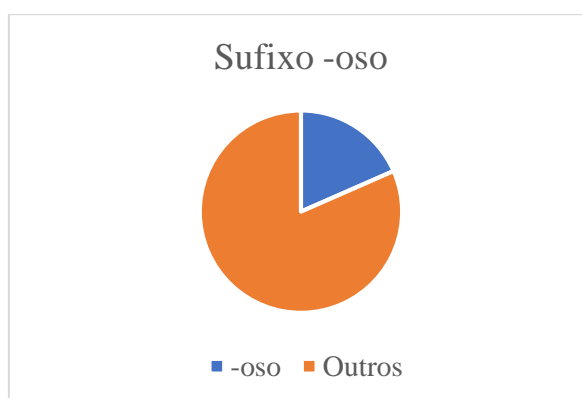
Desejoso	Desejoso	[[desejo] _{subs} + [oso] _{suf}]adj
Dooroso	Dolorosa	[[door] _{subs} + [oso] _{suf}]adj
Engêoso	Inteligente	[[engêo] _{subs} + [oso] _{suf}]adj
Espantoso	Espantoso	[[espanto] _{subs} + [oso] _{suf}]adj
Fremoso, fremosa	Formoso, formosa	[[frem] _{raiz} + [oso] _{suf}]adj
Fumoso	Que exala fumo ou vapores	[[fumo] _{subs} + [oso] _{suf}]adj
Goyoso	Gozoso	[[goyo] _{subs} + [oso] _{suf}]adj
Grorioso	Glorioso	[[groria] _{subs} + [oso] _{suf}]adj
Maravilloso	Maravilhoso	[[maravilla] _{subs} + [oso] _{suf}]adj
Megudoso	Necessitado, indigente	[[minguado] _{adj} + [oso] _{suf}]adj [[mengua] _{verbo} + [do] _{suf}]adj
Mentiroso	Mentiroso	[[mentira] _{subs} + [oso] _{suf}]adj
Misericordioso	Misericordioso	[[misericordia] _{subs} + [oso] _{suf}]adj
Nervioso	Nervudo	[[nervio] _{subs} + [oso] _{suf}]adj
Nojoso	Aborrecido, descontente	[[nojo] _{subs} + [oso] _{suf}]adj
Omildoso	Humilde	[[omilda] _{verbo} + [oso] _{suf}]adj
Orgullososo	Ogulhoso	[[orgullo] _{subs} + [oso] _{suf}]adj
Perdidoso	Prejudicado, com perda	[[perdido] _{adj} + [oso] _{suf}]adj [[perde] _{verbo} + [do] _{suf}]adj
Perigoso	Perigoso	[[perigo] _{subs} + [oso] _{suf}]adj
Piadoso	Piedoso	[[piadade] _{subs} + [oso] _{suf}]adj
Poderoso	Poderoso	[[poder] _{subs} + [oso] _{suf}]adj
Precioso	Precioso	[[prez] _{subs} + [oso] _{suf}]adj

Preguiçoso	Preguiçoso	[[preguiça] _{subs} + [oso] _{suf}]adj
Religioso	Religioso	[[religion] _{subs} + [oso] _{suf}]adj
Revoltoso	Revoltante	[[revolta] _{subs} + [oso] _{suf}]adj
Saboroso	Saboroso	[[sabor] _{subs} + [oso] _{suf}]adj
Sobervioso	Soberbo	[[sobervia] _{subs} + [oso] _{suf}]adj
Vagaroso	Lento, demorado	[[vagar] _{subs} + [oso] _{suf}]adj
Veloso	Que tem velo	[[velo] _{subs} + [oso] _{suf}]adj
Viçoso	Delicioso, agradável, viciante	[[viço] _{subs} + [oso] _{suf}]adj

Tabela 5. Quantidade de adjetivos formados em -oso

Sufixo -oso		
-oso	35	18%
Outros	156	82%

Figura 11. Gráfico dos adjetivos formados em -oso



Grande parte dos vocábulos em -oso são formados a partir de substantivos, como pode ser observado em ‘saboroso’ (‘sabor’ + -oso), ‘perigoso’ (‘perigo’ + -oso), ‘veloso’ (velo + -oso), ‘religioso’ (‘religion’ + -oso), ‘precioso’ (‘prez + -oso) e outros. No entanto, alguns deles fogem a essa regra.

Em ‘ceoso’, que significa ‘ciumento’, ‘zeloso’, não temos uma base livre à qual é anexado o sufixo -oso, mas uma base presa ‘ceo’, derivada do latim, *zelum*, segundo o dicionário Michaelis Online (disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/cioso/>). O reconhecimento desse tipo de estrutura só é possível graças às RAEs, por meio das quais podemos reconhecer o sufixo -oso, formador de adjetivos e, por isso, sabermos que aquele vocábulo foi formado a partir de outra base, seja ela independente ou não. O mesmo se pode dizer do vocábulo ‘fremoso’: apesar de a base ‘frem’ – que evoluiu para ‘form’ no PB atual, segundo Fontes (2010, p. 154) – não ser uma forma livre, ela carrega em si um significado, além do fato de se ligar a outros sufixos para formar diferentes tipos de vocábulos, como ‘fremosura’ (METTMANN, p. 151), que são encontrados no glossário.

Há também o adjetivo ‘aguçoso’, formado a partir de um verbo, cujo tema é ‘aguça’.

Por fim, temos dois casos especiais, de adjetivos em -oso que são formados a partir de adjetivos já derivados: ‘menguadoso’, de ‘menguado’, e ‘perdidoso’, de ‘perdido’. É possível notar que, primeiramente, houve a formação de adjetivos a partir dos verbos ‘menguar’ e ‘perder’, respectivamente. Em seguida, para atender às rimas das cantigas, foram criados novos adjetivos com os mesmos significados, adjungindo-se o sufixo -oso. Tal processo não é comum no PB atual, visto que não temos adjetivos em -oso derivados de outros adjetivos, mas, no PA, foi um processo criado para adequar alguns adjetivos a exigências específicas.

Assim como na maioria dos casos de sufixação, temos, na derivação em -oso, a grande ocorrência de queda da vogal temática da base diante da adjunção do sufixo. Com exceção de ‘fremoso’, que deriva de uma base presa, sem vogal temática, e ‘saboroso’, que deriva de ‘sabor’, vocábulo atemático. Esses processos serão analisados mais detalhadamente na seção dedicada à análise fonológica.

Na formação do adjetivo ‘precioso’, a partir do substantivo ‘prez’, podemos identificar alguns processos morfofonológicos: primeiramente ocorre o desvozeamento de [z] para [s] (‘prez’ + -oso > ‘preçoso’), e, em seguida, a inserção da vogal alta [i] (‘preçoso’ > ‘precioso’).

Há, também, um caso de haplologia, na formação de ‘piadoso’, formado a partir de ‘piidade’. Diante da junção do sufixo -oso ocorre, primeiramente, a queda da VT (‘piidade’ + -oso > ‘piadadoso’), o que deixa duas sílabas seguidas com o mesmo

segmento no *onset* ([d]). Desta maneira, ocorre haplologia, que é a queda de uma sílaba inteira ([da]), formando ‘piadoso’.

Por fim, podemos observar um caso de desnasalização em ‘religion’, para formar ‘religioso’. A VT perde o traço [+nasal] e sofre crase junto da vogal de -oso.

5.6 Sufixação em -udo

Outro tipo de formação pouco recorrente foi com o sufixo -udo, com apenas 4 exemplos, totalizando 2% das ocorrências. A seguir temos a lista dos adjetivos formados em -udo e, abaixo, a tabela e o gráfico com a porcentagem de vocábulos em -udo diante do total de adjetivos derivados:

Quadro 6. Adjetivos formados por sufixação em -udo

Adjetivo	Significado	Processo de formação
Barvudo	Com barba	[[barva] _{subs} + [udo] _{suf}] _{adj}
Beçudo	Beçudo	[[beço] _{subs} + [udo] _{suf}] _{adj}
Sannudo	Repleto de sanha, de raiva	[[sanna] _{subs} + [udo] _{suf}] _{adj}
Sisudo	Sisudo	[[siso] _{subs} + [udo] _{suf}] _{adj}

Tabela 6. Quantidade de adjetivos formados em -udo

Sufixo -udo		
-udo	4	2%
Outros	197	98%

Figura 12. Gráfico dos adjetivos formados em -udo

Todos os adjetivos formados em -udo surgiram a partir de um substantivo (X) e, junto do novo sufixo, assumem o sentido de ‘cheio de X’, ou ‘aquele que tem X em abundância’. Isso pode ser claramente observado nos quatro vocábulos em questão, derivados de ‘barva’, ‘beijo’, ‘sanna’ e ‘siso’, respectivamente. Em todos os casos, podemos observar que houve a queda da vogal temática diante da adjunção do sufixo -udo.

5.7 Sufixação em -or

Passemos à análise dos vocábulos formados pelo sufixo -or, comumente formador de substantivos a partir de verbos, como ‘coletor’, derivado do verbo ‘coletar’, no PB. No entanto, nos exemplos encontrados no *corpus*, temos formações em -or atuando como adjetivos. Nos casos de ‘enganador’ e ‘fazedor’, temos adjetivos formados a partir de verbos. O que vemos aqui é a adjunção do alomorfe -dor aos temas dos verbos, ‘engana’ e ‘faze’, respectivamente. Resta-nos saber se a ocorrência dessa alomorfia é fonologicamente condicionada ou não, por meio da análise fonológica. A seguir, temos a lista dos vocábulos formados em -or e seu alomorfe -dor, bem como a tabela e o gráfico que representa os valores desse tipo de vocábulo diante do total:

Quadro 7. Adjetivos formados por sufixação em -or

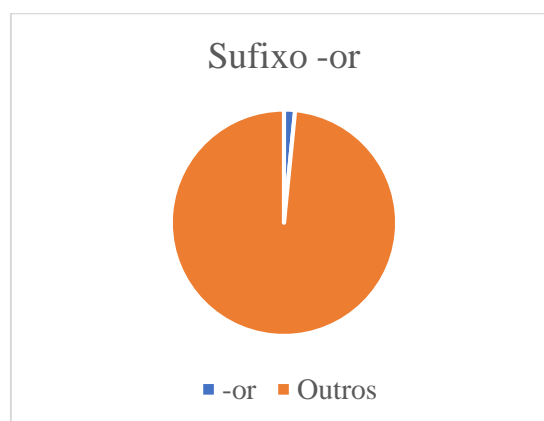
Adjetivo	Significado	Processo de formação
Enganador	Enganador	[[engana] _{verbo} + [dor] _{suf}] _{adj}
Fazedor	Caritativo, que mostra caridade	[[faze] _{verbo} + [dor] _{suf}] _{adj}

Malfeitor	Criminoso	[[mal] _{adv} + [feitor] _{subs}]adj [[feito] _{pp+} [or] _{suf}]subs
-----------	-----------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Tabela 7. Quantidade de adjetivos formados em -or

Sufixo -or		
-or	3	2%
Outros	188	98%

Figura 13. Gráfico dos adjetivos formados em -or



Em ‘malfeitor’, temos, primeiramente, a formação de ‘feitor’ a partir do particípio passado do verbo ‘fazer’. Esse verbo é anômalo e apresenta vários radicais diferentes em sua conjugação: faç-, faz, fiz, fez, e um deles é fei-, que aparece na forma do particípio, junto do sufixo -to, como veremos na subseção 5.11. Depois da adjunção do sufixo -or, formador de agente, houve, ainda, uma composição com o advérbio ‘mal’. Na cantiga 13 (METTMANN, 1959, p. 39), temos esse vocábulo cumprindo a função de adjetivo, como pode ser observado no trecho a seguir:

(9) E porend’ um granmiragre vos direi desta razon,
 Que feze Santa Maria, dun mui malfeitor ladron
 Que Elbo por nom’ avia; mas sempr’ enssaoraçon
 A ela s’ acomendava, e aquelolle prestou.
 (METTMANN, 1959, p. 39 – CSM 13)

Podemos perceber que o sufixo -or não é, a princípio, formador de adjetivos, mas sim de agentes, que geralmente pertencem à classe gramatical dos substantivos. No

entanto, como visto na seção 2, essas duas classes têm muito em comum, como o fato de poderem sofrer flexão de número e gênero, o que explica o fato de os vocábulos transitarem normalmente entre as duas, ora cumprindo a função de uma, ora de outra.

Em relação a esse sufixo, constatamos apenas a ocorrência de crase na formação da palavra ‘feitor’.

5.8 Sufixação em -inno

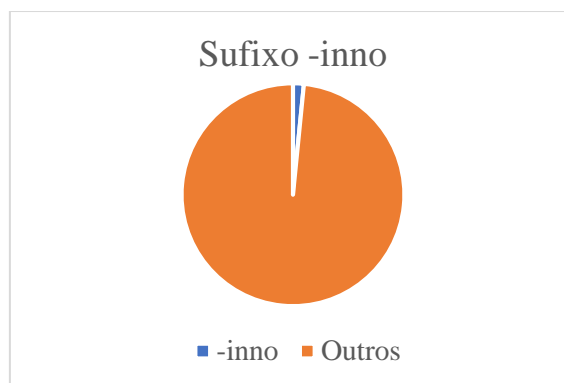
Poucas ocorrências desse sufixo foram encontradas no *corpus*: apenas ‘garridelinno’, ‘mesquinno’ e ‘pequeninno’. No entanto, nesses três exemplos, é possível perceber que o sufixo -inno, nesta época, estava principalmente ligado à ideia de diminutivo. Vejamos os processos de formação desses três vocábulos, bem como a tabela e o gráfico que representam sua quantidade diante do total de adjetivos derivados:

Quadro 8. Adjetivos formados por sufixação em -inno

Adjetivo	Significado	Processo de formação
Garridelinno	Travesso	[[garrido] _{adj} + [l] + [inno] _{suf}] _{adj}
Mesquinno	Mesquinho	[[mesqui] _{raiz} + [inno] _{suf}] _{adj}
Pequeninno	Pequenina	[[pequeno] _{adj} + [inno] _{suf}] _{adj}

Tabela 8. Quantidade de adjetivos formados em -inno

Sufixo -inno		
-inno	3	2%
Outros	189	98%

Figura 14. Gráfico dos adjetivos formados em -inno

Em ‘garridelinno’ e ‘pequeninno’, temos o sufixo -inno anexado a um adjetivo para formar outro adjetivo, com a ideia de diminutivo. Esse sufixo provocou em ‘pequeno’ a queda da vogal temática, como é comum hoje em dia com a adjunção do sufixo -inho. No entanto, em ‘garridelinno’, houve a perda dos traços [+posterior] e [+arredondado], da vogal temática [o] para [e], e a inserção da líquida [l]. Na seção 6, veremos como se dá esse processo.

Já no caso de ‘mesquinno’, acreditamos se tratar de uma base presa, de origem árabe: ‘miskīn, segundo o dicionário etimológico Michaelis Online (disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/mesquinho/>). Por ser uma base presa, não a encontramos sozinha, no entanto, ela se junta a outros tipos de sufixo para formar outras palavras, como ‘mesquindade’, também presente no glossário (METTMANN, 1972, p. 194).

5.9 Sufixação em -do

Passemos à análise do sufixo mais produtivo do *corpus*: -do. Autores como Kehdi (2004, p. 33) consideram -do uma desinência verbal da forma do particípio passado dos verbos. Contudo, o próprio particípio é considerado uma forma “verbo-nominal”, segundo o próprio autor, ou seja, apesar de ser formalmente considerada uma flexão verbal, essa forma comporta-se, muitas vezes, como um adjetivo (classe nominal), por acompanhar diretamente o núcleo de um sintagma nominal e dar-lhe uma característica – função dos adjetivos. Além disso, essa forma verbo-nominal é a única que pode sofrer flexão de gênero, algo que não é típico da classe dos verbos. Por isso, todos os particípios passados encontrados na função de adjetivos foram levados em

consideração no *corpus* e somam 100, o equivalente a 53% do total, uma quantidade muito grande para ser ignorada.

Abaixo encontramos a lista com os vocábulos e seus processos de formação, bem com a tabela e gráfico referentes à quantidade de formações em -do diante do total.

Quadro 9. Adjetivos formados por sufixação em -do

Adjetivo	Significado	Processo de formação
Abalado	Abalado	[[abala] _{verbo} + [do] _{suf}] _{adj}
Aconpannada	Acompanhada	[[aconpanna] _{verbo} + [do] _{suf}] _{adj}
Afazendada	Solícita, ocupada	[[afazenda] _{verbo} + [do] _{suf}] _{adj}
Aficado	Insistente, empenhado	[[afica] _{verbo} + [do] _{suf}] _{adj}
Amansado	Tornado manso	[[amansa] _{verbo} + [do] _{suf}] _{adj}
Aorada	Adorada	[[aora] _{verbo} + [do] _{suf}] _{adj}
Aparellado	Preparado, disposto	[[aparella] _{verbo} + [do] _{suf}] _{adj}
Apartado	Separado	[[aparta] _{verbo} + [do] _{suf}] _{adj}
Ardido	Valente, corajoso	[[arde] _{verbo} + [do] _{suf}] _{adj}
Armados	Armados	[[arma] _{verbo} + [do] _{suf}] _{adj}
Arrizado	Forte, rijo, valente	[[arriza] _{verbo} + [do] _{suf}] _{adj}
Arrufados	Vaidosos, presumidos	[[arrufa] _{verbo} + [do] _{suf}] _{adj}
Assembrados	Reunidos	[[assembra] _{verbo} + [do] _{suf}] _{adj}
Assuada	Reunida, ajuntada	[[assua] _{verbo} + [do] _{suf}] _{adj}
Atrevudo	Atrevido, insolente	[[atreve] _{verbo} + [do] _{suf}] _{adj}
Avondada	Farta, cheia de	[[avonda] _{verbo} + [do] _{suf}] _{adj}
Ben mandados	Ordenados	[[ben] _{adv} + [mandando] _{adj}] _{adj} [[manda] _{verbo} + [do] _{suf}] _{adj}
Ben ordinnado	Bem organizado	[[ben] _{adv} + [ordinnado] _{adj}] _{adj} [[ordinna] _{verbo} + [do] _{suf}] _{adj}
Ben razõada	Inteligente	[[ben] _{adv} + [razõado] _{adj} [[razõa] _{verbo} + [do] _{suf}] _{adj}
Ben-aventurada	Muito feliz	[[ben] _{adv} + [aventurado] _{adj}] _{adj}

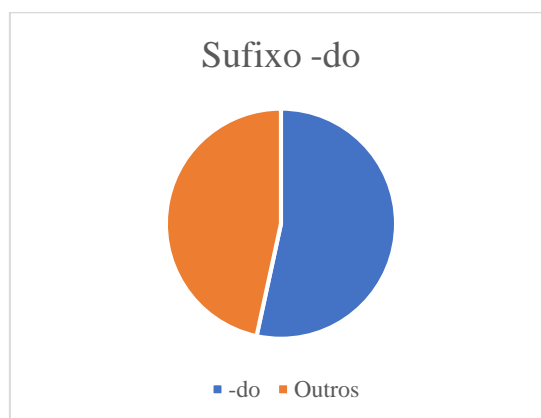
		[[aventura] _{verbo} + [do] _{suf}] _{adj}
Botado	Alterado (para vinho)	[[bota] _{verbo} + [do] _{suf}] _{adj}
Cansada	Cansada	[[cansa] _{verbo} + [do] _{suf}] _{adj}
Cantada	Cantada	[[canta] _{verbo} + [do] _{suf}] _{adj}
Comprada	Comprada	[[compra] _{verbo} + [do] _{suf}] _{adj}
Comprida	Cheia, perfeita	[[compri] _{verbo} + [do] _{suf}] _{adj}
Confessado	Confessado	[confessa] _{verbo} + [do] _{suf}] _{adj}
Connoçudo	Conhecido	[[connece] _{verbo} + [do] _{suf}] _{adj}
Contada	Contada	[[conta] _{verbo} + [do] _{suf}] _{adj}
Corõada	Coroada	[[corõa] _{verbo} + [do] _{suf}] _{adj}
Costumada	Acostumada	[[costuma] _{verbo} + [do] _{suf}] _{adj}
Coitada	Coitada	[[coita] _{verbo} + [do] _{suf}] _{adj}
Culpado	Que tem culpa	[[culpa] _{verbo} + [do] _{suf}] _{adj}
Dada	Dada	[[da] _{verbo} + [do] _{suf}] _{adj}
Defumados	Enegrecidos com fumo	[[defuma] _{verbo} + [do] _{suf}] _{adj}
Demoniados	Endemoniados	[[demonia] _{verbo} + [do] _{suf}] _{adj}
Desaconsellada	Privado de conselhos	[[des] _{pref} + [aconsellado] _{adj}] _{adj} [[aconsella] _{verbo} + [do] _{suf}] _{adj}] _{adj}
Desasperado	Desesperado	[[desaspera] _{verbo} + [do] _{suf}] _{adj}
Descreudos	Incrédulo, descrente	[[descree] _{verbo} + [do] _{suf}] _{adj}
Desnuados	Desnudados	[[desnua] _{verbo} + [do] _{suf}] _{adj}
Dobrada	Dobrada	[[dobra] _{verbo} + [do] _{suf}] _{adj}
Dourados	Dourados	[[doura] _{verbo} + [do] _{suf}] _{adj}
Ençimado	Terminado, acabado	[[encima] _{verbo} + [do] _{suf}] _{adj}
Enganado	Enganado	[[engana] _{verbo} + [do] _{suf}] _{adj}
Enlumêada	Iluminada	[[enlumêa] _{verbo} + [do] _{suf}] _{adj}
Enrugada	Enrugada	[[enrruga] _{verbo} + [do] _{suf}] _{adj}
Ensserrada	Encerrada	[[enserra] _{verbo} + [do] _{suf}] _{adj}
Enssinada	Ensinada	[[ensina] _{verbo} + [do] _{suf}] _{adj}

Entallados	Entalhados	[[entala] _{verbo} + [do] _{suf}] _{adj}
Entornada	Entornada	[[entorna] _{verbo} + [do] _{suf}] _{adj}
Envergonnado	Envergonhado	[[envergonna] _{verbo} + [do] _{suf}] _{adj}
Errado	Que errou, culpado	[[erra] _{verbo} + [do] _{suf}] _{adj}
Estendido	Estendido	[[estende] _{verbo} + [do] _{suf}] _{adj}
Falido	Falso, desleal	[[fali] _{verbo} + [do] _{suf}] _{adj}
Ficado	Colocado de joelhos	[[fica] _{verbo} + [do] _{suf}] _{adj}
Furtada	Roubada	[[furta] _{verbo} + [do] _{suf}] _{adj}
Grãada	Generosa, liberal	[[grãa] _{raiz} + [do] _{suf}] _{adj}
Guardada	Guardada	[[guarda] _{verbo} + [do] _{suf}] _{adj}
Guisado	Preparado, pronto	[[guisa] _{verbo} + [do] _{suf}] _{adj}
Irado	Irado	[[ira] _{verbo} + [do] _{suf}] _{adj}
Lazerado	Pobre, miserável	[[lazera] _{verbo} + [do] _{suf}] _{adj}
Leixada	Deixada	[[leixa] _{verbo} + [do] _{suf}] _{adj}
Leterado	Culto, instruído	[[letera] _{subs} + [do] _{suf}] _{adj}
Loada	Louvada	[[loa] _{verbo} + [do] _{suf}] _{adj}
Malaventurado	Mal aventurado	[[mal] _{adv} + [aventurado] _{adj}] _{adj} [[aventura] _{verbo} + [do] _{suf}] _{adj}
Malfadado	Infeliz, desgraçado	[[mal] _{adv} + [fadado] _{adj}] _{adj} [[fada] _{verbo} + [do] _{suf}] _{adj}
Maravillada	Maravilhada	[[maravilla] _{verbo} + [do] _{suf}] _{adj}
Menguada	Minguada	[[mengua] _{verbo} + [do] _{suf}] _{adj}
Merjudas	Abaixadas, inclinadas	[[merge] _{verbo} + [do] _{suf}] _{adj}
Mesurada	De maneiras comedidas	[[mesura] _{verbo} + [do] _{suf}] _{adj}
Metudo	Metido	[[mete] _{verbo} + [do] _{suf}] _{adj}
Mostrada	Mostrada	[[mostra] _{verbo} + [do] _{suf}] _{adj}
Movudo	Movido	[[move] _{verbo} + [do] _{suf}] _{adj}
Nado	Nascido	[[nace] _{verbo} + [do] _{suf}] _{adj}
Namorado	Apaixonado	[[namora] _{verbo} + [do] _{suf}] _{adj}

Offereçadas	Oferecidas	[[offerece]verbo + [do]suf]adj
Onrrada	Honrada	[[onrra]verbo + [do]suf]adj
Ordinnado	Ordenado	[[ordinna]verbo + [do]suf]adj
Ousado	Ousado	[[ousa]verbo + [do]suf]adj
Pareçada	Aparecida	[[parece]verbo + [do]suf]adj
Peceçadas	Despedaçadas	[[peceja]verbo + [do]suf]adj
Perdudo	Perdido	[[perde]verbo + [do]suf]adj
Perfiado	Porfiado, teimoso	[[perfia]verbo + [do]suf]adj
Perlongada	Prolongada	[[perlonga]verbo + [do]suf]adj
Pintada	Pintada	[[pinta]verbo + [do]suf]adj
Preçada	Prezada	[[preça]verbo + [do]suf]adj
Prennada	Grávida	[[prenna]verbo + [do]suf]adj
Privado	Favorito	[[priva]verbo + [do]suf]adj
Provada	Provada	[[prova]verbo + [do]suf]adj
Quedado	Sossegado, acalmado	[[queda]verbo + [do]suf]adj
Quedo	Tranquilo, quieto	[[queda]verbo + [do]suf]adj
Recreudo	Covarde	[[recree]verbo + [do]suf]adj
Rosada	Da cor rosa	[[rosa]verbo + [do]suf]adj
Sabuda	Sabida	[[sabe]verbo + [do]suf]adj
Sagrada	Sagrada	[[sagra]verbo + [do]suf]adj
Salgada	Salgada	[[salga]verbo + [do]suf]adj
Santivigada	Benta, santificada	[[santiviga]verbo + [do]suf]adj
Sentada	Sentada	[[senta]verbo + [do]suf]adj
Teçudos	Tecidos	[[teçe]verbo + [do]suf]adj
Temudo	Temido	[[teme]verbo + [do]suf]adj
Tendudo	Estendido	[[tende]verbo + [do]suf]adj

Tabela 9. Quantidade de adjetivos formados em -do

Sufixo -do		
-do	100	52%
Outros	91	48%

Figura 15. Gráfico dos adjetivos formados em -do

A maioria dos vocábulos, como pode ser visto quadro, não apresenta problemas quanto à identificação do processo formador: eles são, claramente, derivados de um verbo, ou melhor, do tema de um verbo, que engloba o radical e a vogal temática. Nesses casos, temos processos morfofonológicos bem definidos para cada conjugação verbal. Nos adjetivos formados a partir de verbos da primeira conjugação (-ar), vemos que a vogal temática se mantém, ('maravillar' > 'maravillada', 'corõar' > 'corõada'). Nos que são formados a partir de verbos da terceira conjugação (-ir), também é mantida a vogal temática ('falar' > 'falido', 'comprir' > 'comprido'). Já nos vocábulos formados a partir de verbos da segunda conjugação (-er), a vogal temática [e] sofre um alçamento e recebe os traços [+posterior] e [+arredondado], realizando-se como [u] ('temer' > 'temudo'). Dentre esses, 'ardido' é uma exceção: nesse caso, a VT sofre um alçamento, realizando-se como [i], processo mais comum no PB atual, pois acontece com os participípios dos verbos de 2ª conjugação hoje, e compalavras derivadas de verbos de 2ª conjugação com outros sufixos, como, por exemplo, 'abastecer > abastecimento', 'esclarecer > esclarecimento'.

É importante observar, também, os vocábulos 'quedo' e 'nado', derivados, respectivamente, dos verbos 'quedar' e 'nacer'. Nessas formações houve um processo

chamado de haplologia, em que uma sílaba inteira é suprimida. Em ‘quedo’, podemos justificar essa queda como mecanismo para evitar duas sílabas parecidas: ‘da’ e ‘do’, como vemos em ‘quedado’, visto que ambas têm, no onset, o mesmo segmento, com traços distintivos idênticos ([+anterior], [+coronal], [+vozeado] e [+tenso]). O caso de ‘nado’, por sua vez, não parece ter uma justificativa fonológica para o desencadeamento da haplologia. Em sua primeira ocorrência nas CSM, cantiga 21, ele faz parte de uma estrofe cujas rimas são em ‘ado’, como pode ser observado a seguir:

(9) “Log' o que pediu lle foi outorgado,
 e pois a seu tenp' aquel fillo nado
 que a Santa Maria demandado
 ouve, calle non quis enodon falir.
 Santa Maria pod' enfermos guarir...”
 (METTMANN, 1959, p. 62 – CSM 21)

Se não ocorresse haplologia, a formação do adjetivo a partir do verbo ‘nascer’ provavelmente seria ‘nascido’ ou ‘naçudo’, o que não se encaixaria na rima das cantigas em que aparece.

Além disso, alguns vocábulos passaram também por um processo de composição com os advérbios ‘ben’ e ‘mal’, formando palavras como ‘benrazõada’ e ‘malfadado’, por exemplo. E não podemos deixar de citar o caso de prefixação presente na lista, em que o prefixo des- se juntou ao adjetivo ‘aconsellado’ para formar um novo adjetivo com o sentido contrário. Nesses casos de composição e prefixação não foram desencadeados processos morfofonológicos.

Por fim, temos ‘grãada’, que acreditamos ser formado de uma base presa ‘grãa’, já que esta forma também outros vocábulos presentes no glossário, como ‘grãadeza’ (METTMANN, 1972, p. 156). No entanto não encontramos, no glossário ou em dicionários etimológicos vestígios da origem e do significado dessa base. No trecho abaixo, retirado da cantiga 65 (METTMANN, 1959), podemos observar o vocábulo em uso:

(10) “E macar vos paresc' ora tan astroso,
 muito fui loução, apost' e fremoso,
 ardid' e grãado, ric' e poderoso,
 e de boas mannas e ben costumado.
 A creer devemos que todo pecado...”

(METTMANN, 1959, p. 193 – CSM 65)

Diante dos exemplos derivados de substantivos (e não de verbos) e da análise sintática dos demais vocábulos em -do, constatamos que a chamada desinência verbal de particípio passado (-do) pode ser considerada sufixo formador de adjetivo, já que forma palavras com essa função sintática e é muito produtiva neste contexto.

5.10 Formações irregulares

Nesta subseção, dedicamo-nos à descrição dos particípios passados irregulares dos verbos, visto que estes também apareceram na função de adjetivo no decorrer das cantigas.

Estes vocábulos somam 7% do total, com 13 exemplos, como veremos a seguir:

Quadro 10. Adjetivos formados a partir de particípios irregulares

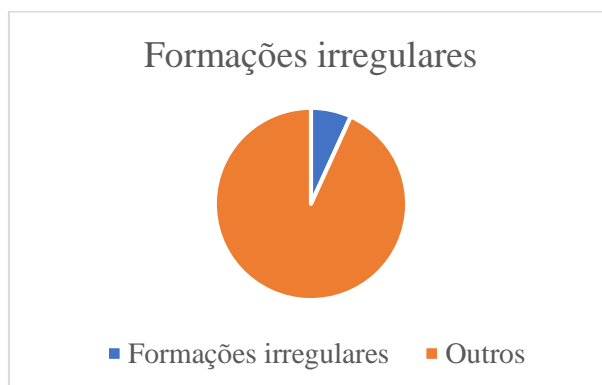
Adjetivo	Significado	Processo de formação
Aberta	Aberta	[[abri] _{verbo} + [to] _{suf}] _{adj}
Bêeito	Bento	[[bêeize] _{verbo} + [to] _{suf}] _{adj}
Escolleito	Escolhido	[[escolle] _{verbo} + [to] _{suf}] _{adj}
Escorreito	Escorrido	[[escorre] _{verbo} + [to] _{suf}] _{adj}
Feito	Feito	[[faze] _{verbo} + [to] _{suf}] _{adj}
Fito	Fincado	[[fita] _{verbo} + [to] _{suf}] _{adj}
Morto	Morto	[[morre] _{verbo} + [to] _{suf}] _{adj}
Odeito	Atado, ligado	[[ode] _{verbo} + [to] _{suf}] _{adj}
Quito	Livre, isento	[[quita] _{verbo} + [to] _{desinên}] _{adj}
Salvo	Salvo	[[salva] _{verbo} + [o] _{desinên}] _{adj}
Maldito	Maldito	[[mal] _{adv} + [ditto] _{adj}] _{adj} [[dize] _{verbo} + [to] _{suf}] _{adj}
Maltreito	Maltratado	[[mal] _{adv} + [treito] _{adj}] _{adj} [[trage] _{verbo} + [to] _{suf}] _{adj}

Malapreso	Grosseiro	[[aprende] _{verbo} + [to] _{desinên}]PP [[mal] _{adv} + [apreso] _{PP}]adj
-----------	-----------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Tabela 10. Quantidade de adjetivos formados a partir de participípios irregulares

Formações irregulares		
Formações irregulares	13	7%
Outros	178	93%

Figura 16. Gráfico dos adjetivos formados a partir de participípios irregulares



Estes casos foram considerados irregulares, pois, apesar de muitos deles apresentarem o sufixo -to em sua formação, que pode ser considerado um alomorfe de -do, também formador de participípios, diversas adaptações fonológicas acontecem em seu radical e VT. Vejamos quais.

‘Aberto’, formado a partir do verbo ‘abrir’ (tema ‘abri’), apresenta desvozeamento no sufixo ([d] para [t]), abaixamento da VT ([i] para [ɛ]) e comutação (‘re’ > ‘er’). Vejamos, no diagrama apresentado no exemplo 11, os processos fonológicos envolvidos na formação de ‘aberto’:

(11) abri + to (sufixo com desvozeamento) > abre + to (abaixamento da VT) > aber + to
(comutação ‘re’ > ‘er’) > aberto

‘Bêeito’, formado a partir do verbo ‘bêeizer’, apresenta desvozeamento no sufixo ([d] para [t]), alçamento da vogal temática (de [e] para [i]) e supressão de [z], do

radical. Vejamos, no diagrama apresentado no exemplo 12, os processos fonológicos envolvidos na formação de ‘bêeito’:

(12) bêeize + to (sufixo com desvozeamento) > (apagamento da última sílaba) bêeize +
to > bêeito

‘Escolleito’, derivado de ‘escoller’, apresenta desvozeamento no sufixo ([d] para [t]), e inserção de ‘i’, num processo de ditongação, o que acontece também com ‘escorreito’, derivado de ‘escorrer’, e ‘odeito’, derivado do verbo ‘oder’, que, segundo o glossário, significa ‘atar’, ‘ligar’ (METTMANN, 1972, p. 209). Vejamos, no diagrama apresentado no exemplo 13, os processos fonológicos envolvidos na formação de ‘escolleito’, que serve também para ‘escorreito’ e ‘odeito’:

(13) ‘escorre’ + to (sufixo com desvozeamento) > (inserção de ‘i’) ‘escorreito’

Em ‘feito’, do verbo ‘fazer’, há o desvozeamento no sufixo ([d] para [t]), o alteamento da VT (de [e] para [i]), o apagamento de [z], do radical, e, por fim, a assimilação entre a vogal do radical [a] e a VT [i], em que o ‘a’ passa para ‘e’ diante da VT alteada ‘i’. No exemplo 14 temos o diagrama dos processos fonológicos envolvidos na formação de ‘feito’:

(14) ‘faze’ + to (sufixo com desvozeamento) > (alteamento da VT) ‘fazito’ >
apagamento de [z] ‘faito’ > (assimilação entre a vogal do radical e a VT) ‘feito’

O vocábulo ‘fito’ é derivado de ‘fitar’. Neste caso, há o desvozeamento do sufixo (de [d] para [t]) e, em seguida, a haplologia. Assim, já teríamos, também, duas sílabas seguidas com *onsets* idênticos em ‘fitato’, por isso a sílaba ‘ta’ é apagada. O mesmo acontece com ‘quito’, derivado de ‘quitar’, como podemos observar no diagrama abaixo:

(15) ‘quita’ + to (sufixo com desvozeamento) > (haplologia) ‘quito’

Em ‘morto’, derivado de ‘morrer’, também vemos o desvozeamento no sufixo (de [d] para [t]) e, em seguida, o apagamento da VT. Vejamos, no diagrama apresentado no exemplo 16, os processos fonológicos envolvidos na formação de ‘morto’:

(16) ‘morre’ + to (sufixo com desvozeamento) > (apagamento da VT) ‘morto’

Na formação de ‘dito’ a partir do verbo ‘dizer’, além do desvozeamento no sufixo, ocorre, também, o apagamento da sílaba ‘ze’. Vejamos, no diagrama apresentado no exemplo 17, os processos fonológicos envolvidos na formação de ‘dito’:

(17) ‘dize’ + to (sufixo com desvozeamento) > (apagamento de ‘ze’) ‘dito’

O particípio de ‘trager’, verbo que significa ‘trazer’, ‘levar’, também passa por alguns processos. Na formação de ‘treito’, temos o desvozeamento no sufixo, alteamento da VT (de [e] para [i]), o apagamento do ‘g’ do radical e a assimilação entre a vogal do radical e a VT, em que o ‘a’ passa para ‘e’ diante da VT alteada ‘i’. O diagrama abaixo mostra como ocorrem esses processos:

(18) ‘trage’ + to (sufixo com desvozeamento) > (alteamento da VT) ‘tragito’ > (apagamento de ‘g’) ‘traito’ > (assimilação entre a vogal do radical e a VT) ‘treito’

Já em ‘salvo’, temos o apagamento da vogal temática [a] e do *onset* do sufixo ([d]), como pode ser observado no diagrama abaixo:

(19) ‘salva’ + ‘do’ > (apagamento da VT e de [d]) ‘salvo’

Por fim, o vocábulo ‘apreso’, derivado do verbo ‘aprender’, parece ter passado pelos seguintes processos fonológicos:

(20) ‘aprende’ + do > (haplologia) ‘aprendo’ > (desnasalização) ‘apredo’ > (fricativização) ‘apreso’

Nessa formação houve, primeiramente, a junção do sufixo -do, seguida de haplologia para evitar duas sílabas seguidas com o mesmo *onset* ([d]). Depois tivemos

desnasalização da vogal do radical e, por fim, fricativização da consoante do *onset*, que passou de oclusiva para fricativa.

Resta-nos saber se é possível encaixá-los dentro de uma hierarquia por meio da TO e se essas adaptações podem ser fonologicamente justificadas, ou se se tratam apenas de alomorfias puras. Segundo Silva (2008, p. 17), os verbos podem ser divididos de três formas em relação à formação do seu particípio: a) verbos que apresentam apenas o particípio regular (arrizotônicos), como ‘chamado’, formado a partir do tema do verbo mais o sufixo -do; b) verbos que apresentam apenas o particípio irregular (rizotônicos), formado a partir de um alomorfe do radical, como ‘dito’; e c) verbos que apresentam dois particípios, sendo um regular e outro irregular, como ‘pegado’ e ‘pego’.

5.11 Outros afixos

Por fim, temos seis vocábulos que foram formados a partir de sufixos diferentes dos que foram mostrados anteriormente. Estes seis tipos de formação encontram-se concentrados em uma única subseção por representarem uma pequena parcela dos vocábulos e serem pouco recorrentes no PA. Cada um representa menos de 1% do total e juntos somam 3%. A seguir, temos o quadro com os adjetivos formados por afixos pouco recorrentes:

Quadro 11. Adjetivos formados por outros afixos

Adjetivo	Significado	Processo de formação
Desleal	Desleal	[[des] _{pref} + [leal] _{adj}] _{adj}
Doorida	Dolorida	[[door] _{subs} + [ido] _{suf}] _{adj}
Malvaz	Malvado	[[mal] _{subs} + [v] + [az] _{suf}] _{adj}
Montes	Montês, dos montes	[[monte] _{subs} + [es] _{suf}] _{adj}
Rissonna	Risonha	[[riso] _{subs} + [onno] _{suf}] _{adj}
Sinaado	Determinado	[[sina] _{subs} + [ado] _{suf}] _{adj}

Começemos pela formação de ‘desleal’, um caso típico de adjunção do prefixo des- a um adjetivo (X), que acarreta o sentido de ‘contrário a X’. Neste caso, tivemos o

prefixo des- adjungido ao adjetivo ‘leal’, o que não acarretou mudança de classe de palavra nem processos morfofonológicos.

O vocábulo ‘doorido’ não apresenta processos morfofonológicos na sua formação. Trata-se da junção da base ‘door’ ao sufixo -ido.

Em ‘malvaz’ temos a formação de um adjetivo a partir do substantivo ‘mal’ e do sufixo -az, que até hoje, no PB atual, forma adjetivos (voraz, sagaz, audaz etc). No processo de formação deste vocábulo, tivemos a inserção da consoante [v], processo que será melhor detalhado na seção 6, que conta com a análise fonológica.

‘Montes’ é um adjetivo formado a partir da adjunção do sufixo -es, para indicar ‘aquele que vem de’, ao substantivo ‘monte’. É possível observar que houve a crase da vogal temática da base [e] com a vogal do sufixo.

Temos, também, a sufixação em -onno para formar o adjetivo ‘risonno’ a partir do substantivo ‘riso’. Neste processo de formação também houve a crase da vogal temática da base [o] com a vogal do sufixo.

Por fim, observamos a palavra ‘sinaado’, que se originou a partir da junção da base ‘sina’ ao sufixo -ado. Diferente do que comumente ocorre, neste caso não houve crase da VT. Na Seção 6 analisaremos por que.

5.12 Considerações finais

Nesta seção vimos quais são os tipos de formação de adjetivos mais produtivos no PA, com destaque para a sufixação, e quais são os sufixos mais produtivos, -do e -oso. Além disso, vimos como cada vocábulo foi formado e a partir de que base. Em alguns casos, por se tratarem de bases livres, elas foram mais fáceis de identificar. Em outros, formados a partir de bases presas (como ‘fremoso’), tivemos que recorrer às RAEs e a dicionários etimológicos.

Em cada subseção tentamos identificar quais processos morfofonológicos haviam sido desencadeados pelos processos de formação para explica-los melhor na seção seguinte, dedicada à análise fonológica.

Por fim, como apontado na Seção 2, existem dois tipos de alomorfia: as que são fonologicamente condicionadas e as que não são. Principalmente na subseção 5.10, sobre formações irregulares, encontramos vários exemplos de alomorfia, tanto no sufixo formador, quanto no radical. Resta-nos verificar se essas alomorfias são justificadas por restrições fonológicas, como indica a TO, ou se são alomorfias puras.

6 ANÁLISE FONOLÓGICA

Esta seção está dedicada à análise dos processos morfofonológicos desencadeados pela formação de adjetivos no PA. Para tal, utilizaremos a TO, que propõe uma análise em *tableaux*. Na seção anterior, vimos como cada vocábulo derivado se compõe morfológicamente e pudemos observar alguns processos morfofonológicos desencadeados. Nesta etapa, analisaremos esses processos, que já foram citados anteriormente, dentro de um *tableau* para identificar qual hierarquia de restrições era vigente na língua naquela época e se é possível chegarmos a uma hierarquia definitiva, que englobe todas as ocorrências de adaptações fonológicas.

Além de mostrar algumas análises, pretendemos, também, quantificar a ocorrência dos processos morfofonológicos, observando quais são os mais comuns e por quê.

No nosso *corpus* foram identificados 13 processos morfofonológicos, em 98 adjetivos. Alguns vocábulos apresentam mais de uma adaptação fonológica no seu processo de formação, como ‘obediente’, por exemplo, que apresenta supressão de consoante e alçamento de vogal do radical (obedece + nte > obedecente > obedente > obediente). Na tabela abaixo podemos ver quantos vocábulos desencadearam determinadas combinações de processos e o percentual desses processos, ou combinações de processos, em comparação com o total de adjetivos coletados:

Tabela 11. Combinações de processos desencadeados

Processos	Número de adjetivos	Percentual em relação ao total de adjetivos
Supressão ou crase de VT	55	54,08%
Alçamento de VT	18	18,36%
Inserção de consoante	4	4,08%
Desvozeamento e inserção de semivogal	3	3,06%
Haplologia	2	2,04%
Desvozeamento e haplologia	2	2,04%
Supressão de VT e de consoante	2	2,04%

Desvozeamento, alçamento da VT, supressão de consoante e alçamento de vogal do radical	2	2,04%
Desvozeamento e inserção de vogal	1	1,02%
Supressão de consoante e vogal do radical	1	1,02%
Mudança dos traços [+posterior] e [+arredondado] da VT e inserção de consoante	1	1,02%
Haplogia, desnasalização e fricativização	1	1,02%
Desvozeamento, alçamento da VT e supressão de consoante	1	1,02%
Desvozeamento, abaixamento da VT e comutação	1	1,02%
Desvozeamento e supressão da VT	1	1,02%
Desvozeamento e supressão de consoante e VT	1	1,02%
Alçamento de VT e inserção de consoante	1	1,02%
Alçamento de vogal do radical e supressão de consoante	1	1,02%
	Total = 98	100%

6.1 Vocábulos livres de adaptações fonológicas

Como visto na seção anterior, alguns vocábulos não sofrem adaptações morfofonológicas ao serem formados. No total, podemos identificar 93 adjetivos que não passaram por adaptações na sua formação. Na tabela a seguir, podemos observar o percentual de adjetivos que não sofreram processos fonológicos na sua formação em relação ao total de adjetivos coletados:

Tabela 12. Percentual de adjetivos que não sofreram processos fonológicos

Processo	Número de adjetivos	Percentual em relação ao total de adjetivos
Nenhum processo desencadeado	93	48,69%
	Total = 191	100%

Dentre esses 93, 83 são derivados de verbos da 1ª e 3ª conjugação, com sufixo -do, como ‘loada’, ou ‘falido’, por exemplo. Nessas formações, não houve adaptação fonológica no radical, na VT ou no sufixo.

Além desses casos, há, também, 5 vocábulos formados por sufixação em -oso, em que houve apenas a junção do sufixo à base, sem adaptações. São eles ‘dooroso’, ‘fremoso’, ‘poderoso’, ‘saboroso’ e ‘vagaroso’. No caso da sufixação em -oso, a não ocorrência de processos morfofonológicos pode ser explicada pelo fato de essas bases serem atemáticas, ou seja, não possuírem VT, e estarem diante de um sufixo iniciado por vogal, o que forma uma sílaba bastante comum no português, composta de uma consoante no *onset* e uma vogal no núcleo.

Outros dois casos são de sufixação em -nte: ‘doente’ e ‘malcreente’, em que o sufixo se juntou à base, formada pelo tema dos verbos ‘doer’ e ‘creer’, respectivamente, sem desencadear adaptações fonológicas.

Dentre os vocábulos que não sofreram adaptações fonológicas, temos, também, o caso de ‘descomunal’. Nem a prefixação, nem a sufixação acarretaram mudanças, visto que a nasalização final em ‘comum’ (/ko.'muN/) termina com arquifonema nasal, que tem realização variável e pode ser considerado como uma consoante nasal, juntando-se ao sufixo -al sem provocar adaptações.

Por fim, temos os casos ‘doorido’ e ‘sinaado’, que são formados a partir dos sufixos -ido e -ado, respectivamente. A análise de ‘doorido’ não apresenta problemas: temos uma base atemática junta de um sufixo iniciado por vogal, o que não acarreta processos morfofonológicos. Já ‘sinaado’ deveria, pela hierarquia, apresentar crase da VT para não violar a restrição *HIATUS. Contudo, isso não acontece, contrariando a hierarquia e formando um hiato de duas consoantes idênticas. Acreditamos que essa formação, como outras que serão explicadas mais a frente, seja um caso de recurso estilístico, para manter a contagem de sílabas poéticas da cantiga 88, cujos versos contam com sete sílabas, como pode ser visto no exemplo a seguir:

(21) “Mas un dia sinaado
 en que Deus quis encarnar,
 o convento foi levado
 de comer, e a rezar
 se fillaron ben provado
 por aa eigreja passar
 con seu «Miserere mei».
 Quen servi-la Madre do gran Rei...”
 (METTMANN, 1959, p. 255 – CSM 88)

6.2 Supressão ou crase da vogal temática

Diante das adaptações fonológicas encontradas no *corpus*, a supressão ou crase da vogal temática foi a mais comum, ocorrendo em 55 vocábulos, como pode ser observado na tabela abaixo:

Tabela 13. Porcentagem dos vocábulos que sofreram supressão ou crase da VT

Processo	Número de adjetivos	Percentual em relação ao total de adjetivos
Supressão ou crase da VT	55	54,08%
	Total = 98	100%

Vejamos as análises de alguns desses vocábulos para compreendermos, por meio do ranqueamento de restrições, qual é a justificativa para essas supressões. Começamos pelo vocábulo ‘infernai’:

Quadro 12. Análise de ‘infernai’

/iN.'fɛR.no/ + /aw/	*COMPLEXNUCLEUS	*HIATUS	DEP	IDENT	NONFINALITY	MAX
[ĩ.fer.no.'aʊ]		*		**	*	
[ĩ.fer.'noaʊ]	*!			**	*	
☞ [ĩ.fer.'naʊ]				*	*	*
[ĩ.fer.no.'raʊ]			*	**	*	

Na análise de ‘infernai’, foram utilizadas as restrições *HIATUS, que proíbe a formação de hiato no *output*; *COMPLEXNUCLEUS, que proíbe a formação de ditongo, ou seja, a ramificação do núcleo no *output*; IDENT, que se refere à mudança de traço dos segmentos; NONFINALITY, que proíbe a formação de oxítonas; DEP, que proíbe a inserção de um elemento no *output* que não esteja no *input*; e MAX, que proíbe o apagamento de um elemento no *output* que esteja no *input*. Vale ressaltar que as restrições *COMPLEXNUCLEUS e *HIATUS proíbem a formação desses processos no *output*, porém, se eles já existirem na forma de base, eles são aceitos.

A partir do *input*, foram gerados 4 *outputs*, dos quais o primeiro ([ĩ.fer.nũ.'aũ]) viola a restrição *HIATUS, o segundo ([ĩ.fer.'noaũ]) viola *COMPLEXNUCLEUS, e o quarto ([ĩ.fer.nũ.'raũ]) viola DEP. O terceiro candidato ([ĩ.fer.'naũ]), considerado o candidato ótimo, viola MAX, por isso, essa restrição é considerada baixa na hierarquia. As restrições IDENT e NONFINALITY também se mostram baixas na hierarquia, visto que todos os candidatos as violam.

Vejam os mais um exemplo que reafirma essa hierarquia, com a análise da palavra ‘certão’:

Quadro 13. Análise da palavra ‘certão’

/'cɛR.to/ + /ãw/	*COMPLEXNUCLEUS	*HIATUS	DEP	IDENT	NONFINALITY	MAX
[cer.to.'ãũ]		*		**	*	
[cer.'toãũ]	*!			**	*	
☞ [cer.'tãũ]				*	*	*
[cer.to.'zãũ]			*	**	*	

A partir do *input* foram gerados 4 *outputs*. Dentre eles, o primeiro ([cer.to.'ãũ]) forma hiato, o que viola *HIATUS; o segundo ([cer.'toãũ]) forma um núcleo ramificado, violando *COMPLEXNUCLEUS; o terceiro ([cer.'tãũ]) é o candidato ótimo e apresenta a supressão de um segmento, a VT, violando MAX, mas isso ocorre para que ele não viole outras restrições mais altas; por fim, o quarto candidato ([cer.to.'zãũ]), apresenta inserção de um segmento ([z]), o que significa que ele viola DEP para não violar *HIATUS e *COMPLEXNUCLEUS. No entanto, DEP domina MAX, visto que, na maioria dos casos, é preferível a supressão de um segmento à

inserção de outro. Mais uma vez, IDENT e NONFINALITY foram violadas por todos os candidatos.

Vejamos agora a análise do vocábulo ‘verdadeiro’, formado a partir da base ‘verdade’ e do sufixo -eiro:

Quadro 14. Análise de 'verdadeiro'

/veR.'da.de/ + /ej.rɔ/	*HIATUS	DEP	MAX
[veɫ.da.de.'eɫ.rɔ]	*		
[veɫ.da.de.'e.rɔ]	*		*
☞ [veɫ.da.'deɫ.rɔ]			*
[veɫ.da.'de.rɔ]			**
[ver.da.de.'reɫ.rɔ]		*	

Neste caso, percebemos que, pelos possíveis *outputs* formados, não temos a violação de *COMPLEXNUCLEUS, pois a VT e a primeira vogal do sufixo possuem os mesmo traços e, por isso, não poderiam formar um núcleo juntas. Ademais, foi mantida a mesma hierarquia.

Vejamos agora a análise do vocábulo ‘mentiroso’, formado a partir da junção de -oso à base ‘mentira’:

Quadro 15. Análise de 'mentiroso'

/meN.'ti.ra/ + /o.zɔ/	*HIATUS	DEP	MAX
[mẽ.ti.ra.'o.zɔ]	*		
☞ [mẽ.ti.'ro.zɔ]			*
[mẽ.ti.ra.'ro.zɔ]		*	

Para evitar a violação de *HIATUS, no caso do *input* /meN.'ti.rɛ/ + /o.zɔ/, as alternativas são a inserção de um elemento ([r], por analogia a [de.rei.tɔ.'rei.rɔ]¹⁵), ou a supressão de um elemento, a VT, no caso. Como estamos observando ao longo das análises, no PA, ao se formar um adjetivo por sufixação, é mais comum a supressão de um elemento do que a inserção de outro, portanto, a restrição MAX continua mais baixa na hierarquia do que DEP.

¹⁵ A análise detalhada desse vocábulo será apresentada na subseção 6.4.

Por fim, em ‘religioso’, temos o processo inverso daquele observado em ‘descomunal’: a nasalização final em ‘religion’ (/xe.li.ʒi.oN/) termina com arquifonema nasal, que tem realização variável e pode ser considerado como uma vogal nasal. Sendo assim, para formar ‘religioso’, houve supressão da VT.

Os vocábulos formados pela sufixação em -udo seguem o mesmo padrão da maioria dos vocábulos que sofrem sufixação: há a supressão da vogal temática em todos eles. Vejamos, a seguir, um exemplo de análise, do vocábulo ‘barvudo’, que representa todos os outros em -udo:

Quadro 16. Análise de 'barvudo'

/baR.va/ + /u.dʊ/	*COMPLEXNUCLEUS	*HIATUS	DEP	MAX
[bar.va.'u.dʊ]		*		
[bar.'vaʊ.dʊ]	*!			
[bar.va.'ru.dʊ]			*	
☞ [bar.'vu.dʊ]				*

No vocábulo ‘pequeninho’ também é possível observar a queda da VT, de acordo com o *tableau* abaixo:

Quadro 17. Análise de 'pequeninho'

/pe.'ke.no/ + /i.ɲʊ/	*COMPLEXNUCLEUS	*HIATUS	DEP	IDENT	MAX
[pe.ke.nʊ.'i.ɲʊ]		*		*	
[pe.ke.'nu.ɲʊ]	!*			*	
[pe.ke.nʊ.'zi.ɲʊ]			*	*	
☞ [pe.ke.'ni.ɲʊ]					*

Além dos processos já mencionados, foi gerado, por analogia ao PB – em que é comum a inserção de [z] diante do sufixo de diminutivo -inho, como em ‘pezinho’ – o candidato [pe.ke.nʊ.'zi.ɲʊ], que viola DEP e não é o candidato ótimo.

Ainda nesta subseção, temos as análises de dois adjetivos formados por sufixos pouco comuns no *corpus*: ‘montes’ e ‘risonno’, formados pelos sufixos -es e -onno,

respectivamente. Apesar de ser um tipo de sufixação pouco comum, também desencadeia crase da VT, como podemos ver a seguir:

Quadro 18. Análise de 'montes'

/moN.te/ + /eS/	*COMPLEXNUCLEUS	*HIATUS	DEP	IDENT	NONFINALITY	MAX
[mõ.ti.'es]		*		*	*	
['mõ.tes]	*!			*		
[mõ.ti.'res]			*	*	*	
☞[mõ.'tes]					*	*

Em 'montes', temos mais um caso em que a restrição MAX é violada para não serem violadas as restrições *HIATUS e *COMPLEXNUCLEUS, mais altas na hierarquia. O mesmo acontece com 'risnonno':

Quadro 19. Análise de 'risnonno'

/'xi.zo/ + /o.ɲo/	*COMPLEXNUCLEUS	*HIATUS	DEP	IDENT	MAX
[xi.zo.'o.ɲo]		*		*	
[xi.'zoo.ɲo]	*!			*	
[xi.zo.'ro.ɲo]			*	*	
[xi.'zo.ɲo]					*

6.3 Alçamento de VT

O alçamento de VT é o terceiro processo mais comum, ocorrendo em 18 dos 98 vocábulos que sofrem processos, como pode ser observado na tabela a seguir:

Tabela 14. Porcentagem dos vocábulos que sofreram alçamento de VT

Processo	Número de adjetivos	Percentual em relação ao total de adjetivos
Alçamento de VT	18	18,36%

	Total = 98	100%
--	-------------------	-------------

Começamos pela análise dos vocábulos ‘terreal’ e ‘celestial’, que, a nosso ver, são considerados casos em variação, ou seja, são candidatos simpáticos.

Numa primeira tentativa de análise desses dois vocábulos, identificamos um ranqueamento em que poderia haver um filtro para a restrição HIATUS, já que os dados mostram, até agora, que não é permitida a formação de hiato caso as vogais sejam idênticas e caso a VT nominal tenha o traço [+recuado] (hiatos entre vogais com o traço [-recuado] podem acontecer). Além disso, IDENT teria que estar abaixo de MAX para impedir a formação de ‘celestal’ e ‘terral’. Sendo assim, estaríamos diante do seguinte *tableau* para ‘terreal’:

Quadro 20. Possível análise de ‘terreal’

/tɛ.xɐ/ + /aw/	OCP	MAX	*HIATUS	IDENT
[tɛ.xa.'aɔ]	*		*	*
[tɛ.'xaɔ]		*		*
☞ [tɛ.xɛ.'aɔ]			*	**

Além de inverter a hierarquia válida para a maioria dos vocábulos (*HIATUS >> MAX), ainda assim, a palavra ‘mortal’, existente no *corpus*, por exemplo, não se encaixaria neste *tableau*, pois o candidato ótimo, segundo essa solução, seria ‘morteal’, que não ocorre.

Sendo assim, consideramos ‘celestial’ e ‘terreal’ como casos de exceção, que foram influenciados pela constituição dos versos em que aparecem. Na cantiga 42, em que os dois vocábulos são encontrados, observamos que eles se encontram no 3º verso de suas respectivas estrofes, como pode ser visto nos exemplos abaixo:

(22) “E da Virgen groriosa nunca depois se nenbrou,
mas da amiga primeira outra vez sse namorou,
e per prazer dos parentes logo con ela casou
e sabor do outro mundo leixou polo **terreal**.

A Virgen mui groriosa...”

(METTMANN, 1959, p. 124 – CSM 42)

(23) “E pois en toda ssa vida, per com' eu escrit' achei,
serviu a Santa Maria, Madre do muit' alto Rei,
que o levou pois consigo per com' eu creo e sei,
deste mund' a Parayso, o reino **celestial**.
A Virgen mui groriosa...”
(METTMANN, 1959, p.123 – CSM 42)

Estes versos possuem, nesta cantiga, 15 sílabas poéticas, ou seja, sendo usados os candidatos ótimos ‘celestal’ e ‘terral’, segundo a hierarquia de restrições vigente até aqui, os versos em que essas palavras aparecem ficariam com uma sílaba poética a menos. Além disso, se cotarmos os dados relativos ao sufixo -al, observamos que, nesse tipo de formação, a VT é apagada em 6 dos 8 casos (75% dos casos), o que reafirma nossa hipótese de que ambos os vocábulos são casos de recurso estilístico, de adaptação da palavra ao verso. ‘Celestial’ e ‘terreal’ são, portanto, candidatos simpáticos.

Outro caso de alçamento da VT foi o de vocábulos formados a partir dos verbos de segunda conjugação junto do sufixo -do, em que temos o alçamento da VT de [e] para [u] ou [i].

Para entender por que foi desencadeado o alçamento da VT nas formações a partir dos verbos de segunda conjugação junto do sufixo -do, primeiramente, constatamos que a VT da base, quando for média, vai assimilar o traço da vogal do sufixo. Podemos observar que isso acontece com as formações derivadas de verbos cuja VT é [e] e não acontece, por exemplo, com vocábulos como ‘loada’ e ‘ferido’, cujas VTs são baixa ([a]) e alta ([i]), respectivamente.

Na análise segundo a TO, as restrições mobilizadas foram IDENT, que se refere à mudança do traço [+baixo]; *MID[tônica], que proíbe a presença de uma vogal média na sílaba tônica; e AGREE[hight], que diz, nesse caso, que a vogal tônica deve ter a mesma altura da vogal pós-tônica. Vejamos a análise desse caso, no quadro 21.

Quadro 21. Análise de 'temudo'

/te.me/ + /dʊ/	*MID[tônica]	AGREE[hight]	IDENT
[te.'me.du]	*	*	
☞ [te.'mu.dʊ]			*

Sendo assim, o candidato 'temedo' violaria duas restrições, pois tem uma vogal média na sílaba tônica, e a vogal da sílaba tônica não concorda com o traço [-baixo] da vogal pós-tônica. Por isso a VT sofre alçamento, violando IDENT.

É importante ressaltar que essas restrições se aplicam a este contexto fonológico, em que temos a junção de uma base temática que termina em vogal a um sufixo que começa com consoante.

6.4 Inserção de consoante

Os casos de inserção de consoante foram poucos (apenas 4), representando 2,09% do total, como podemos acompanhar na tabela abaixo:

Tabela 15. Porcentagem dos vocábulos que sofreram inserção de consoante

Processo	Número de adjetivos	Percentual em relação ao total de adjetivos
Inserção de consoante	4	4,08%
	Total = 98	100%

Poderíamos pensar que os casos dos vocábulos com inserção de consoante são semelhantes aos casos de 'celestial' e 'terreal', ou seja, que temos aqui, também, candidatos em variação. Ao analisarmos o vocábulo 'dereitureiro', presente na cantiga 43, temos, novamente, a motivação estilística: DEP é preferivelmente violada em relação à MAX apenas para manter a contagem de sílabas poéticas, visto que DEP é mais alta que MAX na hierarquia, como mostrado nas análises anteriores, e, além disso, 9 entre 12 vocábulos formados em -eiro apresentam queda da VT.

No entanto, quando analisamos os outros três vocábulos que apresentam inserção de consoante ('enganador', 'fazedor' e 'malvaz'), percebemos que a inserção

da consoante não muda o número de sílabas do vocábulo e, portanto, de sílabas poéticas, ou seja, não há uma justificativa estilística para essa adaptação. A inserção ocorre, na verdade, para impedir a formação de um hiato no *output* – [ẽ.gã.na.'or], no caso de ‘enganador’, [fa.ze.'or], no caso de ‘fazedor’, e [mao.'az] no caso de ‘malvaz’ – isto é, pelo mesmo motivo que MAX é violada na maioria dos casos. Poderíamos pensar, então, que DEP e MAX estão no mesmo nível. Contudo, se analisarmos dessa maneira, várias das análises anteriores, como os quadros 14, 15 e 16, referentes aos vocábulos ‘verdadeiro’, ‘mentiroso’ e ‘barvudo’, respectivamente, teriam que admitir mais um candidato ótimo, o que não acontece na prática. Portanto, consideramos que esses 3 vocábulos são exceções, como outras que veremos mais a frente, e os afixos -dor e -vaz são alomorfes puros, não justificados fonologicamente, ou seja, acontecem no nível morfológico.

6.5 Supressão de consoante e da VT

Os vocábulos que apresentam supressão de consoante e da VT foram dois: ‘nado’ e ‘salvo’, e apresentam 2,04% dos vocábulos, como pode ser observado na tabela a seguir:

Tabela 16. Porcentagem dos vocábulos que sofreram supressão de consoante e da VT

Processo	Número de adjetivos	Percentual em relação ao total de adjetivos
Supressão de consoante e da VT	2	2,04%
	Total = 98	100%

Na sua ocorrência na cantiga 21, ‘nado’ é a última palavra do verso, em uma estrofe em que se seguem rimas em /'a.do/, como podemos observar no exemplo a seguir:

(24) “Log' o que pediu lle foi outorgado,
 e pois a seu tenp' aquelfillo **nado**
 que a Santa Maria demandado
 ouve, calle non quis enodon falir.
 Santa Maria pod' enfermos guarir...”
 (METTMANN, 1959, p. 62 – CSM 21)

A estrutura desta estrofe é de 3 versos graves (terminados com paroxítone), de 10 sílabas poéticas cada, seguido de 1 verso agudo de 11 sílabas poéticas. Se substituirmos ‘nado’ pela forma regular ‘naçudo’ ou ‘nacido’, isso desrespeitaria a estrutura da estrofe. Portanto, a escolha de ‘nado’, provavelmente, tem motivação composicional.

Podemos afirmar, então, que, na formação deste adjetivo a partir do tema do verbo ‘nacer’ e da junção do sufixo -do, foi preferido o candidato simpático ‘nado’ e não ‘naçudo’, como seria formado, por analogia às outras formações a partir de verbos da segunda conjugação (como ‘temudo’, ‘tendudo’, ‘merjudo’ e outras).

O outro caso em que houve queda de consoante e da VT foi o vocábulo ‘salvo’. No *tableau* abaixo podemos observar quais restrições operam nessa formação:

Quadro 22. Análise de 'salvo'

/saL.va/ + /dʊ/	CONDCODA	MAX
☞ [saʊ₂'va.dʊ]		
[saʊy.dʊ]	*	*
[saʊ₂vʊ]		**

Além das restrições vistas até então, temos, na composição deste *tableau*, a restrição CODACOND, que, no português, proíbe o preenchimento de coda por segmentos além de /R/, /S/, /N/ e /L/. A forma ‘salva’, encontrada na cantiga 2, foi usada para não exceder o número de sete sílabas poéticas da cantiga referida, como pode ser observado no exemplo a seguir:

(25) “Porque o a Groriosa
 achou muy fort' e sen medo
 en loar sa preciosa
 virgĩndad' en Toledo,
 deu-lle porend' hũa alva,

que nas sas festas vestisse,
 a Virgen santa e **salva**
 e, en dando-lla, lle disse:
 «Meu Fillo esto ch' envia.»
 Poren devemos, varões...”
 (METTMANN, 1959, p. 8 – CSM 2)

Nestes dois casos, podemos afirmar que estamos diante de candidatos simpáticos, pois, apesar de as formas ‘salvado’ e ‘naçudo’ não aparecerem nas cantigas, temos equivalentes a essas formas no PB atual (‘salvado’ e ‘nascido’, respectivamente). O que nos faz inferir que estas seriam as formas regulares, como mostra o tableau, com [saʊ̞ˈva.do] como candidato ótimo, e [ˈsaʊ̞.vo] e [ˈna.do] são as segundas opções, menos regulares, porém aceitáveis também.

6.6 Haplologia

Os casos de haplologia são apenas dois e também são casos de candidatos simpáticos. Na tabela abaixo, podemos observar o percentual de vocábulos que sofrem apenas haplologia, diante do total:

Tabela 17. Percentagem de vocábulos que sofreram haplologia

Processo	Número de adjetivos	Percentual em relação ao total de adjetivos
Haplologia	2	2,04%
	Total = 98	100%

Nas análises dos vocábulos ‘quedo’ e ‘piadoso’, percebemos que o desencadeamento da haplologia também está relacionado a uma questão estilística, visto que, diante da hierarquia observada, haveria outro candidato possível, considerado ótimo. Observemos o *tableau* abaixo, referente ao vocábulo ‘quedo’:

Quadro 23. Análise de 'quedado' e 'quedo'

/ke.da/ + /dɔ/	CODACOND	*HIATUS	MAX
☞ [ke.'da.dɔ]			
[ked.dɔ]	*		*
[ke.'a.dɔ]		*	*
☺ [ke.dɔ]			**

. O segundo e terceiro candidatos ([ked.dɔ] e [ke.a.dɔ]) violam, respectivamente, CODACOND e *HIATUS, além de MAX, enquanto o quarto candidato ([ke.dɔ]) viola MAX duas vezes. Além deles, o primeiro candidato não viola nenhuma das restrições, mostrando-se um candidato ótimo. O vocábulo 'quedado' aparece, inclusive, nas cantigas e no glossário (METTMANN, 1972, p. 254), o que nos mostra que eles estão em variação.

No caso de 'piadoso', não temos a presença do que seria o candidato ótimo 'piadadoso', nas cantigas ou no glossário, mas, segundo a análise abaixo, podemos observar que o segundo e quarto candidatos estão em variação:

Quadro 24. Análise de 'piadoso'

/pi.a.'da.de/ + /o.zɔ/	CODACOND	*HIATUS	MAX
[pi.a.da.de.'o.zɔ]		*	
☞ [pi.a.da.'do.zɔ]			*
[pi.ad.'do.zɔ]	*		**
☺ [pi.a.'do.zɔ]			***

Podemos dizer que 'piadoso' é um candidato simpático (pois este não viola restrições altas como CODACOND), mas também não é o candidato que menos viola as restrições.

Poderíamos pensar em uma restrição que impede sílabas com *onsets* idênticos consecutivos, como é o caso 'quedado' e 'piadadoso', no entanto, olhando para o total

dos dados, são encontrados 19 vocábulos (incluindo ‘quedado’) em que temos *onsets* idênticos consecutivos, formados por [d], ou [t] e [d], que não segmentos muito semelhantes, por exemplo, como em ‘pintado’, ‘guardado’, ‘furtado’ e outros. Visto que a frequência de haplologia é de 2,04% do total, enquanto a ocorrência de *onsets* idênticos é de 9,94% do total de 191 adjetivos, podemos constatar que o desencadeamento de haplologia também é exceção neste sistema.

6.8 Supressão de consoante e de vogal do radical

No único caso em que pudemos observar a supressão de um segmento vocálico e um segmento consonantal, também se trata de uma exceção. Na tabela abaixo, temos a porcentagem de vocábulos em que ocorre supressão de consoante e de vogal do radical diante do total:

Tabela 18. Porcentagem de vocábulos que sofrem supressão de consoante e de vogal do radical

Processo	Número de adjetivos	Percentual em relação ao total de adjetivos
Supressão de consoante e de vogal do radical	1	1,02%
	Total = 98	100%

Diante das possíveis formações a partir da base ‘senllos’ junto do sufixo -eiro’, além de ‘senlleiro’, que consta nas cantigas, temos o candidato ‘senlloseiro’, que não viola nenhuma restrição mais grave que a que ‘senlleiro’ viola (como pode ser observado no *tableau* abaixo), ou seja, a ocorrência de ‘senlleiro’ se dá, também, por motivos estilísticos, para não exceder o número de 15 sílabas poéticas do seu verso na cantiga 43, como podemos observar no exemplo e no *tableau* a seguir:

(26) “Ca u quis tõe-lo fillo e a cera que fïa,
 deu fever ao menÿo e mató-o muit' agã,
 que lle nunca prestar pode física nen meezÿa;
 mas gran chanto fez la madre pois se viu dele **senlleira**.
 Porque é Santa Maria leal e mui verdadeira...”
 (METTMANN, 1959, p. 126 – CSM 43)

Quadro 25. Análise de 'senlleiro'

/ˈseN.ʎoS/ + /ej.rʊ/	*HIATUS	MAX
☞ [sẽ.ʎo.ˈzeɪ.rʊ]		
[sẽ.ʎo.ˈeɪ.rʊ]	*	*
☺ [sẽ.ˈʎeɪ.rʊ]		**

6.9 Exceções

Nas últimas três subseções, foram identificados processos morfofonológicos que não se encaixam na hierarquia válida para a grande maioria dos vocábulos, como inserção de consoante e haplologia, por exemplo. Os vocábulos que nos restam ser analisados também apresentam dois ou mais processos que, se hierarquizados, desobedeceriam, parcial ou totalmente, à hierarquia válida. A lista dos vocábulos considerados exceção encontra-se na tabela abaixo:

Tabela 19. Porcentagem dos vocábulos que apresentam exceções

Vocábulos	Tipo de processo	Quantidade/porcentagem
Escorreito, escolleito, odeito	Desvozeamento e inserção de semivogal	3/3,06%
Fito, quito	Desvozeamento e haplologia	2/2,04%
Feito, maltreito	Desvozeamento, alçamento da VT, supressão de consoante e alçamento de vogal do radical	1/1,02%
Precioso	Desvozeamento e inserção de vogal	1/1,02%
Garridelinno	Mudança dos traços [+posterior] e [+arredondado] da VT e inserção de consoante	1/1,02%
Apreso	Haplologia, desnasalização e fricativização	1/1,02%

Bêito	Desvozeamento, alçamento da VT e supressão de consoante	1/1,02%
Aberto	Desvozeamento, abaixamento da VT e comutação	1/1,02%
Morto	Desvozeamento e supressão da VT	1/1,02%
Maldito	Desvozeamento e supressão de consoante e VT	1/1,02%
Tortiçeiro	Alçamento de VT e inserção de consoante	1/1,02%
Obediente	Alçamento de vogal do radical e supressão de consoante	1/1,02%

O desvozeamento encontrado nos sufixos de alguns desses vocábulos (de -do para -to) não é fonologicamente condicionado. Se pensarmos em uma restrição em *onsets* com segmentos vozeados (o que justificaria esse desvozeamento), todas as outras formações em -do (53% do total de 191 adjetivos coletados) estariam fora da hierarquia. Portanto, consideramos que -to é um alomorfe puro de -do.

Além disso, nos participípios formados por esse alomorfe, ocorrem, também, inúmeras adaptações morfofonológicas no radical. Essas adaptações não podem ser totalmente ranqueadas, porque, se ranqueadas, formarão uma hierarquia contrária àquela válida para a maioria. Por isso, acreditamos que esses participípios apresentam formas rizotônicas dos verbos. São os casos de ‘escorreito’, ‘escolleito’, ‘odeito’, ‘fito’, ‘quito’, ‘maltreito’, ‘apreso’, ‘bêito’, ‘aberto’, ‘morto’ e ‘maldito’.

Já nos vocábulos ‘tortiçeiro’ e ‘obediente’, temos o alçamento de uma vogalque, nesses casos, não pode ser regido por AGREE[high], como a maioria dos casos de alçamento. Além disso, ‘obediente’ apresenta a supressão de uma consoante, o que forma um hiato.

O vocábulo ‘garridelinno’ apresenta uma mudança de traço da vogal temática (nos traços [+posterior] e [+arredondado]), o que viola IDENT, mas não está

relacionada à AGREE[hight], como outros casos de alçamento. Além disso, apresenta inserção de consoante.

Por fim, no vocábulo ‘precioso’, temos, além da inserção de uma vogal, processo que já é pouco comum, o desvozeamento de ‘z’ da base prez, que também não apresenta motivação fonológica.

Esses vocábulos, juntos de ‘enganador’, ‘fazedor’ e ‘malvaz’, representam 18,36% do total de adjetivos que sofrem processos e foram considerados exceções, pois suas mudanças, seja no sufixo, seja no radical, não puderam ser fonologicamente justificadas pela hierarquia de restrições válida para a maioria dos vocábulos, o que nos leva a acreditar que elas são alomorfas, ou seja, variantes no nível morfológico.

6.10 Considerações finais

Nesta seção, vimos como a TO representa alguns processos morfofonológicos desencadeados na formação de adjetivos no PA. A formação de núcleos ramificados, de hiatos e preenchimento de codas por segmento que não /R/, /S/, /N/ e /L/ mostraram-se processos a serem evitados, estando mais altos na hierarquia e sendo violados com pouca frequência, enquanto inserções e apagamentos de segmentos se mostraram mais comuns. Entre eles, o apagamento (ou crase) da vogal temática foi o processo mais recorrente, aparecendo em 54,08% dos casos.

Vimos também que, apesar de a TO nos ajudar a compreender melhor o funcionamento da fonologia do PA, ela não consegue explicar todos os processos. Alguns porque se tratam de alomorfas puras, originais do nível morfológico (como é o caso das formas rizotônicas de alguns verbos que geram adjetivos), e outros porque se tratam de adaptações estilisticamente motivadas (como ‘sinaado’) que ocorrem para manter as rimas ou contagem de sílabas poéticas das cantigas.

Sendo assim, podemos separar os vocábulos em quatro grandes grupos: A) os vocábulos que não apresentaram processos ou que tiveram processos morfofonológicos desencadeados dentro da hierarquia, chamados de regulares, que representam 54,08% do total; B) vocábulos que são, na verdade, candidatos simpáticos e estão em variação (‘quedo’, ‘nado’ e ‘salvo’), chamados de variações, que representam 3,06% do total; C) vocábulos que, mesmo sendo considerados simpáticos, não parecem apresentar variação, mas ocorrem para atender exigências estilísticas do texto (‘piadoso’, ‘sinaado’, ‘celestial’, ‘terreal’, ‘dereitureiro’ e ‘senlleiro’), chamados de exceções

justificadas, que representam 6,12% do total; e, por fim, D) vocábulos que apresentam dois ou mais processos fonológicos não justificados pela hierarquia (apresentados na subseção anterior), ou seja, que não ocorrem no nível fonológico, mas sim no nível morfológico, chamados de exceções, e que representam 18,36% dos casos.

Por fim, foi possível estabelecer duas hierarquias que explicam grande parte dos vocábulos, para dois contextos fonológicos diferentes. O primeiro se trata da formação de adjetivos a partir de junção de um sufixo iniciado por vogal. Para este contexto, temos a hierarquia *COMPLEXNUCLEUS >> CONDCODA >> *HIATUS >> DEP >> IDENT >> NONFINALITY >> MAX. O segundo contexto diz respeito à sufixação a partir de um sufixo iniciado por consoante. Para este contexto, temos a hierarquia *MID; AGREE[hight]; CONDCODA; *HIATUS >> MAX >> IDENT.

CONCLUSÃO

Este trabalho teve como objetivo analisar a formação dos adjetivos do PA a partir de um *corpus* coletado das CSM, verificando quais são os processos morfológicos mais produtivos e quais processos morfofonológicos são desencadeados nessas novas formações.

Foram coletados 269 adjetivos nas 100 primeiras CSM da edição de Mettmann (1959). Desse número, 78 foram considerados adjetivos primitivos, que não têm origem em outras palavras e que, portanto, não entraram na análise. Os outros 191 adjetivos são derivados de outros vocábulos e foram divididos conforme o tipo de formação.

Na análise morfológica, vimos que a sufixação é o processo mais produtivo na formação de adjetivos no PA, seguido da composição e da prefixação. Dentre os sufixos mais produtivos, estão -do e -oso, que juntos somam 70% das formações. Além deles, vimos que -al também é bastante produtivo. Os sufixos -oso e -al formam adjetivos majoritariamente a partir de substantivos, enquanto -do forma adjetivos a partir de verbos. Outro processo bastante comum foi o das formações irregulares, que, ao analisarmos fonologicamente, percebemos que se tratam de alomorfias puras, ocorrentes no nível morfológico. Além disso, foi possível afirmar que a maioria das formações não acarretam processos morfofonológicos (48,%).

Na análise fonológica, foram observados vários processos morfofonológicos desencadeados para adequar os vocábulos às restrições vigentes na hierarquia encontrada para o PA, sendo que os principais foram supressão ou crase da VT e alçamento da VT. A partir daí, vários vocábulos foram analisados por meio de *tableaux* para chegarmos a uma hierarquia de restrições que explicasse a maior parte das ocorrências. Diante de dois contextos fonológicos diferentes, pudemos observar duas hierarquias. Uma referente à derivação com um sufixo iniciado por vogal, que foi *COMPLEXNUCLEUS >> CONDCODA >> *HIATUS >> DEP >> IDENT >> NONFINALITY >> MAX; e outra referente à derivação com um sufixo iniciado por consoante, que foi *MID; AGREE[hight]; CONDCODA; *HIATUS >> MAX >> IDENT.

Essas hierarquias explicaram 85,85% dos vocábulos coletados. Além desses, 1,57% foram considerados vocábulos em variação, 3,14% se mostraram exceções que são justificadas pelo contexto estilístico do texto, e 9,42% são exceções por não

apresentarem justificativas fonológicas para suas diferenças. Essas últimas foram consideradas alomorfas, seja de radical, seja de sufixo.

Por fim, concluímos que a TO pode nos ajudar a entender por que certas adaptações fonológicas acontecem e de que maneira elas estão ligadas ao funcionamento da língua. Além disso, por meio do ranqueamento, podemos encontrar quais as restrições a que determinado sistema linguístico (PA, no caso) se submete e de que maneira elas são diferentes de outros sistemas.

Foi possível observar, também, que a língua portuguesa, mesmo nessa época, já apresentava irregularidades que não podem ser fonologicamente justificadas, elas pertencem ao nível morfológico da língua e são consideradas alomorfas puras. Ademais, pudemos constatar que a TO, como outras teorias, não consegue explicar 100% dos casos.

Este trabalho mostrou um pouco mais sobre o funcionamento morfológico e fonológico do Português Arcaico e ajudou-nos a dar um passo a mais nos estudos sincrônicos sobre esse período da língua.

REFERÊNCIAS

AARTS, B. **Syntatic Gradience: The nature of grammatical indeterminacy**. 1. ed. New York: Oxford, 2007.

BARBOSA, J. B., COSTA, D. S. Os processos morfofonológicos desencadeados pelos sufixos -s/ção e -mento. **Estudos Linguísticos** (São Paulo), v. XXXV, p. 1043 - 1051, 2006.

BASÍLIO, M. **Estruturas lexicais do português**. Petrópolis: Vozes, 1980.

_____. **Formação e classes de palavras no português do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **Teoria Lexical**. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1991.

BIDERMAN, M. T. C. **Teria linguística quantitativa e computacional**. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos, 1978.

BISOL, L. **O Ditongo na Perspectiva da Fonologia Atual**. D.E.L.T.A., São Paulo, v. 05, n.2, p. 185-224, 1989.

BLOOMFIELD, L. **Language**. Chicago: The University of Chicago Press, 1933.

CÂMARA JR., J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. 19ª ed. Petrópolis: Vozes, 1989. [1. ed. 1970].

CAGLIARI, L. C. **Análise fonológica: introdução à teoria e à prática**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

CASTILHO, A.T. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CHOLLISCHONN, G. A sílaba em português. In: BISOL, L. (org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 2ª ed. Porto Alegre: Edipucrs, (1999).

CHOMSKY, N.; HALLE, M. **The sound pattern of English**. Massachusetts: MIT Press, 1991. [1. ed. 1968].

COSTA, D.S. **Estudo do acento lexical no português arcaico por meio das Cantigas de Santa Maria**. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – Araraquara, 2006.

_____. Morfo (lógica): Flexão nominal. In: ABREU, A. S.; SPERANÇA-CRISCUOLO, A. C.. **Ensino de português e Linguística: Teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2016.

CRISTÓFARO-SILVA, T. **Dicionário de fonética e fonologia**. São Paulo: Vozes, 2015.

FAVARO, G. S. **Estudo das formas verbais do pretérito perfeito do modo indicativo nas Cantigas de Santa Maria**, 200 fls. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2012.

FERREIRA, M. P. Afonso X, compositor. **Alcante: Revista de estudos alfonsíes**. Camas, v. 5, 2006-2007.

FILGUEIRA VALVERDE, J. Introducción. In: **ALFONSO X EL SABIO**. Cantigas de Santa María: Códice Rico de El Escorial. Madrid: Castalia, 1985. p. XI-LXIII.

FONTES, J. S. **Rumores da escrita, vestígios do passado: uma interpretação fonológica das vogais do português arcaico por meio da poesia medieval** [online]. São Paulo: Editora UNESP. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 254 p.

GONÇALVES, C. A. Flexão e derivação: o grau. In: VIEIRA, S. R. e BRANDÃO, S. F. (orgs.). **Ensino de gramática: descrição e uso**. São Paulo: Contexto, 2007.

GONZÁLES JIMENEZ, M. Alfonso X: rey de Castilla y Leon. In: MONTROYA MARTÍNEZ, J.; DOMÍNGUEZ RODRÍGUEZ, A. (Coord.). **El Scriptorium alfonsí: de los 196 Libros de Astrología a las «Cantigas de Santa María»**. Madrid: Editorial Complutense, 1999, p. 1-15.

HERNANDORENA, C. L. M. Introdução à teoria fonológica. In: BISOL, L. (org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 2ª ed. Porto Alegre: Edipucrs, (1999).

IGNÁCIO DE MENDONÇA, C. S. A sílaba em fonologia. **Working papers em linguística**. Florianópolis, n.7, p 21-40. 2003.

KEHDI, V. **Formação de palavras em português**. São Paulo: Ática, 1992.

KEHDI, V. **Morfemas do português**. 6ª ed. São Paulo: Ática, 2004.

LAROCA, M. N. C. **Manual de morfologia do português**. 4ª ed. Campinas: Pontes, 2005.

LEÃO, A. V. **Cantigas de Santa Maria de Afonso X, o Sábio: aspectos culturais e literários**. Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2007.

MAIA, C. A. Periodização na história da língua portuguesa: *status quaestionis* e perspectivas de investigação futura. In: GÄRTNER, E., HUNDT, C., SCHÖNBERGER, A. (Eds.). **Estudos de história da língua portuguesa**. Frankfurt am Main: TFM, 1999.

MASSINI-CAGLIARI, G. **A música da fala dos trovadores. Estudos de Prosódia do Português Arcaico, a partir das cantigas profanas e religiosas**. Araraquara: UNESP – FCL, 2005, Tese de Livre Docência.

MATTOS E SILVA, R. V. **O Português Arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe**. São Paulo: Contexto, 2006.

MATZENAUER, C. L. B.; MIRANDA, A. R. M. Traços distintivos. In: BISOL, L.; SCHWINDT, L. C. (Orgs.) **Teoria da Otimalidade: Fonologia**. Pontes: Campinas, 2010.

MESSNER, D. Conjecturas sobre a periodização da língua portuguesa. In: MASSINI-CAGLIARI et. Al. (Org.) **Descrição do Português: linguística histórica e historiografia linguística**. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2002.

METTMANN, Walter. Alfonso X, el Sabio. **Cantigas de Santa Maria** (cantigas 1 a100). Madrid: Castalia, 1959.

METTMANN, W. Alfonso X, el Sabio. **Cantigas de Santa Maria: Glossário**. Coimbra: Universidade, 1972.

MIELO, T. C. S. **A formação de adjetivos no Português Arcaico**. 2016. Monografia (Bacharelado em Letras) - Faculdade de Ciências e Letras/UNESP, Araraquara, 2016.

PRADO, N. C. **Processos morfofonológicos na formação de nomes deverbais com ossufixos -çon/-ção e -mento: um estudo comparativo entre português arcaico e português brasileiro**. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) –Faculdade de Ciências e Letras/UNESP, Araraquara, 2010.

PRINCE, A.; SMOLENSKY, P. Optimality Theory: constraint interaction in generative grammar. In: MCCARTHY, J.J. (Edit.) **Optimality Theory in Phonology**. Blackwell Publishing: Oxford, 2004.

ROCHA, L. C. A. **Estruturas morfológicas do português**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

RODRÍGUEZ, J. L. **Castelhanismos no galego-português de Afonso X, o sábio**. Santiago de Compostela, 1983.

SCARBOROUGH, C. L. Autoría o autorías. In: MONTOYA MARTÍNEZ, J.; DOMÍNGUEZ RODRÍGUEZ, A. (Coord.). **El Scriptorium alfonsí: de los Libros de Astrología a las «Cantigas de Santa María»**. Madrid: Editorial Complutense, 1999. p. 331-337.

SILVA, G. **Processos morfofonológicos desencadeados pelos sufixos –s/ção e –mento na formação de substantivos deverbais no Português de Araraquara/SP e Araxá/MG**. 2017. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras/UNESP, Araraquara, 2017.

SILVA, I. T. **O uso do particípio em formações verbais no português do sul do Brasil**. 2008. Dissertação (Mestrado em Teoria e Análise Linguística) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

SNOW, J.T. Current Satatus of Cantigas Studies. In: KATZ, I.J.; KELLER, J.E. (Ed). **Studies on the Cantigas de Santa Maria: Art, Music an Poetry**. Madison: The Hispanic Seminary of Medieval Studies, Ltd, 1987. p.475-486.

APÊNDICE A

Traço distintivo	Consonantal	Silábico	Soante	Contínuo	Metástase retardada	Nasal	Lateral	Anterior	Coronal	Alto	Recuado ou posterior	Arredondado	Baixo	Vozeado	Tenso	Estridente
p	+	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	+	-
b	+	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	+	+	-
t	+	-	-	-	-	-	-	+	+	-	-	-	-	-	+	-
d	+	-	-	-	-	-	-	+	+	-	-	-	-	+	+	-
k	+	-	-	-	-	-	-	-	-	+	+	-	-	-	+	-
g	+	-	-	-	-	-	-	-	-	+	+	-	-	+	+	-
tʃ	+	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-
dʒ	+	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	+	+	-
f	+	-	-	+	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	+	+
v	+	-	-	+	-	-	-	+	-	-	-	-	-	+	+	+
θ	+	-	-	+	-	-	-	+	+	-	-	-	-	-	+	-
s	+	-	-	+	-	-	-	+	+	-	-	-	-	-	+	+
z	+	-	-	+	-	-	-	+	+	-	-	-	-	+	+	+
ʃ	+	-	-	+	-	-	-	-	+	+	-	-	-	-	+	+
ʒ	+	-	-	+	-	-	-	-	+	+	-	-	-	+	+	+
h	+	-	-	+	-	-	-	-	-	+	+	-	-	-	+	-
m	+	-	+	-	-	+	-	+	-	-	-	-	-	+	+	-
n	+	-	+	-	-	+	-	+	+	-	-	-	-	+	+	-
ɲ	+	-	+	-	-	+	-	-	+	+	-	-	-	+	+	-
l	+	-	+	+	-	-	+	+	+	-	-	-	-	+	+	-
ɫ	+	-	+	+	-	-	-	-	-	-	+	-	+	+	+	-
ʎ	+	-	+	+	-	-	+	-	+	+	-	-	-	+	+	-
r	+	-	+	+	-	-	-	+	+	-	-	-	-	+	+	-
R	+	-	+	+	-	-	-	-	-	+	+	-	-	+	+	-
i	-	+	+	+	-	-	-	-	-	+	-	-	-	+	+	-
e	-	+	+	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	+	-
ɛ	-	+	+	+	-	-	-	-	-	-	-	-	+	+	+	-
ɨ	-	+	+	+	-	-	-	-	-	+	+	-	-	+	+	-
a	-	+	+	+	-	-	-	-	-	-	+	-	+	+	+	-
ɔ	-	+	+	+	-	-	-	-	-	-	+	+	+	+	+	-
o	-	+	+	+	-	-	-	-	-	-	+	+	-	+	+	-
u	-	+	+	+	-	-	-	-	-	+	+	+	-	+	+	-
ɪ	-	+	+	+	-	-	-	-	-	+	-	-	-	+	-	-
ə	-	+	+	+	-	-	-	-	-	-	+	-	-	+	-	-
ʊ	-	+	+	+	-	-	-	-	-	+	+	-	-	+	-	-

APÊNDICE B

Adjetivos primitivos		
Adjetivo	Significado	Cantiga
Alta	Alta	6
Antigo	Antigo	14
Aposto	Belo, bem composto	6
Atal	Tal, semelhante	4
Bel, belas	Belo	4, 5
Bõa, bõos, bonn	Boa, bons, bom	2, 3
Branco	Branco	15
Bravo	Bravo	22
Cativo	Preso	65
Certa, certo	Certa, certo	9
Chão	Cheio	61
Clara	Clara	6
Covarda	Covarde	55
Crara	Clara	29
Cruel	Cruel	4
Dereito	Direito	43
Doce	Doce	4
Dura	Dura	29
Eãyo	Vaidoso	2
Encreu	Incrédulo, infiel	22
Enteiro	Inteiro	61
Escura	Escura	39
Esquiva	Áspera, desagradável	45
Estranna, estrãyo	Estranha, estranho	2
Estreito	Estreito	58

Falssso	Falso	5
Felon	Traidor, falso	8
Fêo	Feio	15
Fero	termo superlativante	25
Fondo	Fundo	25
Fran	Franco	16
Gaffo, gafo	Leproso	5, 93
Garrida	Travessa	79
Gentil	Gentil	5
Gran, grandes	Grande, grandes	3, 4
Grave	Grave	49
Greu	Penoso, difícil	4
Igual	Igual	72
Justo	Justo	70
Leal	Leal	5
Leda, ledó	Alegre	7, 11
Longo	Longo	47
Loução	Galhardo, garboso	26
Louco	Louco	65
Maa, mao	Má, mau	6
Magro	Magro	47
Mansso	Manso	6
Manña	Estéril	21
Mayor	Maior	5
Mellor	Melhor	4
Mẽores	Menores	96
Mudo	Mudo	31
Myudo, miudo, meudo	Miúdo	28
Negro	Negro	3

Neicio	Néscios	38
Nobre	Nobre	9
Nulla	Nula	2
Nuu	Nu	65
Pobre	Pobre	5
Prenne	Grávida	7
Preto	Preto	9
Pura	Pura	39
Rafez	Vil, de baixa qualidade	5
Rica, rico, riqu'	Rica, rico	9
Roto	Andrajoso	65
Rouco	Rouco	65
Sandeu, sandia	Louco, louca	5
Santa, santo	Santa, santo	2, 16
São	São, saudável	6
Sobejo	Abundante, excessivo	23
Sobervio	Soberbo	45
Sordo	Surdo	69
Sotil	Fraco	5
Triste	Triste	11
Verde	Verde	42
Vermello	Vermelho	73
Vil	Vil	5
Vivo	Vivo	6

Adjetivos derivados		
Adjetivo	Significado	Cantiga
Aficada, aficado	Insistente, empenhada	1, 11
Abalado	Abalado	88
Aberta	Aberta	9
Aconpanhada	Acompanhada	17
Afazendada	Solícita, ocupada	23
Aguçosa	Apressado, diligente	94
Amansado	Tornado manso	36
Aorada	Adorada	70
Aparellado	Preparado, disposto	15
Apartado	Separado	95
Ardido	Valente, corajoso	63
Armados	Armados	38
Arrizado	Forte, rijo, valente	88
Arrufados	Vaidosos, presumidos	38
Arteira	Esperta, sagaz	43
Assebrados	Reunidos	38
Assuada	Reunida, ajuntada	1
Astroso	Desgraçado, infeliz	37
Atrevudo	Atrevido, insolente	2
Avondada	Farta, cheia de	1
Avondosos	Que tem abundância	48

Barvudo	Com barba	28
Bēeyta, bēeitos	Benta, bentos	1
Ben mandados	Ordenados	15
Ben ordinnado	Bem organizado	54
Ben razõada	Inteligente	11
Benaventurada	Bem-aventurada	1
Beyçudo	Beiçudo	28
Botado	Alterado	88
Canssada	Cansada	1
Cantada	Cantada	32
Celestial	Celestial	14
Ceosa	Ciosa	42
Certão, certãa	Certo, seguro	69
Certeira	Certa	43
Chorosos	Chorosos	48
Coitoso	Aflito, desgraçado	37
Companneyra	Companheira	71
Comprida	Cheia, perfeita	9
Confessado	Confessado	19
Connoçudo	Conhecido	25
Conprada	Comprada	48
Contada	Contada	1
Corõada	Coroada	75

Costumada	Acostumada	59
Coytada	Coitada	1
Culpado	Que tem culpa	11
Dada	Dada	1
Defumados	Enegrecidos com fumo	39
Demoniados	Endemoniados	38
Dereitureira	Justa, justiceira	43
Desaconsellada	Privado de conselhos	1
Desasperado	Desesperado	11
Descomunal	Descomunal	72
Descreudos	Incrédulo, descrente	46
Desejosos	Desejosos	48
Desleal	Desleal	42
Desnudados	Desnudados	38
Dobrada	Dobrada	32
Doente	Doente	54
Doorida	Dolorida	12
Doorosa	Dolorosa	78
Dourados	Dourados	38
Ençimado	Terminado, acabado	65
Enganado	Enganado	65
Enganador	Enganador	41
Engêoso	Inteligente	6

Enlumêada	Iluminada	1
Enrugada	Enrugada	75
Ensserrada	Encerrada	17
Enssinada	Ensinada	1
Entallados	Entalhados	38
Entornada	Entornada	1
Envergonnado	Envergonhado	1, 65
Errado	Que errou, culpado	11, 65
Escolleito	Escolhido	77
Escorreito	Escorrido	77
Espantosa	Espantosa	78
Esperital	Esperitual	16
Estendido	Estendido	28
Falido	Falido	2
Fazedor	Caritativo, que mostra caridade	9
Feyta	Feita	1
Ficado	Colocado de joelhos	38
Fito	Fincado	15
Fremoso, fremosa	Formoso, formosa	2
Fumosa	Que exala fumo ou vapores	78
Furtada	Roubada	34
Garridelinna	Travessa	79
Goyosa	Gozosa	78

Grãada	Generosa, liberal	1, 65
Groriosa	Gloriosa	8
Guardada	Guardada	1
Guysada, Guisado	Preparado, pronto	14, 35
Infernal	Infernal	58
Irado	Irado	11
Jusão, jusãa	De baixo, inferior	69
Justiceiro	Justiceiro	45
Lazerado	Pobre, miserável	88
Leixada	Deixada	75
Leterado	Culto, instruído	54
Loda	Louvada	17
Malapreso	Grosseiro	19
Malaventurados	Mal aventurados	38
Malcreente	Descrente	45
Maldito	Maldito	9
Malfadado	Infeliz, desgraçado	11
Malfeitor	Criminoso	13
Maltreito	Maltratado	15
Malvaz	Malvado	12
Maravillada	Maravilhada	17
Maravilloso	Maravilhoso	18
Matinal	Matinal	73

Meguadosos	Necessitados, indigentes	48
Menguada	Minguada	1
Mentiral	Mentiroso	42
Mentireira	Mentirosa	43
Mentirosa	Mentirosa	43
Merjudas	Abaixadas, inclinadas	31
Mesquinno	Pobre, miserável	9
Mesurada	De maneiras comedidas	75
Metudo	Metido	9
Misericordiosa	Misericordiosa	65
Montes	Montês, dos montes	52
Mortal	Mortal	42
Morto	Morto	5
Mostrada	Mostrada	1
Movudo	Movido	28
Nado	Nascido	21
Namorado	Apaixonado	16
Natural	Natural	81
Nerviosos	Nervudos	42
Nojosos	Aborrecidos, descontentes	37
Obediente	Obediente	37
Odeito	Atado, ligado	39
Offereçudas	Oferecidas	77

Omildosos	Humildes	20
Onrrada	Honrada	1
Ordinnado	Ordenado, posto em ordem	88
Orguloso	Ogulhoso	47
Ousado	Ousado	2
Pareçuda	Parecida	67
Parleira	Faladora	31
Pecejadas	Despedaçadas	43
Pequenã, pequeninno	Pequenina	54
Perdidosos	Prejudicados, com perda	48
Perdudo	Perdido	61
Perfiado	Porfiado, teimoso	8
Perigoosa	Perigosa	65
Perlongada	Prolongada	1
Piadosa	Piedosa	10
Pintada	Pintada	34
Poderosa	Poderosa	16
Preçada	Prezada	1
Preciosa	Preciosa	1
Preguiçosos	Preguiçosos	37
Prennada	Grávida	1
Privado	Favorito	11
Provada	Provada	2

Quedado	Sossegado, acalmado	9
Quedo	Tranquilo, quieto	9
Quita, quito	Livre, isento(a)	9
Recreudo	Covarde	28
Religiosos	Religiosos	48
Revoltosa	Revoltante	78
Rissonna	Risonha	7
Romão, romãa	Romano, romana	69
Rosada	Da cor rosa	39
Saboroso	Saboroso	6
Sabuda	Sabida	62
Sagrada	Sagrada	2
Salgada	Salgada	95
Salva	Salva	2
Sannudo	Repleto de sanha, de raiva	5
Santivigada	Benta, santificada	89
Senlleira	Sozinha, única	43
Sentada	Sentada	75
Sinaado	Determinado	88
Sisudo	Sisudo	28
Sobervioso	Soberbo	19
Teçudos	Tecidos	46
Temudo	Temido	28

Tendudo	Estendido	28
Terreal	Terrestre	42
Terreiro	Que inspira terror, feroz	45
Tesoureiro	Tesoureiro	8
Tortiçeiro	Que comete injustiça	75
Vagarosos	Lentos, demorados	37
Veloso	Que tem velo	47
Verdadeyro	Verdadeiro	15
Viçoso	Delicioso, agradável	45